

## SAUDE PUBLICA

## ENVENENAMENTO DE CHUMBO, CAUSADO PELO USO DE LEGUMES

O dr. De Loos relata, no *Weekblad van het nederlandsch tydskrift voor Geneeskunde*, uma observação que prova que as plantas podem absorver os saes de chumbo e adquirir propriedades toxicas.

Chamado a dar os seus conselhos a uma familia que apresentava symptomas de entoxicação saturnina, sem que ella soubesse a causa, o doutor tratou de procurar o corpo de delicto nos legumes provenientes de um terreno sobre o qual havia estado, doze annos anteriormente, uma fabrica de alvaiade.

A incineração dos legumes suspeitos fez descobrir no residuo uma quantidade de chumbo tal, que foi muito facil proceder-se á analyse quantitativa.

Um rabano, que pesava 650 gram., continha 0,01 gram. de chumbo metallico; um outro, do mesmo peso com pouca differença, continha 0,0136 gram.; em seis cenouras, pesando todas 272 gram., encontrou-se 0,0173 gram.; finalmente, a analyse de quatro plantas de almeirão apresentaram 0,13 gram. do dito metal.

As cinzas continham igualmente cobre, mas em proporção tão minima, que foi difficil fazer-se a analyse quantitativa.

Esta observação prova que, nos casos de entoxicação saturnina, dando-se a mesma desconfiança, é indispensavel não perder de vista todos os objectos que cercam o doente.

(*Le Monde pharmaceutique et médical.*)

FALSIFICAÇÕES DOS VINAGRES BRANCOS E DO AZEITE VERDE  
DE MALAGA

Pelo sr. C. Cailletet

Dos vinagres brancos.

Encontram-se no commercio diferentes especies de vinagre branco provenientes do vinho branco, cidra, cerveja, acido pyrolenhoso adicionado de agua e substancia còrante.

O vinagre obtido com o vinho branco precipita abundantemente pelo acetato de chumbo; o que não foi fabricado com o vinho dá precipitado pouco aparente.

O vinagre de vinho, fervido com o bichromato de potassa, colora-se em vermelho mais ou menos carregado, segundo a quantidade de tartrato que contém; esta coloração é semelhante á da glucosa fervida com a potassa: não produz coloração quando elle tenha sido obtido com outro liquido não vinoso.

A analyse é feita do modo seguinte:

Soluto saturado de bichromato de potassa . . . 5<sup>cc</sup>

Vinagre suspeito . . . . . 5<sup>cc</sup>

Introduza tudo em tubo de ensaio, de capacidade sufficiente, faça ferver por espaço de 30 segundos approximadamente; a coloração vermelha manifesta-se durante a ebullicão e augmenta pelo resfriamento.

#### Azeite verde de Malaga

No commercio tem sido encontrado um oleo vendido com o nome de azeite verde de Malaga e que não é. Este oleo é córado pelo acetato de cobre, propriedade que têm todos os outros oleos gordos que dissolvem o dito acetato a quente.

Para reconhecer esta fraude introduza em uma proveta de sufficiente capacidade e rolhada:

Ether sulfurico a 65° . . . . . 5<sup>cc</sup>

Acido pyrogallico . . . . . 1 decigram.

Dissolva e ajunte:

Azeite suspeito . . . . . 10<sup>cc</sup>

Tape a proveta e agite um instante. Em pouco tempo o oleo colóra em escuro; passado algum tempo de repouso deposita pyrogalható de cobre.

O azeite verde de Malaga puro e todos os outros oleos animaes e vegetaes, tratados pelo ether e o acido pyrogallico, não produzem coloração quando não contém nenhum metal em dissolução.

(*Journal de pharmacie et de chimie.*)

J. D. CORRÊA.

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

## PHARMACIA

## SOLUTO DE BROMHYDRATO DE CICUTINA

Pelos srs. Beaumetz e Morrut

Bromhydrato de cicutina crystalli-	
sado.....	0,30 gram.
Hidrolato de hortelã pimenta.....	50,00 »
Hidrolato simples.....	250,00 »

Misture. Uma colher das de sopa contém 1 centigramma de sal.

## SOLUTO HYPODERMICO DE BROMHYDRATO DE CICUTINA

Pelos srs. Beaumetz e Morrut

Bromhydrato de cicutina crystalli-	
sado.....	0,50 gram.
Alcool a 90°.....	1,50 »
Hidrolato de louro-cerejo.....	23,00 »

Misture. Um gramma de soluto contém 2 centigrammas de sal; uma gota contém 1 milligramma.

## VINHO SALICYLICO

Pelo sr. Maury

Acido salicylico.....	3 gram.
Vinho moscatel.....	1:000 »

F. s. a.

## GARGAREJO SALICYLICO

Pelo sr. Wagner

Acido salicylico.....	1,3 gram.
Alcool.....	15,0 »
Agua distillada.....	150,0 »

F. s. a. Contra as diphtherias.

## ELIXIR ESTOMACHICO

Pelo sr. Gendrin

Agua de hortelã pimenta.....	250	gram.
Extracto de cascarilha.....	} ãa 5	»
Extracto de losna.....		
Extracto de genciana.....		
Extracto de mirra.....		
Flores seccas de macella.....	6	»
Cascas seccas de laranja azeda.....	10	»
Carbonato de potassa puro.....	15	»

Faça macerar por espaço de dois dias e filtre.

Emprega-se nos casos de dyspepsia flatulenta, nidorosa, de constipação rebelde, onde se encontra resultado mais seguro que os purgativos e os clysteres.

Administra-se na dóse de uma colher das de café, um quarto de hora antes de cada comida principal, em uma chavena de agua ou de infuso de herva cidreira, de macella, aniz, salva, etc.; nos casos de dyspepsia rebelde, a mesma dóse será administrada um quarto de hora antes e outro quarto de hora depois de ter comido.

## EMULSÃO DE CARNE

Pelo sr. Kemble

Carne de vacca.....	180	gram.
Amendoas doces.....	30	»
Amendoas amargas.....	24	»
Assucar.....	24	»
Glycerina.....	60	»
Agua q. b. para emulsão.....	420	»

Triture a carne, as amendoas e o assucar em almofariz de pedra, para reduzir tudo a polpa fina; ajunte a pouco e pouco a agua e cõe por tamiz ou panno de linho; o residuo será tratado de novo pelo restante da agua e coado da mesma maneira; addicione a glycerina e complete 420 grammas. A dóse é de 30 grammas.



## GLYCEROLEO DE IODO E TANNINO

Pelo sr. Lespian

Tannino.....	1 gram.
Tinctura de iodo.....	10 »
Glycerina.....	10 »

Misture. Quando a tricophytia não está muito augmentada e encontra-se nas regiões onde o systema pilloso é pouco desenvolvido, unta-se as partes doentes com o glyceroleo. Duas unções por dia, durante quatro dias, são sufficientes para destruir o tricophyton; é preciso untar, não só as partes doentes, senão a pelle na circumferencia de dois centimetros, para matar os germens parasiticos.

## GRANULOS DE CYANETO DE ZINCO

Pelo sr. Sauveur

Cyaneto de zinco.....	5 milligram.
Gomma arabica.....	9 gram.
Assucar de leite.....	9 »

F. s. a. um granulo.

Administram-se 2 a 5 granulos por dia progressivamente, contra o rheumatismo articular agudo.

## LICOR DENTIFRICIO

Pelo sr. Gendrin

Tinctura distillada de rabano rustico.....	250 gram.
Espirito de hortelã pimenta.....	50 »
Sabão de potassa pura feito com oleo de amendoas doces.....	25 »

Cochonilha q. b. para córar.

Macere por quinze dias e filtre.

Administra-se contra as affecções dyspepticas, sendo muitas vezes devidas ao mau estado dos dentes e das gengivas; n'este caso, recommenda-se fazer esfregar, duas vezes por dia, os dentes e as gengivas com escova molhada d'este licor dentifricio.

## PASTILHAS DIGESTIVAS

Pelo sr. Borivent

Assucar.....	1:000	gram.
Subazotato de bismutho.....	0,020	»
Phosphato de cal.....	0,030	»
Carbonato de soda.....	0,010	»
Carbonato de magnesia.....	0,200	»
Carbonato de ferro.....	0,050	»
Essencia de hortelã pimenta, aniz ou flor de laranjeira, q. b. para aro- matizar.		

F. s. a. pastilhas de 1 gramma. Administram-se tres a doze por dia.

## REMEDIO PARA CURAR E PRESERVAR A VARIOLA (BEXIGAS)

Pelo sr. L. A. Corrêa

Agua alcoolizada $\frac{1}{20}$ .....	150	gram.
Tinctura de sarracenia purpurea.....	15	minimos
Misture.		

Logo que appareçam os signaes de erupção variolosa, e ainda que esteja mais adiantada, o uso d'este remedio a modifica, torna benigna e de marcha regular.

*Modo de administração.*—Dóse, 15 grammas de quatro em quatro horas, e nos intervallos agua de frangão ou de galinha até melhorar.

*Como preservativo.*—Em tempo de epidemia de bexigas, as creanças que são as pessoas mais sujeitas a soffrel-as não sendo vaccinadas, e que estejam em casa onde já as haja, tomarão 10 grammas d'este remedio, pela manhã e de tarde, e assim continuarão durante a epidemia.

NOTA.—O alcool usado é de vinho a 36° de Cartier.

Minimo é  $\frac{1}{60}$  em que se divide a *fluid drachm* ingleza.

Veja *Correio medico* de 15 de dezembro de 1871, pag. 142, e *Diario de noticias*, n.º 3:878, de 1 de dezembro de 1876.

## XAROPE DE CHLORAL

Pelo sr. dr. Garipuy

Hydrato de chloral .....	3 gram.
Agua distillada.....	50 »
Xarope de groselha.....	60 »
Essencia de hortelã pimenta.....	2 gotas

Misture. Administra-se até 45 grammas, contra a doença do *enjôo da terra*, quando se apresentam as vertigens e os vomitos causados pelos balanços ou a trepidação de uma carroagem ou do caminho de ferro; similhantemente como tem procedido o sr. Giraldès na doença do *enjôo do mar*.

## SOLUTO DE AZOTATO DE ALUMINA

Pelo sr. dr. Gill

Azotato de alumina.....	1 a 6 gram.
Agua distillada.....	30 »

Faça solver. Applica-se contra o prurido vulvario, lavando as partes sexuaes duas vezes por dia com este preparado, de manhã e á noite. Deve igualmente ser empregado em injeções na vagina.

## SULFITO DE SODA EMPREGADO EM DIVERSOS CURATIVOS

Pelo sr. Pietra Santa

Sulfito de soda .....	10 gram.
Agua de flor de sabugueiro.....	120 »
Alcool camphorado.....	2 »

Misture para uso externo.

N.º 2

Sulfito de soda .....	10 gram.
Agua de rosas.....	120 »
Glicerina.....	30 »

Misture para uso externo.

São empregados com bom exito nos casos seguintes :

1.º Para curativo das queimaduras e ferimentos quando existe supuração ;

2.º Em gargarejos, quando existem falsas membranas sobre as mucosas boccaes e pharyngiannas, e em torno das amygdalas ;

3.º Em loções, sobre a pelle nos casos de eczêma, erythêma do rosto, e no tratamento das mulheres puerperas ;

4.º Em injectões, nos casos de flores brancas, de dysmenorrhéa, erupções acneiformes das partes genitaeas.

J. D. CORRÊA.

## CHIMICA

### NOVA FALSIFICAÇÃO DO SULFATO DE QUININA

Pelo sr. dr. Jaillard, pharmaceutico

Apressámo-nos em participar aos nossos leitores uma nova fraude.

O preço elevado do sulfato de quinina continúa a excitar a ambição dos commerciantes de má fé. Conhece-se já um grande numero de falsificações do producto que nos occupámos ; ninguem ignora o prejuizo que o sulfato de quinina falsificado pôde causar á saude publica.

A falsificação, sobre a qual chamámos a attenção, excede em audacia e destreza de execução ás que já têm sido reconhecidas.

O sulfato foi encontrado em frascos de 30 e de 15 gram., identicos aos da casa Pelletier, Delondre e Levaillant, trazendo exactamente o mesmo letreiro e o mesmo sinete em lacre vermelho, tudo muito semelhantes.

O sal contido nos frascos tem a apparencia do sulfato de quinina ; é em pequenas agulhas sedosas, incolores e brilhantes.

Este sal apresenta, porém, um caracter distinctivo, é excessivamente soluvel na agua e o soluto produz resfriamento muito notavel ; este caracter e o seu pouco amargor attrahe a

atenção de alguns colonos habituados ao uso do sulfato de quinina.

Com estas indicações e, depois de obtermos de um colono um vidro de sulfato suspeito, procedemos á analyse.

O sal é muito solúvel.

O soluto é ligeiramente amargo e apresenta as reacções da quinina.

Produz pequena porção de precipitado pelo chloro de bario.

Apresenta coloração verde da quinina com o chloro e a ammonia.

A reacção vermelha com o chloro e o ferrocyaneto acidulado.

Precipita em amarello pelo phosphomolybdate de soda.

Pelo acido sulfurico concentrado obtem-se ligeira coloração amarella (indica a quinidina).

Estas diversas reacções descobrem a presença de pequena quantidade de sulfato de quinina; mas a maior parte do producto é formado por um sal de potassa, cujo acido organico parece-nos ser o acido salicylico.

O sal, calcinado no cadinho de platina, decompõe-se e dá vapores mui fuliginosos, espalhando cheiro ás vezes aromatico e empyreumatico.

Finalmente, deixa residuo incolor fusivel, que se concreta pelo resfriamento.

Este residuo, solúvel na agua, communica-lhe a reacção alcalina, solúvel no acido chlorhydrico com effervescencia; o soluto precipita pelo chloro de platina, pelo acido tartrico, e indica evidentemente o carbonato de potassa.

Em resumo, este falso sulfato de quinina é a mistura de pequena quantidade de sulfato verdadeiro e de um sal de potassa com acido organico, que póde ser o salicylato, obtido provavelmente em agulhas sedosas pela sua crystallisação no alcool.

Dando conhecimento d'esta fraude, pretendemos chamar a atenção da auctoridade sobre o bufurineiro d'estes frascos,



visinho dos colonos, incapazes de julgar da qualidade d'este producto.

(*Alger médical.*)

J. D. CORRÊA.

## PEÇAS OFFICIAES

### EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

Sessão de 28 de junho de 1877

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Não estando presente o sr. presidente, abriu a sessão o vice-presidente.

Procedeu-se á leitura da acta da sessão anterior, a qual foi approvada.

O sr. *primeiro secretario* fez a exposição dos objectos doados e a leitura da

#### Correspondencia

Officios: — 1.º Do ex.<sup>mo</sup> sr. Francisco Pereira Figueiredo, lente bibliothecario da escola polytechnica, que, em nome da sociedade Smithsonian Institution, Estados Unidos, solicitára a troca do nosso jornal com o d'aquella corporação.— Aceite.

2.º Do socio correspondente Jacinto Heliodoro José de Mello, Peniche, sobre negocios de thesouraria.— Expediu-se officio e remetteram-se os recibos.

3.º Do socio corresponte José de Miranda Sarmento, Mertola, fazendo varias observações sobre uma sua pretensão, e referindo-se a negocio da thesouraria.— Inteirada.

4.º Do socio correspondente João Gonçalves Barrigdo Bravo, de Mertola, sobre negocios da thesouraria.— Inteirada.

5.º Do socio correspondente Abilio Nunes Guardado, Olhalvo, sobre negocios da thesouraria.— Escreveu-se-lhe em 18, esclarecendo as duvidas das quotas.

O sr. *Felix Ferreira* pediu a palavra e, circumstanciando todo o occorrido com o sr. Sarmento, relativamente á collec-

ção dos jornaes d'esta sociedade, fez varios considerandos, que a sociedade acatou.

O sr. *Delicioso* emittiu a sua opinião no mesmo sentido.

O sr. *presidente* agradeceu, em nome da commissão da pharmacopêa, a generosa vontade com que a sociedade pozera á sua disposição a sala das sessões, bibliotheca, etc.

#### Ordem do dia

##### Propostas

O sr. *José Dionysio Corrêa* mandou para a mesa uma proposta, para que fossem eliminadas as instrucções n.ºs 9, 10 e 15 da portaria circular, expedida em 25 de outubro de 1853.—Remettida á commissão de direito pharmaceutico.

O mesmo socio fez ainda outras propostas, que apresentou, com referencia á lei de 12 de agosto de 1854, na parte respectiva á instrucção preparatoria dos alumnos pharmaceuticos.—Remettida á commissão de direito pharmaceutico.

##### Segundas leituras

Teve segunda leitura uma proposta apresentada pelo socio João de Jesus Pires, ficando eleito socio, depois das formalidades do estylo, o pharmaceutico Pedro Fernandes da Cunha.

Outrosim foi proclamado socio correspondente, o pharmaceutico João Rodrigues de Noronha Junior, Azambuja, apresentado sob proposta do socio effectivo José Pereira Rodrigues.

O sr. *presidente* estando a hora adiantada encerrou a sessão, dando para ordem da noite da sessão seguinte, pareceres e projectos.—O segundo secretario, *João Jesus Pires*.

---

#### VARIEDADES

Discurso do director da escola medico-cirurgica de Lisboa, o sr. dr. Thomaz de Carvalho, por occasião do enterramento do dr. Bernardino Gomes.— «Senhores. Raros serão os individuos da geração medica actual que não conhecessem

de perto o insigne varão, cujos restos mortaes acompanhámos á ultima morada.

«Todas as sociedades scientificas do paiz timbraram em haver-o no seu gremio; era academico emerito; foi por longos annos professor da escola medico-cirurgica de Lisboa. A sua vasta erudição estendia-se a toda a esphera das sciencias naturaes e ninguem tanto combateu e lidou com obstinada pertinacia para que ellas prosperassem e florescessem nos institutos de Portugal. Os livros que successivamente compoz, as innumeradas memorias que publicou grangearam-lhe a reputação universal, que doirava o seu nome, como uma gloriosa aureola.

«Quando moço, alistou-se na aventureosa expedição dos novos argonautas que vieram conquistar para o paiz o pomo de oiro da liberdade. Exilado na flor dos annos, com as amarguras do desterro sentia mais vivo e inflammado o seu amor pela terra onde nascêra; e por tal modo se lhe entranhou este affecto no espirito e no coração, que será elle quem illuminará as mais bellas paginas da sua biographia. Não foi só com a palavra que batalhou valorosamente pela idéa, foi empunhando a espada no legendario cerco do Porto, e arrostando a miseria, a fome, as epidemias que ameaçavam suffocar a liberdade no seu berço com mais poderoso alcance do que as armas inimigas.

«Mas ao passo que era um valoroso soldado d'aquella cruzada santa, já então a sua sciencia fôra reconhecida, aproveitando os generaes os seus talentos medicos na suprema crise que affligia o pequeno exercito expedicionario. Não cumpre n'este momento doloroso narrar os serviços extraordinarios e relevantes que prestou; bastará dizer que estiveram sempre á altura de tão angustiosa situação.

«Quando muitos, e dos mais corajosos desanimavam na presença de tantas desgraças accumuladas, o espirito do joven medico não desfallecia, e com o seu exemplo estimulava os tibios e os descrentes a confiarem resolutamente na Providencia e no futuro.

«Venceu finalmente a idéa, que é sempre quem vence nas asperas luctas d'este mundo. Enganam-se os que pensam acorrentar o espirito, appellando para a brutalidade da força, e suppondo esmagar o direito. Cegos não vêem a contingencia das suas victorias; orgulhosos não percebem como são precarias as suas vãs glorificações! A historia, implacavel espelho, ao passo que reflecte em vivas côres os combates dolorosos da humanidade, representa ao mesmo tempo a marcha successiva e triumphante do progresso.

«Terminada a guerra civil começou o trabalho da reorganisação em que foi comprehendida a escola medico-cirurgica.

«Para a sua reforma concorreu Bernardino Antonio Gomes, e foi elle um dos professores a quem incumbiu transplantar os novos methodos do ensino que sollicitamente aprendêra nas academias estrangeiras. Na cadeira a sua exposição era clara e breve; e se não primava pela alta eloquencia, que tantas vezes desvia do rigor, era por tal fórma instructiva e solida que subjugava imperiosamente a attenção dos que o ouviam. Raro predicado, e invejavel talento aquelle que sem recorrer ás fórmas vulgares e banaes da oratoria, sabe fazer amar a austeridade da sciencia pela simples interpretação das suas maravilhas.

«Por largo espaço a escola se prezou de ter no seu gremio o activo e diligente professor, a quem nenhum outro vencia na assiduidade, no zêlo e no amor das suas obrigações. Não foi a idade, não foi a canceira do ensino que o afastaram da cadeira da escola; mas o desejo de pôr o ultimo remate a muitos trabalhos de sciencia que lhe occupavam o espirito, e de dar satisfação ás commissões officiaes, em que os poderes publicos empregavam o seu reconhecido zêlo e provada capacidade.

«N'esta labutação constante, n'esta lucta de todos os dias e de todas as horas, uma inesperada depressão das forças vitaes veiu colhel-o subitamente, não deixando logo aos primeiros arremeços nenhuma esperanza de restabelecimento. Amar-

ga e dolorosa crise para todos; menos para elle que immediatamente conheceu quanto era profundo e irremediavel o golpe da doença. Viu claramente a dissolução, e não a temeu; poz os olhos na Providencia divina, e esperou com resignada conformidade a hora de lhe dar as suas contas.

«Para quem sempre adorára a natureza não havia que receiar apresentar-se diante do seu auctor. Quando já lhe faltava a luz externa e o mundo lhe fugia no seu ultimo e debil raio, outra luz mais brilhante lhe illuminava a intelligencia e desfazia as cerrações supersticiosas, que costumam condensar-se em volta dos moribundos. Ninguem melhor do que o grande professor sabia, que o corpo era da terra, a mãe common, e pertencia o espirito ao Creador de todas as causas a cujo seio brevemente e confiadamente ia acolher-se. Ninguem melhor do que elle sabia que a morte, a bem dizer, é simplesmente uma resurreição. Por isso na derradeira hora a placidez do seu bello rosto, denunciava aquella satisfação suprema dos que partem, havendo cumprido honradamente a sua missão na terra.

«Na sciencia como na virtude ha familias privilegiadas. O pae de Bernardino Antonio Gomes, foi um sabio que honrou a patria, fazendo conhecido e respeitado o seu nome em toda a Europa culta. O filho herdou-lhe os talentos e continuou a sua gloriosa tradição. Os netos, que hoje deploram connosco a perda irreparavel do insigne professor, já deram ao paiz as sufficientes garantias de que não se apagará n'elles a illustração da sua familia.

«Sirva-nos a todos de exemplo uma vida tão bem estreada na sciencia como bem acabada e perfeita na virtude.

«N'este funebre acto de confiarmos o seu corpo á terra, no momento da derradeira despedida, recordemo-nos do seu grande amor á liberdade, para a estremecermos como elle; da sua immensa dedicação ás letras, para as glorificarmos como elle fez. *Non omnis moriar*, podia dizer sem vaidade quem trabalhou uma existencia inteira pelos progressos e pela fortuna do paiz, porque o seu nome ha de sobreviver glorioso



na memoria dos vindouros, como está gravado com saudade no coração de quantos o conheceram, amaram e respeitaram.»

**Discurso do sr. Sousa Martins, no enterramento do dr. Bernardino Gomes.** — «Senhores. Do medico Bernardino Antonio Gomes resta-nos o cadaver e o nome! Um cadaver que a todos nos enluta; um nome que a todos nos assombra.

«Mestre! Se te fosse licito medir a funda mágua que o teu passamento esculpiu no coração de quantos poderam aquilatar as tuas singulares virtudes, achal-a-ias igual á admiração d'aquelles que uma vez tentaram inventariar o legado enorme da tua brilhante carreira scientifica. De teus labios, para sempre immobilizados pela morte, não mais sairá a palavra eloquente em que nos transmittias as revelações da sciencia, como só conseguem fazel-o os que ella considera seus filhos mais dilectos; mas, os teus numerosos escriptos, immorreduros como a gloria a que servem de pedestal, testemunharão a quem não lograsse ouvir-te na tribuna de academico ou na cadeira de professor, quão assombroso fôra o producto da tua febril actividade posta, durante mais de meio seculo, ao serviço da tua robustissima intelligencia.

«Não carece dos favores em que a necrologia costuma ser prodiga, a memoria d'aquelles que na constante pratica do «bem» e na inconstante pesquisa do «verdadeiro» consumiram inteira a existencia. Ao limitado numero d'esses eleitos pertenceu, senhores, o dr. Bernardino Gomes.

«Herdeiro de um nome inscripto em letras de oiro nas paginas da nobiliarchia scientifica do nosso paiz, lidou toda a vida para acrescentar ás glorias que desde o berço o haviam tornado illustre aquellas que os seus talentos e virtudes possessem conquistar-lhe. E — sabe-o quem privou na sua intimidade — não o faria tanto com a mira no engrandecimento pessoal como no intuito de reverberar para sobre o nome do pae idolatrado o esplendor que se irradiava da aureola scientifica do filho, nobilitado tambem pelo trabalho proprio.

«Trabalho! Trabalho perseverante como o de nenhum outro. Perseverante a ponto de fazer o desespero dos collegas que, em idades mais adequadas á intensa cultura intellectual, tinham de reconhecer-se excedidos pela complexidade dos conhecimentos que, a proposito dos mais recentes problemas da medicina, eram de prompto exhibidos pelo venerando ancião.

«Dir-se-ia que as suas cãs mais significavam uma ironia de organismo do que uma affirmação da chronologia. Eram para maravilhar o entusiasmo e a confiança com que, perto já dos setenta annos, o seu espirito sempre moço, se embrenhava nos mais confusos labyrinthos, não só da medicina, mas da hygiene social, da botanica, da geographia e de outras sciencias, para sair de lá victorioso, ou fosse pela acquisição de uma verdade nova, ou fosse, quando menos, pela certeza de não haver sido excedido na diligencia com que de balde a procurára.

«D'esta incomparavel tenacidade de trabalho se gerou a doença que lhe abriu o tumulo. O cerebro, que tanto n'elle vivêra, chegou, primeiro que os demais orgãos, ao termo da sua existencia. Aos collegas que por dever de officio lhe assistiram na lethifera enfermidade, confessava elle, quando ainda não estava de todo sumida a luz da razão, o quanto lhe seria penoso sobreviver á propria decadencia intellectual. Para elle, viver era estudar!

«Senhores: Aos biographos competirá enumerar e apreciar uma a uma as produções scientificas do conselheiro Bernardino Gomes, commemorar os successivos triumphos da sua vida de clinico e patentear o seu alto valor civico. É mais modesto o meu encargo. Venho apenas desfolhar sobre aquella campa uma saudade orvalhada pelas lagrimas dos companheiros a quem elle presidiu na elaboração da pharmacopêa portugueza. Não permittiu a sorte adversa que o obreiro infatigavel chegasse a ver amadurecidos os fructos da arvore que com tanto amor cultivára. Embora! Esse livro, de que eu não posso ser o critico, representava para o conselheiro Gomes,

conforme elle mesmo se aprazia em confessar, o saldo da velha divida contrahida para com a litteratura medica de Portugal quando, professor effectivo da cadeira de materia medica na escola de Lisboa, déra á estampa os seus notaveis «Elementos de pharmacologia geral». Felizes os que, ao desprenderem-se da vida, conseguiram, como o dr. Bernardino, liquidar os seus debitos á sciencia.

«Senhores: Se a voz do collaborador obscuro pudesse unir-se á do discipulo reconhecido e do amigo affectuoso, tambem em meu nome commemoraria as excelsas qualidades d'aquelle mestre eminente a quem devi conselhos e distincções, que tornarão para mim sacratissima a sua memoria. Disse.»

**Acido benzoico.**—No commercio encontra-se algumas vezes misturado com o carbonato ou o sulfato de cal, assucar, etc.

Conhece-se esta falsificação, tratando o acido benzoico suspeito com o alcool a quente, que separa o carbonato ou o sulfato de cal que são insolúveis; o mesmo acido, quando puro, é perfeitamente volatil pela acção do calor.

A presença do assucar no acido benzoico descobre-se tambem ajuntando ao producto suspeito pequena quantidade de acido sulfurico concentrado; o acido benzoico puro não córa, em quanto que o impuro adquire a coloração escura.

**Brometo de potassio.**—Póde conter bromato, carbonato, sulfato, chloreto, iodeto de potassio.

O bromato de potassa provém da calcinação imperfeita do brometo, e reconhece-se facilmente ajuntando, ao soluto do sal suspeito, algumas gotas de acido chlorhydrico puro, que produz coloração amarella devida ao bromo posto em liberdade.

O carbonato de potassa dá com a agua de cal precipitado branco de carbonato de cal soluvel nos acidos.

O sulfato é reconhecido pelo chloreto de bario, que produz precipitado branco insolúvel no acido azotico.

O chloreto manifesta-se empregando o processo do sr. Rose: consiste em distillar o brometo com um excesso de bichromato de potassa e de acido sulfurico, recebendo o producto distillado no recipiente contendo agua fortemente ammoniacal. Se o brometo contém chloreto, fórma-se o acido chlorochromico, que passa na distillação e córa a agua ammoniacal em amarello; no caso de não ter chloreto passa sómente e a agua ammoniacal não é córada.

Os brometos de potassio do commercio são hoje, quasi todos, isentos de iodeto. Todavia, o sr. Baudrimont recomenda ainda a necessidade de proceder-se á analyse, deitando-se uma gota de chloreto de platina no soluto concentrado de brometo suspeito; se tiver iodo, produzirá coloração vermelha extremamente intensa e, não o tendo, este reactivo dará a sua unica côr ao liquido formando-se precipitado de chloroplatinato de potassio.

**Farinha de linhaça.**—No commercio é muitas vezes falsificada com as farinhas de cevada e de milho, ocre amarello, carbonato de cal, etc.

A boa farinha de linhaça amontoa-se em massa na mão fechada, e conserva a sua fórma ainda depois da pressão; produz 32 a 35 por cento de oleo e 3 a 6 de cinzas.

As farinhas de cevada e de milho, misturadas á farinha de linhaça, são reconhecidas pelo seu decocto aquoso, que se torna azul com a agua iodada.

O ocre amarello e o carbonato de cal são descobertos pela quantidade do residuo da incineração, pela côr vermelha e a natureza chimica das cinzas.

**Citrato de magnesia.**—Pela incineração não deve produzir o cheiro de assucar queimado, finda a qual deixa um residuo de magnesia insolúvel na agua.

O sr. Draper diz ter-se encontrado no commercio um pretendido citrato de magnesia effervescente, que reconheceu ser a mistura de acido tartrico, de bicarbonato de soda e de sulfato de magnesia.

**Sulfato de zinco.**—Encontra-se no commercio contendo quasi sempre sulfato de ferro e raras vezes sulfato de cobre, provenientes da impureza do sulfureto de zinco empregado na sua fabricação.

A presença do ferro reconhece-se pelo precipitado azul que o soluto aquoso do sulfato dá com o cyaneto amarello de ferro e de potassio; a presença do cobre, pelo mesmo reactivo que produz precipitado escuro-avermelhado.

**Borato de soda.**—Tem sido misturado com alumen, sulfato de soda, chloreto de sodio, phosphato de soda.

O alumen communica-lhe o sabor estyptico, adstringente e ligeiramente acido; o seu soluto produz, com o chloreto de bario, precipitado branco, insolvel no acido azotico; com a ammonia, precipitado gelatinoso de alumina.

O sulfato de soda produz o sabor salgado, amargo; o seu soluto dá precipitado branco, insolvel no acido azotico, com o chloreto de bario, e nenhum precipitado pela ammonia.

O chloreto de sodio conhece-se pelo sabor salgado d'esta substancia; o seu soluto, tratado pelo azotato de prata, apresenta precipitado branco, insolvel no acido azotico e solvel na ammonia.

O phosphato de soda effloresce-se sobre o borax, e é manifestado pelo azotato de prata, que produz no seu soluto precipitado amarello, solvel no acido azotico.

**Resina elemi.**—No commercio tem sido substituida pelo breu branco de Manilha, resina do *pinus australis*, gomma-resina da oliveira.

O breu branco de Manilha é molle, facilmente fusivel; de côr branco-amarellado; cheiro forte e penetrante, semelhante ao da semente de funcho; sabor amargo e aromatico.

A resina do *pinus australis* é inteiramente solvel no alcool a frio, o que não succede com a verdadeira resina elemi.

A gomma-resina da oliveira é bem differente e o seu aspecto faz descobrir a fraude.



**SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA**  
**Balancete do 2.º trimestre de 1877**

	Recetta	
Saldo em cofre em 1 de abril de 1877.....	194,5110	
Quotas dos membros contribuintes.....	96,5000	
Diplomas.....	1,5200	
Juros de inscrições.....	120,5000	
Análises toxicológicas.....	72,5000	
Assinaturas do jornal.....	35,3600	
Diferença da renda da casa.....	10,5000	
<b>496,5670</b>		
	Despeza	
Análises toxicológicas.....	54,5000	
Impresso do jornal.....	8,5210	
Compra de livros para a bibliotheca.....	83,9900	
Encadernação de livros para a bibliotheca.....	7,5570	
Renda da casa.....	100,5000	
Iluminação.....	2,5190	
Ondenado do continuo.....	45,5000	
Gratificação ao jardineiro.....	1,5800	
Gratificação ao escriptorario.....	9,5000	
Estampilhas para jornaes e correspondencia.....	6,5700	
Compra de livros e impressos e outras despesas de expediente.....	10,5735	
Diversas despesas.....	8,5310	
Compra de 300,5000 réis de inscrições.....	149,5400	
<b>441,5315</b>		
<b>85,5155</b>		
<b>496,5670</b>		

Secretaria da sociedade pharmaceutica lusitana, 30 de junho de 1877.

O primeiro secretario,

*Antonio Augusto Felix Ferreira.*

O thesoureiro,

*Joaquim de Sant'Anna Machado Figueiras.*

## PEÇAS OFFICIAES

## EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

Sessão de 12 de julho de 1877

Presidência do sr. dr. J. J. Alves

Pelas oito horas da noite o sr. presidente abriu a sessão, estando presentes muitos socios.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Em seguida o sr. primeiro secretario procedeu á leitura da

## Correspondencia

Officios: — 1.º Do socio subdelegado João dos Santos Paes, Angra do Heroismo, pedindo a remessa de um numero do nosso jornal. — Remettido.

2.º Do sr. João Vicente Duarte Ferreira, secretario da commissão de festejos, installada na rua dos Calafates, solicitando da sociedade alguns objectos de decoração, para a sua sessão solemne. — Concedido.

3.º Do socio João Rodrigues de Noronha Junior, Azambuja, accusando a recepção de alguns numeros do jornal. — Inteirada.

4.º Da academia de sciencias medicas de Barcelona, convidando a sociedade a estabelecer correspondencia com ella. — Aceitou-se o convite.

5.º Da procuradoria regia, solicitando o laboratorio para n'elle se proceder á analyse de umas visceras suspeitas. — Inteirada.

6.º Do sr. José de Freitas e Oliveira, pharmaceutico em Vizella, sobre questões de direito pharmaceutico. — Respondido.

7.º Do sr. Manuel Francisco do Amaral, Albufeira, sobre negocios de thesouraria. — Inteirada.

8.º Do sr. José Maria de Castro Bacellada, sobre negocios de thesouraria. — Inteirada.

9.º Do sr. José Rodrigues de Noronha Junior, sobre negocios de thesouraria. — Respondido.

## Proposta

Foi apresentada uma proposta de candidato, para membro correspondente nacional, pelo socio effectivo, o sr. Ramon Ortiz. — Ficou para segunda leitura.

O sr. *Machado* fez uma proposta de candidatos a membros benemeritos.

O sr. *Correia*, associando-se á proposta do sr. Machado, propoz a ampliação.

Remettida á commissão respectiva.

O sr. *Sousa Telles*, discursando largamente sobre o assumpto em discussão, declarou solemnemente que apoiava desde já as propostas apresentadas pelos socios o sr. Machado e o sr. *Correia*.

O sr. *Tedeschi* propoz que a sociedade encarregasse a mesa de ir cumprimentar os delegados do centro pharmaceutico, que se achavam em Lisboa, como vogaes da commissão encarregada de um projecto de reforma no regimento dos preços. — Approvada.

## Eleições

Procedendo-se á eleição dos membros que no futuro anno economico de 1877 a 1878 deviam constituir a commissão revisora de contas, foram eleitos os socios José Pereira Rodrigues, Joaquim Rodrigues Pereira da Silva e José Bento Coelho de Jesus.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem da noite da seguinte, propostas, pareceres, segundas leituras, etc. Eram onze horas da noite. —

O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

Acta da sessão solemne anniversaria  
em 24 de julho de 1877

Presidencia da sr. dr. J. J. Alves

Pelas oito horas da noite, estando presentes muitos socios effectivos, honorarios e benemeritos, declarou o sr. presidente aberta a sessão solemne anniversaria.

O *segundo secretario*, João de Jesus Pires, leu o seguinte

Relatorio dos trabalhos da sociedade pharmaceutica lusitana,  
durante o quadragésimo segundo anno da sua instituição

Senhores.— Bem quizera eu firmar, a exemplo dos que me precederam, os creditos justamente merecidos d'esta sociedade, por tantos titulos honrosos, alvo das mais lisongeiras manifestações, motivo do seu mais nobre orgulho.

O imperio da vontade, porém, nem sempre triumphava das suas faculdades; e, não raras vezes, como agora, tem elle de curvar-se humilde, exiguo e entibiado, ante os fulgores de tão brilhante pleiada, aonde mora o talento; e, arrastando-se tímido, a custo e com má-gua exhibir os debeis recursos de um apoucado engenho.

Todavia, inspirado por um justo sentimento, o da dedicação, que embora desvantajosamente muitas vezes supprime a intellectualidade, animado pelo voto de confiança que me conferistes, e pela vossa proverbial benevolencia, feio me estaria uma obstinada hesitação, nem sempre perdoavel aos opulentos de espirito, para mim certamente, ao noviciado porventura.

Senhores.— O socialismo foi em todos os tempos um sentimento innato, a idéa mais precursora da humanidade.

Nas suas constantes evoluções, no seu caminhar incessante, a sociedade foi cada vez mais estreitando os laços da sua fraternisação.

A união constituiu pois a familia, o primeiro elemento da civilisação, a base fundamental da nossa organização social, êlo, cuja multiplicação tende a dilatar cada vez mais a grande cadeia da civilisação, prendendo em glorioso amplexo a grande familia chamada humanidade.

O espirito de associação, que nos primeiros tempos se estabelecera pelas affinidades do sangue, determinou porventura a associação pelas affinidades profissionaes, secundando assim de um modo maravilhoso o mais notavel elemento do progresso!

Todos nós conhecemos o benéfico influxo que ás sciencias e ás artes têm prestado as numerosissimas instituições d'esta natureza, para que seja preciso enumeral-as.

Foi assim que, sob a influencia d'esta revolução do espirito, a classe pharmaceutica portugueza, sempre solicita em promover o seu desenvolvimento profissional, ampliando a sua esphera de acção, e acatando todas as dadas do progresso, logo ao despontar a aurora da emancipação da idéa, ao primeiro grito de liberdade, hasteára precipua o seu pendão, e com elle marcára a hora do seu abraço fraternal, lançando os fundamentos sobre que havia de erguer-se o templo, onde prestes a pharmacia ia receber culto.

Foi em 1833, epocha de notavel recordação para todos os portuguezes, duplamente memoravel para esta sociedade, que ao lado de uma epopeia, e por entre hymnos festivos, vira nascer o germen fecundante d'esta associação.

Senhores. — A sociedade, mantendo religiosamente os santos principios, que presidiram á sua installação, isto é, o progresso da pharmacia em toda á sua extensão, e todo o auxilio á classe, cujo centro é, tem no seu quadregésimo segundo anno occupado-se de muitas e variadas questões; empregando a maxima solícitude, no gostoso desempenho de todos os trabalhos, que lhe foram confiados.

Entre outros merece especial menção o assumpto a que se refere a portaria de 29 de janeiro d'este anno.

O governo de Sua Magestade, tendo por esta sociedade a maior consideração, e desejando, em conformidade com o nosso voto e de outras corporações scientificas, proceder a um novo projecto de reforma do regimento dos preços dos medicamentos, consultou a sociedade sobre a importancia da sua conservação ou abolição.

Acceitou a sociedade este convite do melhor grado, e levando o conhecimento d'este facto a todos os interessados, ainda os mais distantes, tratára, por todos os meios os mais publicos e possiveis, de apurar a sua mais legitima opinião.



Com effeito, depois de consultada a maioria da classe collectiva e individualmente; depois de uma discussão aturada, minuciosa e lucida, depois da leitura de um bem pensado parecer, apresentado pela illustre commissão de direito pharmaceutico, foi votada a sua conservação.

A mesa encarregada de communicar este resultado ao governo de Sua Magestade, confiára ao sr. Felix Ferreira, nosso digno primeiro secretario, este importantissimo trabalho, que desempenhou de modo o mais brilhante e eloquente, merecendo os louvores de quantos apreciaram o seu esclarecido discurso.

Instruido no sentido da conservação do regimento, e da necessidade da sua modificação, em harmonia com a nova pharmacopêa, e com a situação economica do mercado, acatando o alvitre apresentado por esta sociedade, na parte que se refere á commissão de reforma, o governo, por portaria de 8 de maio do corrente anno, auctorizou a sociedade a eleger dois membros, que seriam aggregados, como vogaes, á commissão, que havia de proceder á mencionada reforma, e por portaria de 30 de junho proximo passado era sancionada a escolha, que a sociedade se dera pressa em fazer.

Este facto impressionou agradavelmente a sociedade, e tanto mais, quanto é certo que, mau agrado nosso, nem sempre o governo tem attendido os clamores por tantas e tão repetidas vezes levantados por este centro, em prol do bem commum.

Oxalá podesse este facto servir de incentivo, exemplificando para o muito que a classe tem a esperar dos poderes publicos, relativamente ao ensino pharmaceutico, acabando de vez com a formula menos definida, por vezes extravagante, que ainda impera nos destinos da pharmacia.

Na verdade seria fastidioso referir aqui a multiplicidade de tentativas e representações levadas aos poderes respectivos, com o nobre empenho de melhorar, de levantar em harmonia com o desenvolvimento das sciencias physico-naturaes, a instrucção pharmaceutica.

Sempre, fatalidade da nossa causa! Infructiferos todos os nossos mais justos esforços!

Ainda no proximo passado anno economico fôra por esta sociedade renovada a iniciativa, no sentido de estabelecer legalmente o projecto de reforma, apresentado á camara em 20 de março de 1875, pelos ex.<sup>mos</sup> srs. deputados, e consocios nossos visconde Carregoso, dr. Joaquim José Alves, Pedro Augusto Franco e Mariano Cyrillo de Carvalho.

É de esperar pois que a justiça de tão louvavel, quanto urgentissima reforma, sob os auspicios e protecção de tão illustros cavalheiros, ache no governo de Sua Magestade a desejada sanção.

Senhores.— Demasiado prolixo, não posso eu todavia deixar de referir-vos ainda outros assumptos, que tão de perto influem nos destinos do nosso mister.

Alludo á inaudita concorrencia, que á nossa classe os intrusos, sem o minimo respeito pelas leis, têm praticado.

É pasmosamente inacreditavel o incremento que o charlanismo audacioso tem n'estes ultimos tempos assumido.

Estes pseudos-pharmaceuticos, investindo-se das formulas galenicas, não hesitam em apresentar os seus milagrosos carminativos, e com a mais descarada petulancia correm á imprensa, insinuando-se no espirito dos padecentes com o mais capcioso pregão.

E tem a sociedade assistido a isto indifferente? Não.

Bem alto e eloquentemente tem ella protestado.

As representações motivadas têm-se succedido indefinidamente, e a impunidade envelhece no seu velho posto, no seu imperturbavel remanso!

É doloroso, vergonhoso para nós, que nos alistámos na fileira dos povos civilizados, ter de confessar que em Portugal a saude publica é a ultima das necessidades.

Mas que não sejamos nós os cumplices.

Unâmo-nos ainda muitas vezes; e insistindo no firme proposito de salvaguardar os nossos mais legitimos interesses, façâmos do protesto uma arma energica e constante.

Se, todavia, não tem a sociedade superado todas as difficuldades, que se oppoñham ao seu caminhar, é certo porém, que a ella, só a ella deve a classe alguns benefícios já conquistados.

De longa data bem conceituada tem esta associação, radican-do progressivamente os seus creditos, merecido os louvores do governo de Sua Magestade, e a estima e consideração de varias academias, com que estabelecêra, n'este anno particularmente, intimas relações, ora permutando as suas publicações, ora correspondendo-se directamente, já inscreven-do-se reciprocamente no numero dos socios distinctos; facto que prova evidentemente os subidos creditos de que goza, já em Portugal, já no estrangeiro.

Tambem fôra honrada com a offerta de alguns livros, que recebêra com particular agrado, e são:

Do ex.<sup>mo</sup> sr. José Silvestre Ribeiro, *Historia dos estabelecimentos scientificos e artisticos, em Portugal.*

Do dr. Angel Bellogim Aguasal, Valladolid, o seu *Manual del praticante de pharmacia.*

Do sr. Ramon Codina Langlin, o seu tratado de *Medicamentos gallenicos e estrangeiros.*

As diversas commissões houveram-se, no desempenho das suas respectivas attribuições, com a dedicação que sempre caracteriza os soldados do progresso.

Durante o preterito anno economico praticaram-se no nosso laboratorio doze analyses toxicologicas, e ainda a analyse hydrotymetrica das aguas do lazareto.

Todas estas operações foram executadas por membros d'esta sociedade, e á sua aptidão scientifica, zêlo e actividade, deve a sociedade a reputação lisongeira que lhe é tribu-tada em trabalhos de tal ordem.

Ainda devo eu fallar-vos d'um assumpto, digno da vossa attenção, certamente de vós bem conhecido e apreciado. Refiro-me á nova *Pharmacopéa portugueza*, obra illustradissima, destinada a preencher uma lacuna, e reclamada de ha muito pela necessidade de um livro á altura do progressivo.

desenvolvimento da pharmacologia e mais sciencias correlativas, e por decreto de 28 de junho louvada e approvada.

De sua origem grande, a *Pharmacopœa* não podia deixar de ser um livro precioso sob todo o ponto de vista; e no li-songeiro acolhimento que achára tem a commissão algum premio do seu labor.

Não fôra esta sociedade indifferente á sua publicação; antes, congratulando-se por tão desejado successo, dera as mais inequivocas demonstraões de jubilo, pela realisação de um empenho que fôra tão seu, e em sessão de 12 de julho, e por proposta do socio benemerito o ex.<sup>mo</sup> sr. J. D. Corrêa, era lançado na acta um voto de louvor ao governo e á commissão, com o applauso de todos os socios presentes.

Com effeito, a sociedade, lamentando a falta de um livro, que satisfizesse ás exigencias da clinica hodierna, por muitas vezes representára aos poderes respectivos a urgente necessidade de reformar o codigo.

Pelo socio benemerito o ex.<sup>mo</sup> sr. José Dyonisio Corrêa foram ainda feitas outras propostas com referencia á lei de saude, tendentes a eliminar algumas disposiões, cuja caducidade requer prompta reforma.

Digno dos maiores louvores pelo seu constante pugnar em beneficio da classe, pelo seu acrisolado amor a esta instituição, permitta-me a modestia de s. ex.<sup>a</sup> a exposição de uma verdade, que tem a sua traducção em cada pagina do nosso jornal.

Por proposta do ex.<sup>mo</sup> sr. Alfredo da Silva Machado, nosso digno consocio, fôra conferido o diploma de membro honorario d'esta sociedade, ao ex.<sup>mo</sup> sr. Francisco da Fonseca Benevides, lente de physica, e escriptor laureado.

Foram tambem approvadas outras propostas, sem duvida, de subida importancia, e reclamadas pela mais urgente das necessidades, para corporações d'esta natureza.

Refiro-me ás propostas do ex.<sup>mo</sup> sr. José Dionysio Corrêa e do ex.<sup>mo</sup> sr. Sousa Telles, aquella lembrando a urgente necessidade de um catalogo para a nossa bibliotheca, organizado

por empregados da sociedade; o sr. Sousa Telles amplia esta mesma proposta; mas lembra a vantagem de ser este trabalho confiado a um homem, que pelos seus conhecimentos especiaes bibliographicos possa apresentar um trabalho modelado sobre os melhores exemplares.

Propoz ainda a aquisição de um exemplar de cada publicação do regimento dos preços, nas suas diversas idades, e de todas as obras, de todos os escriptos nacionaes concernentes á pharmacia, e nomeadamente aquelles, cujos auctores sejam pharmaceuticos.

Relativamente ao estado economico da sociedade, tem elle continuado de um modo prospero, resultado que tem tido por agentes a boa direcção, e activa dedicação, introduzida n'aquella repartição pelos cavalheiros a quem fôra confiada.

Como vamos ver, a receita fôra ainda augmentada este anno.

A receita cobrada no anno economico findo,	
foi de.....	1:304\$765
Despeza.....	1:239\$610
Saldo em 30 de junho.....	<u>85\$155</u>

Na despeza foram incluidas 300\$600 réis, custo de réis 600\$000 nominaes de inscripções, compradas durante o anno.

Existiam em 1 de julho de 1876.....	7:700\$000
Compraram-se durante o anno economico de 1876-1877.....	600\$000

Ficaram existindo em 30 de junho de 1877..... 8:300\$000

Agora, senhores, inclinêmos enlutada a frente ante a memoria d'aquelles, cujos restos mortaes, sob o gêlo da campa, a morte nos arrebatou.

Accordêmos entristecidos a sua memoria, e, vertendo sobre as suas cinzas uma lagrima de saudade, registemos-lhes os seus nomes.

Dr. Bernardino Antonio Gomes, varão doutissimo, cuja



existencia empenhára nas profundas investigações da mais elevada sciencia.

Antonio de Sousa Dias, respeitavel pharmaceutico do Porto, ali digno vice-thesoureiro, cujo logar desempenhára com a mais escrupulosa inteireza, e maxima solicitude, qualidades que lhe valeram as distincções com que esta sociedade por diversas vezes o honrâra.

João Antonio Rosa Cruz Bayão, de Tavira.

Joaquim Antunes dos Santos Cardoso, Azambuja.

Joaquim Raymundo Maldonado, Fuzeta do Algarve.

Joaquim da Silva Gomes, Bemfica.

José Duarte Cardoso, Castello de Paiva.

José Joaquim de Carvalho, Villa de Frades.

José Marcellino França, Cercal.

Manuel Antonio Thomás Lino, Tojal.

Por tão sentida perda a sociedade contristada, acompanhou á sua ultima morada alguns d'estes nossos fallecidos socios, e manifestou a sua dor ás familias d'aquelles cuja residencia era fóra de Lisboa.

Foi, senhores, obedecendo ao que me impõe o § 3.º do artigo 9.º dos nossos estatutos, que hoje me foi mister apresentar ante o tribunal da vossa judiciosa critica a historia d'esta sociedade, durante o quadragésimo segundo anno da sua fundação, e, convencido da sua imperfeição, para ella peço a vossa indulgencia.

Em seguida o sr. *presidente* deu a palavra ao sr. primeiro secretario para ler o

Programma das questões scientificas para o quadragésimo terceiro anno da sociedade pharmaceutica lusitana

A sociedade pharmaceutica lusitana, em observancia do § 8.º do artigo 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias, o seguinte:

Programma

Primeira questão

Qual o processo preferivel para a preparação dos extractos,

de modo que representem as substancias de que são tirados?

Segunda questão

Posologia dos extractos seccos.

Terceira questão

Qual o meio de evitar a alteração dos hydrolatos?

Quarta questão

Qual o meio de reconhecer a falsificação do azeite pelo oleo de amendoim?

Quinta questão

Qual o meio de reconhecer a falsificação do oleo de amendoas doces?

Sexta questão

Influencia que os canos de ferro e de chumbo, actualmente empregados em Lisboa, podem ter nas propriedades physicas e chimicas das aguas potaveis, por elles conduzidas, demonstrada por analyses quantitativas, executadas e descriptas de modo que se não possa duvidar da sua veracidade?

A memoria em que se tratar este ponto poderá comprehender o estudo da influencia que as aguas potaveis, conduzidas por canos de ferro ou chumbo, exercem na economia animal.

Condições

Os premios consistirão em medalhas de oiro, tendo de um lado, no centro de uma corôa de louro, a seguinte inscrição: «Ao membro benemerito», e do outro o timbre da sociedade e a legenda «Sociedade Pharmaceutica Lusitana». A estes premios terão direito os individuos que satisfizerem cabalmente a qualquer das questões propostas. Os que, não satisfazendo cabalmente a qualquer das questões referidas, a sociedade julgar dignos da honra do *accessit*, réceberão o diploma de membro honorario.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escriptas em portuguez, se os seus auctores forem naturaes d'este paiz,

e em francez, se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da sociedade por todo o mez de abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria for premiada; no caso contrario a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria deverão ser para esse fim approvadas pela sociedade, e alem d'isso serão impressas e publicadas na colleção que terá por titulo *Memorias da sociedade pharmaceutica lusitana*.

Finalmente, os premios confirmados aos concorrentes nem sempre serão uma prova de que esta sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authenticico de que seus auctores desempenharam em geral o exigido pela sociedade nos seus programmas.

Lista dos doadores e objectos doados durante o quadragésimo segundo anno da sociedade pharmaceutica lusitana

Pelas redacções:

*Acta de la sesion publica inaugural, de la Academia de ciencias medicas de Cataluña — Annaes do club militar naval — Archivo rural — Boletim commercial da companhia pharmaceutica portuense — Boletin del instituto medico valenciano — Bulletin de la société royale de pharmacie de Bruxelles — Bulletin pharmaceutique — Correio medico de Lisboa — Correio do meio dia, n.ºs 147, 148 e 149 — Enciclopedia medico-pharmaceutica de Barcelona — Estatutos y reglamento interior de la academia de ciencias medicas de Cataluña — Gazeta dos hospitaes militares — Gazeta medica de Lisboa — Imparcial — Instituto de Coimbra — Jornal de horticultura pratica — Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa — Jornal da sociedade das sciencias me-*

*dicas de Lisboa — La Andalucía médica — La crónica oftalmológica — Proceedings of the American pharmaceutical association, at the Twenty thesd annual meeting — El Restaurador farmacéutico — Revista Farmaceutica, organo de la sociedad de farmacia Argentina — Revista de pharmacia e sciencias accessorias do Porto.*

Pelo dr. D. Cayetano del Toño y Quartiellers:

*Adherencias periféricas del iris á la cristalóides anterior.*

Pela Smithsonian Institution:

*Annual report of the Smithsonian Institution — Proceedings of the American Pharmaceutical Association.*

Pelo sr. José Dionysio Corrêa:

*Annuaire de thérapeutique et de matière médicale pour 1877, par mr. Bouchardat.*

Pelo sr. dr. D. Francisco Calvo y Sebastian:

*Apuntes sobre el vino de naranja presentado al colégio de farmacéuticos de Madrid.*

Pela camara municipal de Lisboa:

*Archivo manicpal de Lisboa.*

Pelo sr. José Augusto da Silva Gameiro:

*Pedacio — Dioscorides Anazarbeo. Acerca de la materia medicinal y de los venenos mortiferos.*

Pelo sr. José Mendes Jara:

*Nouveaux éléments de botanique et de physiologie végétal. Traité de pharmacie théorique et pratique.*

Pelo sr. José Marques Loureiro:

*Catalogo do estabelecimento horticola do mesmo senhor.*

Pelo sr. José Pereira Reis:

*Codigo pharmaceutico lusitano. — 2.<sup>a</sup> edição.*

Pelo centro pharmaceutico portuguez:

*Consulta á portaria do ministerio do reino sobre o Regimento dos preços.*

Pelo sr. João Ignacio Ferreira Lapa:

*Discurso inaugural pronunciado na sessão solemne da abertura das aulas do instituto geral de agricultura, no anno lectivo de 1876 a 1877.*

Pelo sr. D. Enrique Bernouilli y Bañares :

*Elogio histórico del doctor en farmacia, D. Eusebio Bañares y Rivillo.*

Pelo sr. José Libertador de Magalhães Ferraz :

*Ensaio bibliographicos.*

Pelo sr. José Silvestre Ribeiro :

*Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal.*

Pelos drs. D. Santiago Bonilla Mirat y D. Angel Bellogin Aguasal :

*Investigacion del aceite de semillas de algodouero en los de olivas.*

Pelo sr. dr. Déclat :

*La médecine des ferments.*

Pelo sr. dr. D. Angel Bellogin Aguasal :

*Manual del praticante de farmacia.*

Pelo dr. D. Ramon Codina Länglin :

*Medicamentos galénicos extrangeros.*

Pela direcção da companhia do gaz :

*Memorandum e documentos officiaes relativos ao serviço que incumbe á companhia lisbonense de illuminação a gaz.*

Pelo sr. Antonio da Cunha e Frias :

*Memoria ou reflexões sobre o melhoramento do novo projecto do regimento da saude publica.*

Pelo sr. Eduardo Julio Janvrot :

*Tribuna pharmaceutica, orgão do instituto pharmaceutico do Rio de Janeiro.*

Pelo sr. José Tedeschi :

*Adherencias perifericas del iris á la cristaloides anterior — Boletin del colégio de farmacéuticos de Barcelona — Boletin del instituto médico valenciano — Bulletin des travaux de la société de Pharmacie de Bordeaux — Boletim official do districto administrativo de Santarem — Breve noticia da origem e desenvolvimento das creches — Bulletin de la médecine et de la pharmacie militaire — Catalogo das novas publicações de sciencias medicas — Consulta á portaria do ministe-*



rio do reino sobre o regimento dos preços, pelo centro pharmaceutico portuguez — *Correio medico de Lisboa* — *La crónica oftalmológica* — *Discurso recitado na sessão solemne da escola medico-cirurgica de Lisboa, em 5 de outubro de 1876, por Manuel Bento de Sousa* — *El Ateneo Lorquino* — *Enciclopedia médico-pharmacéutica. Revista científica y profesional de Barcelona* — *Estatutos y reglamento interior de la academia de ciencias médicas de Cataluña* — *Estudios bibliographicos, por J. L. Magalhães Ferraz* — *Gazeta dos hospitaes militares* — *Gazeta medica da Bahia* — *Gazzetta dei farmacisti italiani* — *O Imparcial (jornal) n.ºs 337 e 338* — *O Instituto de Coimbra* — *Jornal da sociedade das sciencias medicas de Lisboa* — *Giornale di medicina militare* — *Giornale di farmacia, di chimica e di scienze affini pubblicato dalla società di farmacia di Torino* — *Petites affiches pharmaceutiques et médicales* — *Revista médica do Chile* — *Semanario pharmaceutico de Madrid* — *Apertos intrinsecos do esophago* — *Atrophia do nervo optico* — *Breves considerações sobre a bromatologia* — *Breves considerações sobre a sede da hysteria* — *Breve estudo sobre a ankilose* — *Breve estudo sobre o tabaco* — *Conjunctivite diphtherica* — *Considerações sobre o grande sympathico e a circulação* — *Da amamentação materna* — *Da angina pseudo-membranosa* — *Da cirrhose hypertrophica do figado* — *Da especialidade nas doenças* — *Da irritabilidade* — *Das indicações e contra-indicações da thoracenteze* — *Do sarcoma* — *Das nervos vaso-motores* — *Envenenamento pelo phosphoro* — *Otite media chronica simples e seu tratamento* — *Pleurizia purulenta e seu tratamento* — *Rash variolico* — *Tratamento das feridas por armas de fogo* — *Tratamento das hemorrhagias do utero pelo sulphato de quina.*

Alterações occorridas no quadro da sociedade pharmaceutica lusitana durante o quadragésimo segundo anno da sua instituição

Foram admittidos

Para a classe de honorario nacional

Francisco da Fonseca Benevides.

## Para a classe de effectivos

Leonel Ayres dos Santos Maia, Lisboa.

Pedro Fernandes da Cunha, Lisboa.

## Para a classe de correspondentes nacionaes

Antonio José Rodrigues Barbosa, Ponte de Lima.

Carlos Cesar Pinto, Monchique.

Francisco Antonio de Moura, Aveiro.

José Rodrigues de Noronha Junior, Azambuja.

Manuel de Oliveira Netto, Abrantes.

## Para a classe de correspondente estrangeiro

D. Angel Bellogin Aguasal, Madrid.

## Pediram a demissão

## Effectivos

Antonio João Rosa, Lisboa.

José Simões da Silva, Lisboa.

Antonio José Martins Barreto, Barcelinhos.

Boaventura de Lima Sanches, Campo Maior.

Eduardo Julio Janyrot, Rio de Janeiro.

Francisco José Barbosa da Cunha, S. Miguel de Fontoura.

João Gonçalves Barrigudo Bravo, Mertola.

Joaquim José de Miranda Sarmiento, Mertola.

José Libertador de Magalhães Ferraz, Coimbra.

## Falleceram

## Benemeritos

Antonio de Sousa Dias, Porto.

Dr. Bernardino Antonio Gomes, Lisboa.

## Correspondentes nacionaes

João Antonio Rosa Cruz Baião, Tavira.

Joaquim Antunes dos Santos Cardoso, Azambuja.

Joaquim Raymundo Maldonado, Fuzeta do Algarve.

Joaquim da Silva Gomes, Bemfica.

José Duarte Cardoso, Castello de Paiva.

José Joaquim de Carvalho, Villa de Frades.

José Marcellino da Franca, Cercal.

Manuel Antonio Thomás Lino, Tojal.

### Resumo

#### Ficam existindo

Protectores.....	2
Benemeritos.....	23
Honorarios nacionaes.....	39
Honorarios estrangeiros.....	25
Effectivos.....	64
Correspondentes nacionaes.....	280
Correspondentes estrangeiros.....	28
Total.....	<u>461</u>

(continua:.)

### VARIEDADES

**Codéina.**— Encontra-se algumas vezes falsificada com chlorhydrato de morphina, assucar candi.

O chlorhydrato de morphina, conforme o sr. Duclos, reconhece-se quando esta falsa codéina se azulada pelos saes de ferro, avermelha pelo acido azotico, e o seu soluto aquoso produz, com o azotato de prata, precipitado branco soluvel na ammonia.

O assucar candi é descoberto, segundo o sr. Lepage, tratando a codéina suspeita pelo ether rectificado ou pelo chloroformio: se for pura, dissolve-se completamente e em alguns instantes; se tiver assucar candi, este apresenta a fórma de materia deliquescente e é reconhecivel pelo licor de Barreswil.

**Thridacio.**— É algumas vezes adulterado, tendo de mistura gomma arabica, fecula, extractos de gramma e de zimbro.

A analyse do thridacio deve ser feita por degustação, comparativamente com outro de origem authentica, e submettendo-o á acção da agua, do alcool e dos reactivos (sulfato de ferro, cyaneto amarello, potassa, azotato de prata, acetato de

chumbo, azotato de mercurio): o soluto de thridacio puro produz com o alcool, precipitado abundante; com o sulfato de ferro, coloração azeitona; com o cyaneto amarello, coloração escura-avermelhada; com a potassa, coloração negra; com o azotato de prata, abundante precipitado, tornando-se negro depois de doze horas; com o acetato de chumbo, precipitado abundante, com descoloração quasi completa do liquido; com o azotato de mercurio, precipitado cinzento-esbranquiçado.

**Acido tannico.**— O sr. E. Baudrimont, nos seus trabalhos sobre a alteração do tannino, conclue: que esta substancia é raramente pura, quasi sempre contém chlorophilla, oleo volatil, acido galhico e acido ellagico, mórmente quando tenha sido preparado com o espirito de madeira, como se practica hoje; possui então um cheiro desagradavel e não é completamente soluvel na agua. Tratado pelo seu peso de ether e agua, deixa residuo insoluel, e o ether córa-se em verde re-tendo a chlorophilla.

Para conhecer se o tannino é puro ou se contém acido galhico, deixa-se o seu soluto em contacto com um pedaço de pelle de boi depillada, agita-se de tempo a tempo: se o tannino é puro e absorvido na totalidade, o soluto torna-se insipido e não produz coloração com os saes de peroxydo de ferro; do contrario tem acido galhico.

**Iodeto de potassio.**— É encontrado muitas vezes no commercio alterado com saes estranhos, cuja presença é devida á sua má preparação; taes são: o chloreto e brometo de potassio, iodato, carbonato e sulfato de potassa. Em razão do seu preço elevado, é muitas vezes adulterado pela addição do chloreto de potassio, chloreto de sodio, brometo de potassio, etc.

A presença de chloretos no iodeto de potassio, é descoberta pelo azotato de palladio em ligeiro excesso no soluto de um determinado peso do iodeto suspeito; aquece-se brandamente, filtra-se, lava-se o precipitado e trata-se o liquido fil-

trado pelo azotato de prata, que dá precipitado de chloreto de prata, cujo peso indica o do chloro e, depois, o do chloreto alcalino.

A base alcalina dos chloretos ajuntados ao iodeto determina-se pelos reagentes que servem para distinguir a potassa da soda; taes são: o chloreto de platina, acido perchlorico, acidos tartrico e picrico, biantimoniato de potassa.

Se o iodeto tiver de mistura brometo de potassio em grande quantidade, reconhece-se esta fraude empregando-se o processo do sr. Alvaro Reynoso, fundado sobre a decomposição do acido iodhydrico ou bromhydrico pela agua oxygenada, sem haver nenhuma acção sobre o iodo ou o bromo posto em liberdade.

**Acido chlorhydrico.**— Ainda que de pouco preço, é algumas vezes sophisticatedo no commercio.

Tem-se-lhe ajuntado materias salinas para augmentar a sua densidade; a evaporação até seccura do acido é sufficiente para conhecer esta fraude. O acido puro deve deixar pouco ou nenhum residuo, conforme for preparado com agua commun ou com agua distillada; a analyse chimica e o peso d'este residuo fazem descobrir a qual dos dois casos se deve attribuir a presença das materias salinas.

A agua, que tenha sido ajuntada ao acido, pôde ser manifestada por meio do areometro ou, melhor ainda, pelo ensaio acidimetro: 100 de acido real devem neutralisar 136,9 de carbonato de cal, ou 145,2 de carbonato de soda secco e puro.

O acido chlorhydrico pôde tambem conter acido azotico, proveniente dos azotatos que se encontram misturados com o chloreto de sodio. Para se conhecer a sua presença, deve-se neutralisar o acido por um alcali e evaporar até seccura; tratar o residuo pela agua addicionada de pequena porção de limalha de cobre e algumas gotas de acido sulfurico, que produzirá azotato de cobre azul e desenvolvimento de vapores rutilantes, que azulam o papel de guayaco (papel joseph impregnado de tinctura de resina de guayaco).

**Tartrato de potassa e de soda.**— Pôde conter accidental-



mente cobre, e ser substituído com os sulfatos de potassa ou de soda, os chloretos de potássio ou de sódio.

O seu soluto aquoso adquire, pela ammonia em excesso, a coloração azul mais ou menos sensível se tiver cobre.

Quando contenha sulfato alcalino, este soluto dá, com o acetato de chumbo, precipitado branco insolúvel no ácido azótico; o tartrato de chumbo, pelo contrario, dissolve-se. Os chloretos são descobertos pelo azotato de prata.

O soluto diluído de tartrato de potassa e de soda puro, não deve soffrer alteração alguma pelo chloreto de bário ou pelo azotato de prata.

**Carbonato de ammonia.** — Este sal altera-se ao ar livre, desagrega-se a pouco e pouco e reduz-se a pó farináceo. Póde ter de mistura chlorhydrato de ammonia e ser falsificado com chloreto de sódio.

A presença do chlorhydrato de ammonia e do chloreto de sódio é manifestada pelo azotato de prata, havendo sido previamente neutralizado pelo ácido azótico o sal suspeito; sem esta precaução, o precipitado de chloreto de prata seria dissolvido á medida que fosse sendo formado.

O carbonato suspeito, submettido á acção do calor, deixa residuo de chloreto de sódio, que é fixo, e o chlorhydrato de ammonia, que é menos volátil que o carbonato.

**Sulfovinato de soda.** — Altera-se no fim de algum tempo, mais ou menos longo, quando tenha sido conservado humido ou em soluto. Segundo Berthelot, esta alteração é devida á separação dos seus 10 por 100 da agua de crystallisação, quando se eliminam pela florescencia.

Conforme o processo empregado na sua preparação, este sal póde conter barita, sulfato de soda e carbonato da mesma base. O seu soluto dá pelos sulfatos precipitado branco, insolúvel no ácido azótico, quando tenha sal de barita que se tornaria tóxico; e, turvando-se em presença dos saes de barita, contém sulfato ou carbonato, reconhecendo-se este ultimo pela effervescencia que lhe produz o ácido azótico.

J. D. CORRÊA.

## PHARMACIA

## COLLODIO ABORTIVO DAS PUSTULAS VARIOLICAS

Pelo sr. Dujardin Beaumetz

Collodio .....	15,00 gram.
Oleo de ricino.....	30,00 »
Chloreto mercurico.....	0,30 »

Misture.

## COLLODIO ANESTHESICO

Pelo sr. P. Michaut

Hydrureto de amylo .....	30,00 gram.
Collodio officinal.....	30,00 »
Aconitina .....	0,05 »
Veratrina .....	0,30 »

Misture.

## COLLODIO HEMOSTATICO

Pelo sr. C. Paresi

Collodio officinal .....	100 gram.
Acido phenico.....	10 »
Tannino.....	5 »
Acido benzoico.....	3 »

Misture.

## COLLUTORIO DE HYDRATO DE CHLORAL

Pelo sr. dr. Pinard

Hydrato de chloral.....	10 gram.
Espirito de cochlearia.....	10 »

Misture. Este collutorio tem produzido bons resultados no tratamento das gengivitas que se manifestam frequentemente nas mulheres durante a gravidação. Tudo leva a crer que, em certas fórmas atonicas d'esta affecção, o curativo preconizado por este medico aproveitaria igualmente e substituiria com vantagem o soluto caustico de iodo e o acido chromico.

**EMPLASTRO DE CANTHARIDAS**

Pelo sr. Gerrard

Cantharidas em pó fino .....	6 partes
Balsamo de Canadá.....	8 »
Cera amarella.....	5 »
Banha.....	1 1/2 »

F. s. a. Este emplastro é flexivel e adhesivo. Durante o inverno pôde-se duplicar a quantidade da banha.

**GLYCEROLEO CONTRA O ECZEMA**

Pelo sr. dr. T. Guyon

Subazotato de bismutho.....	5 gram.
Oxydo branco de zinco.....	5 »
Glycerado de amido.....	60 »

M. s. a. Recommendado contra o eczema e o intertrigo.

**INJECCÃO CONTRA A OZENA**

Pelo sr. dr. Crequy

Hydrato de chloral.....	1 gram.
Agua distillada.....	125 »

Misture. Para uso externo.

**LICOR DE ESTRYCHNINA**

Pelo sr. dr. Halton

Estrychnina crystallisada.....	0,24 centigram.
Acido chlorhydrico.....	6 gotas
Alcool.....	10 <sup>cc</sup>
Agua distillada.....	20 <sup>cc</sup>

M. s. a.

**LIQUIDO HEMOSTATICO**

Pelo sr. Pagliari Pollaci

Alumen.....	8 gram.
Sal marinho.....	20 »

Agua saturada pela ebullicão dos principios soluveis contidos em  $\frac{1}{3}$  de seu peso de benjoim..... 70 gram.

Misture. Este liquido possui propriedades hemostaticas e uma accção antiseptica.

### LOÇÃO PARA O TRATAMENTO DO PITYRIASIS

Pelo sr. dr. Martineau

Hydrato de chloral..... 25 gram.  
 Licor de Van-Swieten..... 100 »  
 Agua distillada..... 500 »

Misture. Para uso externo.

### MISTURA CONTRA A METRORRHAGIA

Pelo sr. dr. Halton

Licor de strychnina (formula antecedente). 5<sup>cc</sup>  
 Acido azotico diluido  $\frac{1}{10}$ ..... 7<sup>cc</sup>  
 Tinctura de genciana..... 15<sup>cc</sup>  
 Licor de Hoffmann..... 40<sup>cc</sup>  
 Agua distillada..... 125<sup>cc</sup>

Misture. Para tomar uma colher das de sopa d'esta mistura depois das comidas.

### POÇÃO ANTISPASMODICA EXTEMPORANEA

Pelo sr. Hermont

Essencia de hortelã pimenta..... 4 gram.  
 Alcool a 80°..... 6 »  
 Laudano de Sydenham..... 10 »  
 Ether sulfurico..... 30 »

Misture por agitação em frasco bem rolhado.

Dez gotas d'este preparado, ajuntadas a uma colher das de

sopa cheia de agua, representam 15 grammas de *poção antispasmodica*.

### POÇÃO CONTRA A ASTHMA

Pelo sr. L. A. Corrêa

Agua alcoolizada $\frac{1}{20}$ .....	150 gram.
Tinctura de ipecacuanha.....	15 minimos
Tinctura de lobelia inflata.....	15 »
Alcoolatura de belladona.....	15 »
Oxymel scillitico.....	15 gram.

Misture, e mande em frasco de vidro que leve 200 grammas, a fim de ser bem vascolejada, quando for tomada.

Nos accessos de asthma, a qualquer hora, e no seu estado chronico, pela manhã em jejum; começar por um vomitorio de ipecacuanha e, em seguida, depois do effeito do vomitorio, usar d'esta poção, na dõse de 10 grammas de cada vez, em intervallos de duas, quatro até seis horas, segundo a urgencia do caso.

*Minimo* — medida ingleza em que é dividida a *fluid drachm*.

### SOLUTO PARA O CURATIVO DAS ULCERAS ATONICAS

Pelo sr. dr. Vallin

Hydrato de chloral.....	1 gram.
Glycerina.....	30 »
Agua distillada.....	50 »

Misture. Para uso externo.

### SOLUTO PARA O TRATAMENTO DAS ULCERAS SYPHILITICAS

Pelo sr. dr. F. Accetelle

Hydrato de chloral.....	1 gram.
Agua distillada.....	20 »

Misture. Para uso externo.

J. D. CORRÊA



## PEÇAS OFFICIAES

## EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

(Continuado da pag. 161)

Acta da sessão solemne anniversaria  
em 24 de julho de 1877

Discurso pronunciado pelo presidente o sr. dr. J. J. Alves

Senhores.—De novo a vossa muita benevolencia insistiu em me collocar n'este logar.

Acceitando a reeleição da presidencia obedeci ás vossas instancias, e adquirei jus á indulgencia com que espero vos dignareis de acolher a minha breve e despretenciosa oração.

A solemnidade que hoje nos reúne tem sido thema brilhantemente desenvolvido por illustres oradores, nossos dignos collegas, que n'este honroso cargo me têm precedido. Eu só poderei repetir-vos em resumo o que elles tão habilmente souberam demonstrar-vos.

Senhores. A divida de gratidão que contrahimos com os nossos illustres collegas, que conceberam e effectuaram a organização da sociedade pharmaceutica lusitana com o intuito de mais facil e efficazmente trabalharem pela prosperidade da pharmacia portugueza, obrigam-nos a que o nosso primeiro dever, n'este dia memoravel, seja prestarmos homenagem de profundo reconhecimento aos seus benemeritos instituidores.

Se o alvo a que elles miravam não poude ainda attingir-se, se as deslumbrantes esperanças n'um lisongeiro futuro, onde se devia encontrar protecção dos poderes publicos, proporcionando-nos instrucção e garantias em harmonia com a consideração que á classe pharmaceutica compete, e que disfructa em todos os paizes cultos; se tão nobres aspirações não estão completamente realisadas, não deve por similhante falta

ser increpada a sociedade pharmaceutica lusitana, porque incessantemente tem pugnado pelos interesses justificados da classe que representa, luctando aberta e tenazmente para alcançar a sua emancipação.

Temos caminhado pouco e lentamente! Cumpre-nos insistir prudentemente nas nossas exigencias, zelando os fóros adquiridos, a fim de que não possamos ser impellidos ao retrocesso.

A nobre profissão da pharmacia tem, como sabeis, passado desde a sua origem pelas mais variadas transformações. Exercida por mãos imperiaes, e por muitos sabios que a nobilitaram, foi por longo periodo escravizada; e se confrontarmos esses ominosos tempos de submissão com a liberdade que a nossa classe tem conquistado no nosso paiz, particularmente desde 1834, epocha em que Portugal renasceu para todas as idéas nobres, que germinam no animo do homem liberal, é sem duvida o nosso estado presente muito mais favoravel; e demonstra, que se temos ainda bastante a percorrer, não pouco temos avançado para nos aproximarmos do nosso fim.

A honra, a gloria, e o interesse pela humanidade ordenam-nos que continuemos a respeitar e a promover a prosperidade d'esta benemerita sociedade, para que ella possa conservar nobremente o seu character scientifico, e desempenhar a alta missão que lhe está confiada de pugnar pelos interesses da classe, de accordo com as exigencias que o progresso reclama.

A crise por que a nossa classe está passando deve ser a historia do que tem succedido em outros paizes, antes que homens eminentes reconhecessem que deviam trazer á pharmacia a regeneração que os nossos collegas estrangeiros se ufamam de haver obtido.

Cumpre-nos pois promover o estímulo em todos os pharmaceuticos portuguezes a fim de conseguirmos tornar effectivas as immuniidades que são inherentes a esta classe, e o galardão para os que trabalham, no intuito de engrandecer a

profissão que exercem, unindo com a maior perseverança os nossos esforços para arrostar com todas as opposições e contrariedades.

O desanimo, o indifferentismo, e a falta de accordo entre a classe seriam elementos terriveis contra as nossas justissimas aspirações, e poderiam conduzir-nos a esses tempos decadentes de tão triste memoria.

Senhores. Nós os pharmaceuticos portuguezes reclamamos a elevação da nossa classe ao nivel que lhe compete como profissão scientifica; queremos que uma instrucção vasta e regular nos seja conferida, que se nos desobstrua o caminho que temos direito a trilhar como filhos de um paiz, que se vangloria dos seus brilhantes feitos no passado, da sua independencia, e do seu progresso e civilisação no presente.

Realisada similhante reforma, não só a classe pharmaceutica, mas o paiz inteiro, terão recebido do governo que a sancionar um brilhante serviço.

O desempenho da pharmacia será tanto mais completo e proficuo para o publico, quanto melhor for confiado a homens que reunam ás indispensaveis qualidades moraes, a mais solida e desenvolvida instrucção.

Vós bem o sabeis, senhores, de quanto vos tem servido a sciencia, que com tantas difficuldades e sacrificios haveis conquistado, nos graves e frequentes lances, que requerem da parte do pharmaceutico o maior discernimento.

A falta de harmonia na instrucção official entre a medicina e a pharmacia não se justifica com o trivial argumento de uma economia mesquinha, e póde influir desastrosamente sobre a humanidade.

Na qualidade de representante do paiz tenho cumprido o meu dever, procurando especialmente para a minha classe todas as garantias a par da melhor organisação e uniformidade no ensino. Porém, senhores, é tão insignificante a iniciativa do deputado independente, ou tão pouco o meu valimento, que, apesar dos esforços empregados, só posso transmittir á respeitavel corporação a que me ufano de presidir a vaga

esperança de que os nossos clamores poderão ser attendidos, quando se tratar da reforma geral da instrucção superior, onde a nossa classe deve ser comprehendida.

Confesso-vos, senhores, que similhante expectativa me não satisfaz, porque presencendo os factos de se augmentarem sem reluctancia diferentes cadeiras nos cursos medicos, não posso concordar em que deixe de organizar-se já a escola de pharmacia, que não obriga o thesouro a grandes sacrificios.

Seja portanto a sociedade perseverante no seu nobre empenho, que eu não desistirei de acompanhal-a com a maior dedicacão.

No meio, porém, de tanta contrariedade, a sociedade deve congratular-se com o recente apparecimento de uma pharmacopêa legal, livro por ella tantas vezes reclamado, e que vemos crer organizado em harmonia com o estado actual da sciencia, porque não é licito duvidar do seu merito em presenca dos illustres nomes a quem o governo confiou tão improbo trabalho.

Fallando nos membros que cooperaram na organisação d'esta importante obra, não devo deixar de consignar o profundo sentimento que a classe pharmaceutica deve experimentar pela morte de um d'elles, a quem ella tanto devia pelo muito que se esforçou em lhe promover a illustração.

Era elle o nosso socio benemerito, e illustre mestre e amigo, o distincto medico dr. Bernardino Antonio Gomes, que tão gloriosas recordações deixou do seu zelo, intelligencia, e actividade no cultivo das sciencias, e no magisterio, que com tanta proficiencia desempenhou.

Grande é o numero de pharmaceuticos a quem elle, como professor de materia medica e pharmacia, ministrou a sciencia. Nenhum de certo terá esquecido o seu trato affavel, que tanto concorreu para grangear a estima dos seus discipulos, e formar a respeitabilidade do seu nome.

Consumiu a sua existencia no desempenho de varias e bem

espinhosas commissões scientificas dentro e fóra do paiz, legando á sua patria, á sua familia, e aos numerosos amigos os fructos da sua vasta erudição em grande quantidade de obras scientificas, firmadas pelo seu honrado nome.

Senhores, vou concluir: se como é de esperar, vos não deixo satisfeitos, queixae-vos de vós mesmos, que ao collocar-me em logar tão elevado não vos lembrastes que os grandes trabalhos só devem esperar-se dos privilegiados pelo talento, que infelizmente não possuiu.

Confessando-me immensamente reconhecido ao vosso favor, espero dever-vos a fineza de me desculpardes as frequentes faltas que commetti, as quaes justificam o escrupulo que vos manifestei em acceitar um cargo que reconhecia e reconheço não poder desempenhar cabalmente.

Posso comtudo asseverar-vos que ainda mesmo na qualidade de simples membro d'esta corporação jamais me esquivearei a auxiliar-a, e a concorrer quanto possa para o seu engrandecimento, por ser uma das que mais prezo, e a quem muito devo.

Dos relatorios que acabam de vos ser lidos pelos dignos secretarios, obtivestes o conhecimento de quanto é prospero o estado financeiro da nossa sociedade, e da confiança que os poderes publicos continuam a dispensar-lhe, encarregando-a de differentes trabalhos analyticos, e da qual se torna credora pelos serviços que constantemente e da melhor vontade presta ao paiz, e que muito concorrem para os seus bons creditos scientificos.

Devemos confiar que os nossos consocios que se succedem na gerencia dos negocios da sociedade pharmaceutica lusitana, hão de continuar por meio de uma intelligente administração a conservar o estado florescente que acabo de referir, e procurar obter o muito que resta ainda para conquistar.

É esta a minha ambição, e creio poder asseverar serem estes tambem os sentimentos de todos os nossos consocios.

Disse.



Sessão de 14 de agosto de 1877

Presidência do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abriu-se a sessão eram oito horas da noite.

Foi lida a aprovada a acta da sessão antecedente.

Por parte da commissão revisora de contas, foi apresentado o parecer, approvando as contas e referindo-se com louvor aos respectivos funcionarios; sendo posto á discussão, foi approvedo.

#### Ordem do dia

#### Propostas

Pelo sr. Felix Ferreira foi apresentada uma proposta de candidato a socio correspondente. — Ficou para segunda leitura.

Teve primeira leitura o parecer apresentado pela commissão de pharmacia, relativo á modificação de uma formula enviada a esta sociedade pelo nosso consocio o sr. Antonio Vaz Teixeira, de Cabeceiras.

Em seguida procedeu-se á eleição de novos funcionarios.

O sr. *presidente* interrompeu a sessão, para que os socios podessem fazer as suas listas; findo o que teve logar o escrutinio, e foram eleitos:

#### Funcionarios para o quadragésimo terceiro anno

Dr. Joaquim José Alves, presidente.

Joaquim Urbano da Veiga, primeiro vice-presidente.

Manuel Vicente de Jesus, segundo vice-presidente.

Antonio Augusto Felix Ferreira, primeiro secretario.

João de Jesus Pires, segundo secretario.

Augusto de Oliveira Abreu, primeiro vice-secretario.

Augusto Simões de Abreu, segundo vice-secretario.

Joaquim de Sant'Anna Machado Figueiras, thesoureiro.

Antonio Joaquim Pinto, vice-thesoureiro.

José Augusto da Siva Gameiro, bibliothecario.

João Thomás da Silva Pinto, vice-bibliothecario.

## Commissões permanentes

## Saude publica

José Thomás de Sousa Martins, vogal.  
Antonio Augusto Felix Ferreira, vogal.  
José Mendes da Assumpção, vogal.  
José Bento Coelho de Jesus, supplente.

## Pharmacia

José Dyonisio Correia, vogal.  
João de Jesus Pires, vogal.  
Joaquim Simões Serra, vogal.  
Domingos Antonio Pitta Simões, supplente.

## Chimica

Dr. Joaquim José Alves, operador.  
Manuel Vicente de Jesus, segundo operador.  
Joaquim Urbano da Veiga, terceiro operador.  
José Ribeiro Guimarães Drack, supplente.

## Physica

Thomás d'Aquino Alves, vogal.  
Francisco Fortunato de Assis, vogal.  
José Mendes Jara, vogal.  
Alfredo da Silva Machado, supplente.

## Historia natural

João José de Sousa Telles, vogal.  
Antonio Gomes Roberto, vogal.  
José Pereira Rodrigues, vogal.  
Verissimo Gomes Ferreira Lobo, supplente.

## Direito pharmaceutico

José Tedeschi, vogal.  
Augusto de Oliveira Abreu, vogal.  
João Francisco Delicioso, vogal.  
Ernesto de Sant'Anna da Cunha Castello Branco, supplente.

O sr. *presidente*, não havendo mais nada a tratar, encerrou a sessão, dando para ordem da noite da sessão seguinte propostas, pareceres, etc.—o segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

Sessão de 28 de agosto de 1877

Presidência do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abriu-se a sessão eram oito horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Na falta do sr. *primeiro secretario*, foi convidado a substitui-lo o sr. José Bento Coelho de Jesus, que procedeu á leitura da

Correspondencia

Officios:—1.º Do ex.<sup>mo</sup> sr. Joaquim José Alves, agradecendo á sociedade a reeleição para presidente, e declarando que justos motivos o impossibilitavam de acceitar. — Ficou a mesa encarregada de instar pela annuencia de s. ex.<sup>a</sup>

2.º Do nosso socio correspondente Polycarpo dos Reis Cavalleiro, Alcobaça, pedindo esclarecimentos á sociedade sobre questões de direito pharmaceutico. — Respondido em 16 de julho de 1877.

3.º Do ex.<sup>mo</sup> sr. Elisiario Augusto Macedo Ferraz, agradecendo á sociedade a remessa do jornal. — Respondido.

4.º Do ex.<sup>mo</sup> sr. Elisiario Augusto Lindsay, agradecendo a sua admissão a socio, e referindo-se a negocios de thesouraria. — Respondido.

5.º Do socio sub-delegado, o sr. João dos Santos Paes, Angra do Heroismo, accusando a recepção do jornal. — Inteirada.

6.º Do socio, o sr. Domingos Antonio Pita Simões, Redondo, participando que a sua nova residencia é em Lisboa. — Inteirada.

7.º Da procuradoria regia de Lisboa, accusando a remessa de um caixote, contendo visceras suspeitas, a fim de n'ellas se proceder a uma analyse toxicologica. — Respondido.

8.º Do ill.º sr. Joaquim Antonio Torres, Alcantarilha, dando conta de um embargo, feito por parte da auctoridade, de uns medicamentos expostos á venda n'uma drogaria. — Inteirada.

9.º Da companhia pharmaceutica portuense, manifestando desejos de transcrever no seu *Boletim commercial* o parecer dado por esta sociedade com referencia á portaria de 27 de janeiro de 1877. — Respondido.

### Propostas

O sr. *Alfredo Machado* mandou para a mesa uma proposta do teor seguinte :

«Proponho que a mesa, a exemplo do que se tem praticado em casos analogos, e por justa consideração para com o sr. dr. Alves, nomeie uma commissão encarregada de pedir a este cavalheiro a desistencia do seu proposito para o cargo de presidente.»

O sr. *presidente* poz á discussão este assumpto, e resolveu-se affirmativamente.

### Segundas leituras

Teve segunda leitura uma proposta para socio correspondente, apresentada pelo sr. Antonio Augusto Felix Ferreira, e ficou admittido por unanimidade o ill.º sr. Elisiario Augusto Lindsay, pharmaceutico em Villa Nova de Portimão.

Sob proposta do sr. Ramon Ortiz de Montelan, foi tambem admittido o pharmaceutico José Alberto Marques Silva, de S. Bartholomeu de Messines.

Outrosim foi lido e approvedo, depois de discussão, o parecer da commissão de pharmacia, relativo á formula da mistura salina composta, cuja reduccão fôra proposta a esta sociedade pelo socio o ill.º sr. Antonio Vaz Ferreira, de Cabeceiras.

O sr. *presidente*, dando posse aos novos funcionarios, disse que felicitava a sociedade por ter acertado na escolha e competencia.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem da noite da sessão seguinte eleição de cargos vagos, propostas, pareceres, etc. Eram dez horas da noite. — O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

PARECER DA COMISSÃO DE PHARMACIA SOBRE A PROPOSTA DO NOSSO CONSOCIO O SR. ANTONIO VAZ TEIXEIRA, DE CABECEIRAS, Á CERCA DA «MISTURA SALINA COMPOSTA»,

E approvedo pela sociedade em sessão de 28 de agosto de 1877

Senhores: — A comissão de pharmacia foi por vós enviada uma proposta do nosso consocio o ex.<sup>mo</sup> sr. Antonio Vaz Teixeira, de Cabeceiras, para sobre ella dar parecer.

O sr. Vaz Teixeira, em cumprimento do aviso d'esta sociedade, datado de 31 de janeiro do presente anno, e publicado no jornal de fevereiro a pag. 21, remetteu a sua proposta datada de 18 de junho ultimo, na qual pede esclarecimentos sobre o embaraço que lhe tem offerecido a execução da formula da *mistura salina composta* do *codigo pharmaceutico lusitano*, edição posthuma, pag. 277, e bem assim propõe alvitre acerca da necessidade de reimpressão de algumas obras pertencentes aos ramos da historia natural.

A comissão, desejando corresponder á determinação da sociedade, tratou de considerar qual o embaraço pratico que se offerece áquelle nosso collega, na reducção das quantidades de cada um dos componentes d'aquelle preparado, e tem a dizer que acha o trabalho feito com muito acerto e exactidão.

Acrescenta mais a comissão que, tendo este preparado decaido muito do uso medico e a *Pharmacopeia portugueza*, a pag. 380, apresentado uma nova formula de *mistura salina simples*, muito mais rasoavel e de facil execução; parece que está removido o obstaculo apresentado pelo nosso collega, adoptando-se a seguinte formula, mais de accordo com a estabelecida por Macbride.



## Mistura salina composta

Citrato de potassa . . . . .	20,00 gram.
Assucar granuloso . . . . .	50,00 »
Agua de hortelã . . . . .	930,00 »
Tartrato de potassa e de antimonio	0,20 »

F. s. a.

Pelo que respeita aos alvitres lembrados pelo mesmo consocio, esta commissão abstem-se de dar sobre elles parecer, por os julgar da competencia da nossa illustre commissão de historia natural.

Antes de terminar este parecer, seja-nos permitido solicitar os devidos louvores para o nosso mui digno collega e consocio o ex.<sup>mo</sup> sr. Antonio Vaz Teixeira, por ter correspondido ao appello feito por esta sociedade, dando mais uma prova de dedicacão, que consagra á sciencia que professámos, e do seu muito zêlo e acrisolado interesse nos assumptos de que se occupa a sociedade.

Gabinete da commissão de pharmacia, em 8 de agosto de 1877. — O director, *José Dionysio Correia* — *João de Jesus Pires* — *Joaquim Simões Serra*.

---

 VARIEDADES
 

---

Escola superior de pharmacia de Paris. — Com a devida venia copiamos do jornal *O primeiro de janeiro*, do Porto, o que se segue:

«Em Paris, descem todas as manhãs numerosos operarios ás catacumbas. Empregam-se na construcção de enormes sustentaculos de granito, por baixo dos terrenos incultos que se vêem no Luxemburgo. E de facto, as edificações que vão effectuar-se n'aquelle ponto são incompativeis com os diversos trabalhos realisados pela camara em diferentes epochas, para evitarem os desabamentos.

«É n'esse vasto sitio que vae construir-se a escola superior de pharmacia.

«As edificações e jardins preencherão uma area de 17:000 metros quadrados, isto é, uma superficie pouco mais ou menos igual a meia praça da Concordia.

«O grande pateo, que terá 57 metros de comprimento e varias figuras de relva em cujos centros se erguerão as estatuas de Parmentier, Vauquelin, etc., precederá o edificio principal. Á direita e esquerda, será flanqueado por dois pavilhões, onde os professores terão os seus laboratorios.

«O edificio principal, dividido a meio em consequencia de um vestibulo central, constará da sala dos actos, á direita, e, contiguo, um amphitheatro de physica; á esquerda haverá os escriptorios da administração, e seguidamente, á similhaça da secção direita, um amphitheatro de chimica. Os dois amphitheatros medirão cada um 400 metros quadrados, e poderão conter seiscentos alumnos, tanto um como outro.

«Os jardins, estufas e mais accessorios encontrar-se-hão na rectaguarda, e serão limitados na direcção de Luxemburgo por meio de uma grande construcção de 90 metros de comprimento e uma altura de tres andares, onde haverá laboratorios de manipulação proporcionaes a 600 alumnos.

«Esta obra monumental, que será toda granitica, alicerçar-se-ha nas catacumbas, e como preservativo de qualquer desastre, já se abriram trezentos poços.

«A nova escola de pharmacia não ficará finalisada senão em 1880; porém, como os trabalhos vão principiar-se com afan, espera-se que já no proximo anno — epocha da grande exposição universal — se dê, por meio d'elles, uma idéa bastante precisa do aspecto geral da obra.»

**Azotato de potassa.**—Tem sido encontrado no commercio contendo chloretos, sulatos, azotatos de soda e de cal, cobre e iodo.

O sr. Magonty tem encontrado nos azotatos de potassa 1,5 a 2,5 por 100 de sal marinho.

Os chloretos produzem precipitado flocooso com o azotato de prata, insolavel no acido azotico e soluvel na ammonia.

Os sulfatos precipitam em branco pelo chloretó de bario, cujo precipitado é insolúvel no ácido azótico.

Os saes de soda são reconhecidos pelo soluto concentrado de méta-antimoniato de potassa que produz precipitado branco, e os saes de cal pelo oxalato de ammonia que fórma precipitado branco.

O cobre é descoberto pelo cyaneto amarello, que dá precipitado côr de castanha.

O iodo manifesta-se no soluto de azotato de potassa suspeito, filtrado, e ligeiramente amidonado; addicionando-se ácido sulfuroso e depois ácido sulfurico, adquire coloração azul característica.

O sr. Boettger assevera que grande parte do azotato de potassa do commercio é preparado com o azotato de soda natural (salitre do Chili), que contém muita quantidade de azotitos.

**Iodo.**—No commercio raras vezes é puro, devido ao seu preço elevado, e tem-se-lhe encontrado carvão de pedra, ardósia, peroxydo de manganez, sulfureto de chumbo, plombagina ou graphita, agua, etc.

O sr. Herberg, examinando uma amostra de iodo, encontrou 51 por 100 de plombagina.

O sr. Robiquet tem encontrado, no iodo vendido, 15 a 20 por 100 de agua.

Todas as substancias estranhas, excepto a agua, são reconhecidas no iodo, pelo calor, alcool fervente, soluto de hydrato de potassa.

O calor sublima inteiramente o iodo, deixa no residuo, depois da sua sublimação, todas as substancias acima mencionadas e que são fixas e indecomponíveis pelo calor.

O alcool fervente ou o soluto de potassa diluido dissolvem inteiramente o iodo, deixando as substancias com que foi falsificado.

**Galbano.**—Esta resina-gomma, quando pura, deve fornecer 60 por 100 de resina, 10 por 100 de gomma, 6 por 100

de oleo volatil. Tem-se-lhe misturado alguma vez outras substancias resinosas de preço inferior, e só pôde ser conhecida esta fraude fazendo-se o exame comparativo com outro galbano de boa qualidade.

Repetidas vezes tem sido encontrado contendo substancias terrosas para augmentar-lhe o peso; estes corpos estranhos ficam como residuos quando se trata o galbano pela agua e pelo alcool.

**Balsamo peruviano.** — É falsificado pela colophonia, terebinthina, benjoim, balsamo de copaiva, alcool e oleos fixos.

As quatro primeiras substancias são descobertas pelo seu cheiro particular, quando se deita pequena porção de balsamo suspeito sobre uma lamina de ferro avermelhado ao fogo ou sobre carvões ardentes.

Para se reconhecer o alcool, o sr. Bussy manda introduzir determinada quantidade de balsamo e agua em tubo graduado, e agitar vivamente durante alguns minutos: a agua, aposando-se do alcool, produz diminuição de volume.

O sr. Hager tem observado que o balsamo peruviano puro, agitado fortemente com duas vezes o seu volume de essencia de petroleo, dá duas camadas muito distinctas, a inferior é escura, a superior limpida, quasi incolor e facil de decantar; quando a camada superior é córada e viscosa, o balsamo está falsificado.

**Mercurio doce.** — Tem sido encontrado contendo alvaiade, cré, gesso, ossos calcinados, etc.

Para se descobrir esta falsificação, o sr. Gay recommenda sublimar pequena porção de mercurio doce suspeito e analysar o residuo.

Faz effervescencia pelos acidos se tiver a alvaiade ou a cré; no primeiro caso, o soluto precipita em amarello pelo iodeto de potassio e em negro pelo gaz sulphydrico, e, no segundo caso, ennegrece-se pelo hydrogenio sulfurado e dá precipitado branco pelo oxalato de ammonia.

**Terebinthinas.** — A terebinthina de Veneza tem sido algu-

mas vezes falsificada com os oleos gordos para lhe conservar a sua fluidez. Descobre-se esta fraude aquecendo-a para lhe eliminar o oleo essencial. Se o residuo adquirir a consistencia solida pelo resfriamento, a terebinthina é pura, e será considerada impura quando o mesmo residuo se tornar viscoso e gorduroso.

A terebinthina de Bordeaux tem sido substituida por um producto fabricado com a colophonia, oleo gordo e terebinthina. Esta materia falsificada reconhece-se pelo seu aspecto e, quando submettida á acção do calor, não deixa residuo secco e quebradiço como a boa terebinthina.

**Brometo de lithio.**—A descripção feita pelo sr. Lévy, é a seguinte: sal branco muito deliquescente, de sabor semelhante ao dos brometos alcalinos. Obtem-se neutralizando o acido bromhydrico pelo carbonato de lithina, filtra-se o producto neutralizado, concentra-se e evapora-se á seccura; o residuo da evaporação é depois levado á fusão e vasado sobre laminas.

O brometo de lithio é mui rico de bromo, tem propriedades hypnoticas e uma acção sedativa favoravel contra diversos padecimentos nervosos, especialmente contra a epilepsia.

**Essencia de hortelã pimenta.**—É esverdeada ou incolor, de cheiro forte e caracteristico, de sabor acre e ardente; coagula-se e torna-se vermelha pela addição do chromato de de potassa, propriedade que não possuem as outras essencias das labiadas.

Conforme o sr. Roucher, esta essencia colora-se em vermelho-purpura pelo acido azotico; em vermelho-vivo, mudando a pouco e pouco para vermelho-cereja, em contacto com o hydrato de chloral.

É falsificada com o alcool, oleos fixos, essencias de terebinthina, de mostarda e de copaiba rectificada. Para o alcool, póde ser empregado o acetato de potassa, que se dissolve sómente na essencia pura; os oleos fixos, insoluveis no alcool, ficam



isolados quando se emprega este vehiculo para dissolver a essencia por elles falsificada; para descobrir a essencia de terebinthina, ha o processo do sr. Roze fundado sobre a hydratação d'esta essencia pela acção do ar humido; para a essencia de mostarda é sufficiente tratar a quente com pequena porção de hydrato de potassa, que se obtém um sulphureto que ennegrece depois pelos saes de chumbo; para a essencia de coaiba rectificada, recommenda o sr. E. Martin ser aquecida até á ebullição a essencia suspeita com o acido azotico, se for pura adquire a côr de castanha-escura.

**Bitartrato de potassa.**—É um sal branco, inodoro, crystallizado em pequenos prismas terminados por cumes diedros; o seu sabor é acidulo; é inalteravel ao ar; é pouco solúvel na agua fria e muito mais na agua fervente; ao calor rubro reduz-se a carbonato de potassa e e carvão.

O sr. Perrens diz que o bitartrato de potassa puro deve produzir, approximadamente pela calcinação, 30 por cento de carbonato de potassa puro; esta analyse prevê todas as falsificações a que elle está sujeito.

O sr. Squible diz mais que, quando o bitartrato de potassa contenha cal, esta fica insolúvel e no estado de tartrato de cal, que se reconhece pela agua ammoniacal.

**Valeriana.**—A raiz de valeriana officinal, é um medicamento dos mais poderosos como excitante e antispasmodico; emprega-se n'alguns casos como febrifugo, vermifugo, sedativo, antihysterico e antiépiletico. Mal conservada e mal secca, perde uma parte das suas propriedades.

É algumas vezes falsificada com as raizes do rainunculo, fraude muito commum na Allemanha, e bem assim com as raizes da escabiosa, eupatoria, valeriana dioica, valeriana phu.

Nos Estados Unidos tem sido empregada como succedaneo da valeriana, com o nome de valeriana americana, a raiz de *cypridium pubescens* (orchideas).

## PHARMACIA

SOBRE O EMPREGO DO ALCOOL NA PREPARAÇÃO  
DE CERTOS XAROPES FERMENTESCIVEIS

Por M. Rousseau-Trubert

Eis-aqui como elle opera para todos os xaropes fermentesciveis:

Planta secca ou raiz secca . . . . .	100 gram.
Alcool a 90° (conforme o volume da substancia) . . . . .	50 a 60 »
Agua fervente . . . . .	1:000 »
Assucar branco . . . . .	q. b.

A substancia, depois de convenientemente dividida, rega-se com alcool, e passadas seis horas de maceração em vaso fechado, junta-se-lhe agua fervente, e deixa-se em infusão por doze horas. Passa-se por um sêdão, e faz-se a banho maria ou a brando calor em vaso fechado, um xarope por simples solução, que se filtra por papel depois do resfriamento.

D'esta fôrma obtêm-se, segundo o auctor, xaropes que se conservam indefinidamente, não dando jámais logar á producção de cryptogamicas á sua superficie, e sem ter que juntar-se a mais pequena quantidade de alcool.

O auctor diz ter assim preparado os xaropes de capillaria do Canada, de consolda maior, de genciana, de nogueira, de chicoriá composto, de ratanhia, e obteve resultados os mais satisfactorios no ponto de vista da sua conservação, e do seu aroma.

(*Journ. de ph. et de chimie.*)

Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

## TOXICOLOGIA

DAS DÓSES TOXICAS E DOS CONTRA-VENENOS  
DE ALGUNS COMPOSTOS ARSENICAES

O sr. dr. Rouyer tem feito no laboratorio do sr. Felz uma serie de experiencias sobre a acção toxica do acido arsenioso, arseniato de soda e arsenito de potassa.

Doze experiencias foram feitas pela injeccão de acido arsenioso no sangue; mostraram que eram bastante mui diminutas doses de acido para produzir symptomas de envenenamento; seis dezmillimos de arsenico por kilogramma de peso do animal é sufficiente; a morte é certa com tres milligrammas no espaço de oito horas. Para cada uma d'estas doze experiencias, o auctor apresenta a relação dos symptomas e dos caracteres anatomicos.

A introducção do acido arsenioso no estomago foi objecto de cinco experiencias, sendo necessario uma dose mais forte: seis ou sete centigrammas por kilogramma causam a morte, que sobrevém depois de vinte e quatro horas.

O arseniato de soda (licor de Pearson), injectado no sangue, tem causado a morte com cinco milligrammas por kilogramma; no estomago, depois de oito experiencias, foram necessarias quinze centigrammas. O arsenito de potassa (licor de Fowler), em cinco experiencias, produziu a morte com tres milligrammas por kilogramma, muitas vezes no fim de sete horas; no estomago são necessarias seis centigrammas, mas a morte só se effectua em sete horas. O sr. dr. Rouyer tem procurado approximar estes resultados aos observados no homem; e, ainda que os factos sejam menos determinados, elles estabelecem que as doses muito mais fracas são mortaes.

Sob o ponto de vista therapeutico, o auctor tem procurado a quantidade do contra-veneno que convém administrar em uma dose toxica, e conseguido muitas vezes neutralisar os efeitos do toxico. As experiencias têm confirmado que o hydrato de sesquioxido de ferro recentemente preparado, gelatinoso e escuro, é um contra-veneno do acido arsenioso; que elle só actua sobre o acido arsenioso contido no estomago e não sobre o que existe no sangue; que a sua efficacia tem sido manifesta em meia hora ou em tres quartos de hora depois do envenenamento; mas resulta tambem das suas experiencias que o hydrato ferrico não é contra-veneno do arsenito de potassa nem do arseniato de soda. O auctor propõe

como antidoto d'estes dois compostos arsenicaes o chloreto ferrico, ajuntando a magnesia, que é igualmente um contra-veneno do acido arsenioso. O hydrato ferrico e o chloreto ferrico, juntos á magnesia, são quasi da mesma força contra o acido arsenioso; mas o novo antidoto neutralisa tambem os dois outros compostos, e tem a vantagem de uma preparação mais facil e de conservação mais segura.

Qualquer que seja o contra-veneno, é conveniente administrar, uma hora depois, um purgante para expulsar o arsenito ferrico, a fim de não causar novo envenenamento. Este arsenito ferrico sendo solúvel nos acidos, deve-se evitar o uso de bebidas acidas ao doente.

*(Bulletin thérapeutique.)*

#### ENVENENAMENTO PELA DYNAMITA

Em 13 de novembro de 1876, em uma aldeia do districto de Rosenberg (Silesia), verificou-se a morte de uma mulher chamada Kandziora, e dois dias depois a de seu marido; havendo ambos, até 10 do dito mez, gosado a melhor saude. Provou-se que a mulher Wollny tinha trazido aos esposos Kandziora comidas ás quaes havia misturado a dynamita, e que a morte devia ser attribuida á absorção d'esta substancia venenosa, como fôra provado, no primeiro exame, pelo dr. Rosenfeld.

Requereu-se então a analyse ao instituto medico da Silesia, o qual foi de parecer conforme ao do dr. Rosenfeld; isto é, que a morte havia sido ocasionada unicamente pela absorção de grande quantidade de nitro-glycerina.

A autopsia descobriu nas mucosas dos intestinos e do estomago numerosos vestigios de corrosão, semelhantes aos que produz um veneno energico, queimando como o ferro candente e perfurando o organismo.

A analyse chimica fez reconhecer no estomago a presença do acido azotico. Sabe-se que a dynamita é fabricada com a mistura de nitro-glycerina e de um corpo poroso, e a nitro-

glycerina prepara-se fazendo actuar o acido azotico sobre a glycerina.

O jury declarou culpados: a mulher Wollny, da morte de duas pessoas com premeditação; o seu marido, do mesmo crime, mas por seus conselhos sómente.

O tribunal de Oppeln, em audiencia de 11 de julho de 1877, e em presença das declarações do jury, condemnou a mulher Wollny á pena de morte e o seu marido a dez annos de trabalhos forçados.

(*Gaz. hebdom. de méd. et de chir.*)

J. D. CORRÊA.

## CHIMICA

### MEIOS DE DISTINGUIR O BI-CHLORURETO DE MÉTHYLENE DO CHLOROFORMIO

Desde as importantes pesquisas do dr. Richardson sobre os anesthesicos e principalmente sobre o bi-chloreto de methylène, que o cirurgião inglez empregou com successo, e que reconheceu como superior ao chloroformio, muitos cirurgiões empregam de preferencia este agente anesthesico. Atribuem-lhe uma acção mais rapida, a ausencia de sentimento de plenitude na cabeça, bulha nos ouvidos, um despertar que não é seguido de mau estar, uma anesthesia mais prompta, mais duradoura, não acompanhada de excitação, e sobretudo menos perigosa, que a produzida pelo chloroformio.

A grande similhaça de aspecto physico dos dois anesthesicos, é causa que quasi sempre se substitue o chloroformio, que é procurado facilmente no commercio, ao bi-chlorureto de methylene, que exige na preparação especial cuidados muito particulares, e cujo uso é muito limitado, e o preço bastante elevado.

Estes dois corpos apresentam-se debaixo da fórma de um liquido ethereo, mais pesado que a agua, de cheiro penetrante particular identico, e de sabor doce e picante. O chloroformio  $\text{CH}_2\text{Cl}$ , é menos volatil que o bi-chlorureto de methylina  $\text{CH}_2\text{Cl}_2$ .



O primeiro ferve a 60°,8, o segundo a 40°; tinha-se-lhe attribuido com rasão um ponto de ebulição a 30°,5, que constitue a temperatura a que ferve o chlorureto de mithyle chlorado obtido por Regnault, e que se tinha considerado como isomero com o bi-chlorureto de methylène.

A densidade do chloroformio é de 1,48 ou 70° no areometro pharmaceutico de Baumé; a do bi-chlorureto de methylène é de 1,3604 ou 38°,5 no areometro de Baumé.

A densidade do vapor dos dois corpos differe igualmente; assim, enquanto a densidade do vapor do bichloroto é de 42,5 (densidade de vapor corresponde ao hydrogenio 1) a do chloroformio é de 50,75.

O que distingue sobre todos os dois corpos é sua maneira de se comportar com a chamma. O chloroformio arde difficilmente quando se colloca acima de um bico de gaz, ou de um corpo em ignição um pedaço de algodão embebido d'este corpo, enquanto que o bi-chlorureto de methylina arde nas mesmas circumstancias com uma chamma muito fuliginosa.

O iodo pôde igualmente servir de ponto de comparação; a solução chloroformica de iodo é mais vermelho violete que a dissolução de iodo no bi-chlorureto de methylina, cuja cor se aproxima mais da da tintura alcoolica.

A mistura de alcool e de chloroformio, substituida ao bi-chlorureto de methylina, reconhecer-se-ha facilmente por meio do tratamento pela agua. (L'Union pharmaceutique.)

## Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

### PILOCARPINA

As folhas e a parte cortical do jarobandi—*Pilocarpus pinnatus* das Rutaceas são as unicas partes empregadas em medicina. Ellas contêem, alem da pilocarpina, um oleo essencial de natureza particular, composto em grande parte de um carbureto de hydrogenio, e de diversas outras substancias ainda não estudadas.

As folhas do jarobandi são empregadas em medicina de-

baixo das mesmas fórmulas] e nas mesmas doses da coca, pó, tisana, vinho, elixir, extracto e xarope.

#### Preparação da pilocarpina

Esgote as folhas ou casca de jarobandi pelo alcool a 80, addicionando acido chlohydrico na proporção de 8 grammas por litro. Distille e evapore á consistencia de extracto liquido.

Torne a tratar por uma pequena quantidade de agua distillada, e filtre. Trate pelo ammoniaco em ligeiro excesso, e por uma grande quantidade de chloroformio; dissolva-se o residuo na agua distillada acidulada pelo acido chlohydrico e filtre-se.

Trata-se de novo pelo chloroformio e ammoniaco.

A solução chloroformica é agitada com agua, a que se junta gotta a gotta o acido chlohydrico em quantidade sufficiente para saturar a pilocarpina.

As materias estranhas ficam no chloroformio, e por evaporação do licor aquoso obtem-se chlorhydrato muito bem cristalisado em longas agulhas, irradiando-se em torno de um centro commum.

O chlorhydrato dissolvido na agua distillada, depois tratado pelo ammoniaco, e pelo chloroformio, dá a pilocarpina por evaporação de solução chloroformica.

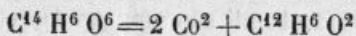
A pilocarpina apresenta-se debaixo de uma forma molle, viscosa; é pouco soluvel na agua, mas muito soluvel no alcool, ether e chloroformio. Offerece todos os caracteres chimicos dos alcaloides, e desvia fortemente para a direita o plano da luz polarisada.

(*Le monde pharm.*)

#### REACÇÕES DO ACIDO SALICYLICO

Por M. Rich. Godeffroy

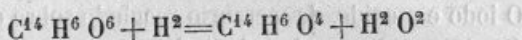
Aquecido até ao seu ponto de fusão, o acido salicylico se desdobra em acido carbonico e em acido phenico:



Distillado com excesso de cal passa acido phenico na distillação.

Aquecido com alcool amylico debaixo da pressão e á temperatura de 250°, o acido salicylico desdobra-se em acido carbonico e em acido phenico.

Reagindo sobre uma dissolução acidulada de acido salicylico, o amalga de sodio produz acido salicyloso:



O acido sulfurico forma com o acido salicylico dois isomeros; elle o dissolve e não se córa em contacto com elle.

Ha desenvolvimento de acido formico quando se aquece uma mistura de acido salicylico, de acido sulphurico, e de bioxido de manganezio.

O acido sulphurico, o biclorureto de potassa e o acido salicylico dão igualmente acido formico, e acido carbonico.

Aquecido com uma mistura de acido sulphurico e de alcool methylico, o acido salicylico desenvolve um cheiro aromatico agradável de ether methysalicylico.

A frio, o acido azotico concentrado transforma o acido salicylico em acido nitro-salicylico. A quente, o acido azotico ordinario produz o mesmo effeito.

O acido azotico fumante, ou uma mistura de acido nitrico e acido sulphurico reagindo sobre o acido salicylico, produz acido picrico e acido carbonico.

A reacção é muito viva.

O chloro e o bromio dão productos de substituição.

Fundido com o acido salicylico secco, o iodo dá productos de substituição, e uma materia vermelha amorpha.

A quente o acido chlohydrico dissolve uma quantidade consideravel de acido salicylico; arrefecendo a solução ou adicionando-lhe agua fria, depõe abundantes agulhas finas de acido salicylico.

O chlorato de potassa e o acido chlohydrico reagindo sobre o acido salicylico o transformam em chloramil:  $C^{12} Cl^4 O^4$

Produz-se ether phenylico e acido carbonico aquecendo a

280° centigrados uma mistura de acido salicylico e de uma solução aquosa de acido iodhydrico.

Quando se distilla com o perchlorureto de phosphoro dá chlorureto de chlorosalicyle  $C^{14} H^4 Cl^2 O^2$

Se se mistura trichlorureto de phosphoro com acido salicylico e anilina ha producção de salicylamide  $C^{12} H^5 A H$  ( $C^{14} H^5 O^4$ ).

O iodo e o oxido de mercurio reagindo sobre o acido salicylico dão productos de substituição.

Se se misturam 3 moleculas de acido salicylico com uma molecula de glycose, e que se lança sobre esta mistura acido sulphurico concentrado, elevando-se-lhe depois a temperatura, ha producção de uma materia corada em vermelho sangue: esta coloração desapareceu pouco a pouco, passando a escuro, e tornando-se finalmente negra.

A solução da potassa caustica dissolve facilmente o acido salicylico; o licor escurece muito rapidamente ao ar.

A solução aquosa do acido salicylico e de seus saes torna-se violette por uma addição de um persal de ferro. A dessiccação da mistura faz desaparecer a coloração; esta desaparece em contacto da agua.

Uma mistura de acido salicylico, de sulphato de cobre, e de soda caustica toma uma intensa côr azul verde, e o licor não é precipitavel por um excesso de alcali caustico.

O salicylato de sodio córa em bello verde de herva a solução de sulphato de cobre.

O azotato de prata precipita as soluções de salicylatos alcalinos, mas não precipita a solução aquosa de acido salicylico: o acetato de chumbo comporta-se como o acetato de prata.

Se se mistura uma solução assucarada, preparada a quente, de salicylato de cal (obtido fazendo reagir a solução aquosa de acido salicylico sobre o carbonato de cal) com uma solução fervente de sucrato de cal, obtem-se um precipitado cristallino  $Ca C^{14} H^4 O^6$  quasi insolúvel na agua.

Se se fizer ferver uma solução de ferro-cyanureto de potas-

sio com uma solução de acido salicylico, o liquido se perturba, e desenvolve-se acido cyanhydrico. Esta reacção é muito delicada, e o acido cyanhydrico pôde servir a caracterisar o acido salicylico.

Fazendo ferver uma solução de acido salicylico com outra de permanganato de potassa, o cheiro do acido cyanhydrico torna-se logo manifesto ao mesmo tempo que se produz acido phenico, acido carbonico, e oxido escuro de manganeseo.

(*Journ. de pharmacie et de chimie*).

## PHYSICA INDUSTRIAL

### PODER CALORIFICO DOS COMBUSTIVEIS

É de certo a physica a sciencia que maior contingente tem dado com as suas vastissimas applicações para o notavel progresso material que se manifesta por toda a parte, e que valeu ao seculo XIX a denominação de seculo das luzes. A physica devemos os dois factos mais brilhantes dos ultimos tempos — a telegraphia electrica e a locomoção pelo vapor. Aquella transmite os nossos pensamentos ás mais longiquas paragens do universo, com uma velocidade de 100 kilometros por segundo; esta permite-nos percorrer em alguns dias enormes distancias, que com outros meios gastaríamos mezes e annos a transpor!

São tantos e tão assignalados os beneficios que a humanidade tem recebido d'esta prodigiosa sciencia, que não é possível numeral-os aqui, nem a tal me proponho.

Pretendo apenas dizer duas palavras a respeito do *poder calorifico dos combustiveis* industriaes.

Denomina-se *poder calorifico dos combustiveis* o numero de *calorias*<sup>1</sup> produzido pela combustão de 1 kilogramma d'esses combustiveis. O seu conhecimento tem grande importancia na industria; poisque é indispensavel para a escolha de

<sup>1</sup> *Caloria* é a quantidade de calorico preciso para elevar de 1º centigrado a temperatura de 1 kilogramma de agua.



combustivel e montagem de apparatus calorificos para os usos industriaes.

As quantidades de calorico desenvolvido pela combustão podem ser determinadas de differentes modos. Usa-se para isso de calorimetros que, comquanto dêem resultados de grande precisão, não podem facilmente ser applicados na industria, pelo trabalho e cuidados que exige a installação d'esses apparatus. Faz-se geralmente uso na industria do processo de Berthier.

Para isso toma-se 1 grammas de combustivel em pó, mistura-se com proxíamente 30 grammas de lithargrio, cobre-se a mistura com 20 a 30 grammas de lithargirio puro, introduz-se em um cadinho de modo que fique cheio até metade, tapa-se e põe-se em forno de fogo vivo, calcinando até que o excesso de lithargirio forme uma crosta vitrea, que se une á parte da materia do cadinho; então esfria-se este, quebra-se e tira-se o bocado de chumbo, proveniente da redução do lithargirio pelo carbonio e hydrogenio do combustivel.

Este processo funda-se n'um principio, que não é geral; mas que pôde ser utilizado para os combustiveis industriaes, e é que o calor desenvolvido por um combustivel é proporcional á quantidade do oxygenio com que se combina; ora o carbonio decompondo o lithargirio produz 34 vezes o seu peso de chumbo; então suppondo ser  $p$  o peso do chumbo reduzido no cadinho  $C$  poder calorifico do carbonio,  $x$  poder calorifico do combustivel, teremos  $x = \frac{Cp}{34}$ ; mas  $C = 8080$ , portanto  $x = 237,6 p$ .

Os combustiveis industriaes para serem empregados vantajosamente devem arder com facilidade no ar atmospherico, ser abundantes e de preço não elevado, e ser taes, que não alterem os corpos que recebem a acção do calor.

A temperatura produzida por um combustivel pôde ser muito elevada, e entretanto o calor que desenvolve ser menor do que o calor desenvolvido por outro combustivel que produza uma temperatura menos elevada; effectivamente esta depende da concentração do calor em um espaço maior ou

menor; quanto menor for o espaço, mais concentrado estará o calor e mais elevada será a temperatura. Entretanto uma parte do calorico é perdida pela vaporisação da humidade dos combustiveis, e outra parte é absorvida pelos gazes que se escapam pela chaminé, os quaes attingem a temperatura de 300° centigrados.

A quantidade de ar necessaria para a combustão dos differentes combustiveis varia; effectivamente a quantidade de ar que elles consomem está em relação com a sua densidade.

Eis uma relação do poder calorifico dos principaes combustiveis usados na industria, e das quantidades de ar precisas para a combustão de 1 kilogramma de cada um d'esses combustiveis:

	Calorias	Metros cubicos de ar
Lenha secca.....	4:000	9,42
Lenha com 0,25 de agua.....	3:000	7,06
Carvão vegetal 0,14 agua e cinzas.....	7:000	15,28
Turfa secca.....	5:300	11,36
Turfa humida.....	3:750	7,96
Carvão de turfa 0,20 cinzas.....	6:400	14,20
Carvão de pedra (media).....	8:000	16,70
Coke com 0,04 de cinzas.....	7:700	17,06
Coke com 0,15 de cinzas.....	6:800	15,10

Comquanto me propozesse fallar sómente de combustiveis industriaes, não posso deixar de mencionar o gaz de illuminação, cujo emprego como combustivel se vae generalisando, pela grande commodidade que offerece o seu uso, e que já seria mais vulgar, se não obstasse a isso o preço elevado que ainda tem. O *poder calorifico* do gaz de illuminação é de 11858 calorias.

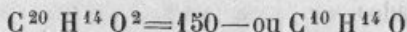
A. DA SILVA MACHADO.

## VARIEDADES

## PREPARAÇÃO DE ALGUNS MEDICAMENTOS NOVOS

(Continuado da pag. 449)

## Acido thymico ou thymol



Obtem-se este acido tratando a essencia de tomilho por um volume de soluto aquoso de potassa ou de soda (1 de potassa ou soda e 5 de agua distillada) agitando repetidamente para facilitar a combinaçãõ.

O acido thymico ou thymol dissolve-se formando composto soluvel, e a thymene, carboneto de hydrogenio que o acompanha na essencia, não se combina com os alcalis, e separa-se.

Filtra-se o soluto, trata-se por um acido, o acido chlorhydrico, por exemplo, que liberte o acido thymico.

Purifica-se o producto obtido por meio de lavagens, e, depois de secco, distilla-se.

O acido thymico assim preparado é liquido; pôde, porém, obter-se crystallizado, quando se tenha arrefecido por algum tempo a essencia de tomilho.

Tem fraco cheiro, que faz lembrar o do tomilho; é pouco soluvel na agua e muito no alcool. É um caustico energico.

## Soluto de acido thymico de 1 : 1000

Acido thymico..... 1 gram.

Alcool de 90°..... 4 »

Dissolva e junte.

Agua distillada..... 995 »

Empregue-se este soluto em loções, injecções, inhalações, etc.

## ALGODÃO IODADO

Seque completamente n'uma estufa algodão cardado de boa qualidade, e tome d'elle 25 grammas por cada 2 grammas de iodo em pó fino; misture estas duas substancias espalhando

com a maior uniformidade possível o pó do iodo sobre o algodão. Feito isto introduza a mistura n'um frasco de um litro de capacidade e de bôca larga com rolha esmerilhada; expulse o ar aquecendo durante alguns minutos a banho de agua o frasco destapado, tape-o então e fixe bem a rolha por meio de um fio.

Feito isto mantenha o frasco a uma temperatura proxima de 100°, por espaço, pelo menos, de duas horas. O iodo vaporizado condensar-se-ha, como uma materia corante, na cellulose, na qual se fixa na proporção de 8 : 100 approximadamente.

Só deve abrir-se o frasco quando esteja bem frio.

Conserve o producto em frasco que rolhe muito bem.



COCA

Erytroxilon coca (Erytroxyleas)

Em medicina só se empregam as folhas sob as fórmulas seguintes:

Pó de coca

Folhas de coca..... q. q.

Pulverise s. a. quasi sem residuo.

Infuso de coca

Folhas de coca..... 10 gram.

Agua fervendo..... 1:000 »

Vinho de coca

Folhas de coca contusas..... 30 gram.

Alcool de 60°..... 60 »

Macere por vinte e quatro horas, junte:

Vinho de Lunel..... 940 »

Deixe em contacto por dez dias, agite repetidas vezes e filtre.

## Elixir de coca

Folhas de coca contusas.....	100 gram.
Alcool de 60°.....	600 »
Xarope simples.....	400 »

Macere as folhas no alcool por espaço de dez dias, cõe expremendo fortemente, junte o liquido obtido com o xarope e filtre.

## Extracto de coca alcoolico

Folhas de coca em pó grosso.....	4:000 gram.
Alcool de 60°.....	6:000 »

Humedeça o pó com q. b. de alcool, deixe em contacto por doze horas, submetta depois á deslocação com o alcool restante, distille para obter a parte espirituosa do liquido e concentre o residuo a banho de agua até á consistencia do extracto molle.

## Xarope de coca

Folhas de coca.....	100 gram.
Agua fervendo.....	4:000 »

Infunda por vinte e quatro horas, cõe; filtre o liquido e faça xarope empregando 190 de assucar por 100 de infuso.

## GRANULOS DE DIGITALINA CRYSTALLISADA

Digitalina crystalisada.....	25 milligram.
Assucar de leite pulverisado.....	4 gram.
Gomma arabica pulverisada.....	9 centigram.
Mellito simples.....	q. b.

Triture por muito tempo a digitalina com o assucar de leite e a gomma arabica em um gral de porcelana, junte o mellito e faça 100 granulos prateados. Cada um contém  $\frac{1}{4}$  de milligramma de digitalina.

## EMULSÃO DE MEDICAMENTOS INSOLUVEIS NA AGUA

Para estas preparações emprega-se a tintura de Quillaya saponaria a  $\frac{1}{5}$ .



Tintura de quillaya saponaria a  $\frac{4}{5}$ 

Casca de quillaya saponaria.....	100 gram.
Alcool a 90°.....	500 »

Aqueça a banho maria n'um aparelho digestor, mantendo a temperatura proxima da da ebullicão por espaço de meia hora, depois deixe em maceração por quarenta e oito horas e filtre.

## EMULSÃO DE BALSAMO DE TOLU

Balsamo de Tolu.....	2 partes
Alcool a 90°.....	10 »
Tinctura de quillaya.....	10 »
Agua quente.....	78 »

Dissolva o balsamo no alcool, junte a tinctura e depois a agua.

Prepare do mesmo modo as emulsões de terebinthina copaiba (oleo de copaiba), de alcatrão, de oleo de Cade, etc.

## EUCALYPTUS GLOBULUS (Myrtaceas)

## Eucalypto

D'entre as numerosas especies d'este genero a attenção dos medicos tem-se sobre tudo fixado na especie — globulus. Todas as suas partes, e principalmente as folhas, estão impregnadas de um oleo volatil aromatico de natureza particular. Desdobra-se em dois principios: eucalyptol ( $C^{24} H^{48}$ ), e eucalyptene ( $C^{24} H^{20} O^2$ ).

Esta ultima substancia, que é a mais importante, parece aos experimentadores isenta, nos catarrhos pulmonares, das propriedades irritantes que apresenta o principio volatil não desdobrao.

O eucalyptol é miscivel a agua, soluvel no alcool e no ether.

Preparações e doses — as mesmas que as da coca; apenas propomos juntar a estas a

### Água distillada de eucalypto

Folhas seccas de eucalypto.....	1 parte
Água.....	q. s.

Distille até obter 4 partes de água.

Prepara-se do modo seguinte o

### Xarope de eucalypto

Folhas de eucalypto.....	5 gram.
Água distillada de eucalypto.....	100 »
Água.....	q. s.
Assucar granuloso.....	650 »

Infunda o eucalypto em 250 grammas de água, tres horas depois cõe com expressão, filtre e complete 250 grammas, junte a água distillada e dissolva o assucar em vaso coberto a banho maria.

(Continuar-se-ha.)

A. A. FELIX FERREIRA.

**Genciana.**— Tem-se encontrado no commercio algumas vezes misturada com as raizes das *gentiana purpurea*, *punctata* e *pannonica*, e as de aconito, belladona, helleboro branco, labaga aguda.

O pó de genciana tem sido falsificado pelo ocre amarello; a incineração, o peso e a natureza chimica das cinzas descobrem facilmente esta fraude; tratadas as cinzas pelo acido chlorhydrico, produzem soluto, que fórma, com o cyaneto amarello, precipitado abundante de azul de Prussia.

**Castoreo.**— Pelo seu preço muito elevado é sujeito a ser falsificado com substancias resinosas, taes como o sagapeno, galbano, gomma ammoniaca, etc.

O sr. Hager assegura que o castoreo da Russia, o mais estimado, deve conter 4 por 100,6 de castorina, e o do Canadá sómente 1 por 100,98; este ultimo, tratado pelo chloroformio, produz resina escura e cheiro franco; o da Russia a resina é mais viscosa e o cheiro mais forte.

O sr. Kohl acrescenta que o castoreo do Canadá, tratado

pelo ammoniaco diluido, dá precipitado côr de laranja, e o da Russia precipitado branco.

**Benzina.**— Este corpo, denominado igualmente *benzol*, *hydrureto de phenylo*, *benzena*, etc., é um liquido limpido, incolor, de cheiro forte e suave quando puro; é quasi insolúvel na agua, muito solúvel no alcool e no ether; dissolve facilmente os corpos gordos, os oleos essenciaes, as resinas e a cera; é combustivel e arde com chamma fuliginosa; o acido azotico fumante converte-a em nitrobenzina; é vesicante, antiseptica e destroe os parasitos.

A benzina encontra-se no commercio raras vezes no estado de pureza, tendo de mistura hydrocarburetos, acido phenico, naphthalina e essencia de petroleo. Na *Union pharmaceutique de 1873* encontra-se o seguinte processo de analyse para reconhecer estas misturas: a benzina suspeita, posta em contacto com o pez negro, dissolve-o immediatamente se estiver pura e toma a apparencia do alcatrão; e, no estado de impureza, cõra-se pelo menos quando contenha grande quantidade de essencia de petroleo.

**Manná.**— Apparece algumas vezes falsificado com a glucosa ou assucar de fecula, com o mel e a farinha.

O que contém a glucosa é mais solido, não apresenta o sabor e a crystallisação do manná verdadeiro, e o que tiver de mistura o mel e a farinha reconhece-se tratando-o pela agua fria; o mel solve-se e a farinha precipita-se, a qual, fervida em agua e depois de fria, colora-se em azul deitando-se-lhe algumas gotas de agua iodada.

**Chlorhydrato de morphina.**— A brancura d'este sal garante ser bem preparado; o calor assegurará contra o excesso de humidade; se tiver narcotina, muitas vezes misturada fraudulentamente, não será redissolvida pelo excesso de ammoniaco ou de potassa.

Os srs. Morson e Marfarton têm encontrado o chlorhydrato de morphina adulterado com assucar, o qual é desco-

berto facilmente tocando a mistura com o acido sulfurico concentrado que carbonisa o assucar.

O sr. Baudrimont recommenda o seguinte processo para lhe descobrir a presença do assucar, e consiste em ferver o sal em agua acidulada de  $\frac{1}{10}$  de acido chlorhydrico e, depois de dez minutos de ebulição, ajuntar pequena quantidade de licor de Frommherz, que é instantaneamente reduzido pelo assucar e transformado em protoxydo de cobre vermelho.

**Acido phenico.** — O do commercio colora-se quasi sempre em rosa, pela acção da luz e sob as influencias de pequenas quantidades de acido rosolico. Para se lhe determinar a sua riqueza, o sr. Hager manda agitar 5<sup>cc</sup> de acido phenico, em um tubo graduado, com 3<sup>cc</sup> de soluto alcoolico de potassa caustica e 5<sup>cc</sup> de essencia de petroleo, e deixar em repouso: o volume da camada inferior é o do acido, do qual se deduzem os 3<sup>cc</sup> de potassa.

Sociedade de pharmacia de Paris. — (Sessão de 6 de junho de 1877.)

O sr. Stanislas Martin apresentou uma raiz pertencente ao genero *smilax* e conhecida no Senegal com o nome de *Goli-Goli*, e fez a narração completa do arbusto. Apresentou uma nota do sr. Rousseau Trubert sobre o emprego do alcool na preparação de certos fermentesciveis.

O sr. Bourgoïn, em seu nome e no do sr. Reboul, expoz as experiencias e os resultados obtidos sobre os acidos pyrotartrico, ordinario e normal.

O sr. A. Petit apresentou amostras de azotato de pilocarpina, e descreveu o processo pelo qual obtivera com a maior facilidade cinco grammas de azotato de pilocarpina de um kilogramma de jaborandi.

Os srs. Lefort e F. Wurtz offereceram uma nota sobre a preparação e composição da emetina.

O sr. Planchon mostrou certo numero de amostras de quinas provenientes do mercado das plantações hollandezas em Java; chamou particularmente a attenção sobre a *Cinchona officinalis* (antigo typo da quina loxa), a qual, sobre 55 gram-

mas de alcaloides por kilogramma, contém 38 grammas de quinina.

O sr. Yvon apresentou um tronco de arvore das ilhas Philippinas, designada com o nome de *Iiban*.

O sr. Méhu leu uma nota sobre o doseamento da manteiga no leite; apresentou 500 grammas de sulfureto de mercurio crystallizado por via humida, obtido pelo abandono ao ar do soluto de sulfureto de mercurio no monosulfureto de sodio addicionado de soda caustica. Este composto tem o aspecto vermelho-escuro do cinabrio ordinario.

O sr. Méhu apresentou igualmente o sulfureto negro de mercurio crystallizado em agulhas, obtidas em substituindo o monosulfureto de potassio e a potassa caustica ás combinações correspondentes do sodio.

**Rhuibarbo.** — É muitas vezes atacado pelos vermes. Para occultar esta alteração, os commerciantes tapam os buracos de massa inerte contendo pó de rhuibarbo ou de ocre amarello. Descobre-se facilmente esta fraude esfregando com um panno a raiz suspeita, que separa todo o pó e apresenta as escavações.

O sr. Chevallier tem encontrado o pó de rhuibarbo, vendido como exotico, que era insipido e inodoro.

Tambem se tem encontrado contendo de mistura a raiz de rhapontico (*rheum rhaponticum*), cuja côr, cheiro e sabor são analogos, ainda que mais fracos.

O sr. Billot diz que o infuso do rhapontico é mais descórado, o sabor mais acre, mais adstringente e menos amargo.

**Azotato de soda.** — Pôde conter sulfatos e chloretos com as bases de cal, magnesia e potassa.

Do processo de analyse empregado pelo sr. Pelouze resulta: que, se o soluto aquoso de azotato de soda precipitar pelo chloreto de bario ou pelo azotato de barita, contém sulfatos; os chloretos são descobertos pelo precipitado que fórma o azotato de prata; a cal, pelo oxalato de ammonia; a magnesia, pelo phosphato de soda ammoniacal; a potassa pelo chloreto de platina.

J. D. CORRÊA.



**SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA**  
**Balancete do 3.º trimestre de 1877**

Receita	Despeza
Saldo em cofre em 1 de julho de 1877 .....	Impresso do jornal.....
Quotas dos membros contribuintes.....	Analyses toxicologicas.....
Diplomas.....	Iluminação.....
Analyses toxicologicas.....	Contribuição da renda da casa.....
Assignaturas do jornal.....	Seguro de mobilia e utensilios.....
Venda de jornaes avulso.....	Ordenado do continuo.....
	Gratificação ao jardineiro.....
	Gratificação ao escripturario.....
	Estampilhas para jornaes e correspondencia.....
	Compra de livros e impressos e outras despezas de expediente.....
	Gratificações por diversos servicos extraordinarios.....
	Diversas despezas.....
<b>329,5655</b>	Saldo para o 4.º trimestre de 1877 .....
	10,5000
	36,5000
	2,5670
	6,5320
	6,5000
	45,5000
	1,5500
	9,5000
	5,5275
	16,5710
	49,5500
	10,5455
	188,5130
	431,5225
	<b>329,5655</b>

Secretaria da sociedade pharmaceutica lusitana, 30 de setembro de 1877.

O primeiro secretario,

*Antonio Augusto Felix Ferreira.*

O thesoureiro,

*Joaquim de Sant' Anna Machado Figueiras.*

**PHARMACIA**  
**GLYCEREO DE SUBACETATO DE CHUMBO**

Pelo sr. dr. R. Spuirre

Subacetato de chumbo liquido.....	50 gram.
Oxydo de chumbo.....	35 »
Glycerina.....	200 »

Misture e deixe em repouso, por espaço de meia hora, no banho de glycerina fervente; filtre em atmospherã quente. Produz liquido muito transparente que será ajuntado a oito partes de glycerina.

Este glycereio tem sido applicado duas vezes ao dia e com vantagem no tratamento dos ezeemas chronicos os mais inveterados. Antes de cada applicação, deve ser lavada a pelle com esponja fina embebida de agua de sabão.

**MISTURA DE ESSENCIA DE SANDALO**

Pelo sr. dr. Lober

Essencia de sandalo pura.....	4,50 gram.
Essencia de hortelã pimenta.....	12 gotas.
Xarope commum.....	60,00 gram.

Misture. Esta mistura deve ser tomada por tres vezes ao dia, tendo cuidado de a agitar antes de cada ingestão. Póde ser administrada nas probabilidades de rapido successo ou no principio da blennorrhagia aguda. O sr. dr. Lober acrescenta que este medicamento, nos casos por elle observados; não tem causado nem repugnancia, nem incommodos gastro-intestinaes.

**PÓ COMPOSTO CONTRA AS DIARRHÉAS REBELDES**

Pelo sr. dr. Bonamy

Oxydo de zinco.....	14,0 gram.
Bicarbonato de soda.....	2,0 »

Misture e divida em quatro dōses, contendo cada uma:

oxydo de zinco, 3,50 grammas; bicarbonato de soda, 0,50 grammas. O doente toma as quatro doses no espaço de vinte e quatro horas.

### PÓ DE CÚEBAS E COPAIBA CONTRA A DIPHThERITA

Pelo sr. dr. Thrideau

Copaiba solidificada officinal (Mialhe) 0,035 gram.

Cúebas em pó fino..... 0,015 »

F. s. a. uma pilula. O doente deve tomar uma d'estas pilulas de hora a hora, até perfazerem o numero de vinte e cinco ou trinta para um adulto.

A fim de impedir a diarrhéa, convem dar aos adultos algumas colhéres das de café de xarope de opio, e ás crianças de xarope de dormideiras durante a administração d'estas pilulas.

### POÇÃO ANTISPASMODICA

Pelo sr. H. Green

Almiscar..... 2 a 4 gram.

Ether..... 4 »

Agua de canella..... 120 »

Xarope commum..... 30 »

F. s. a. Para ser administrada tres colhéres das de sopa por dia, na febre typhoide com soluço e sobressaltos e em outras febres malignas.

### POÇÃO BALSAMICA CONTRA A DIPHThERITA

Pelo sr. dr. Thrideau

Cúebas em pó fino..... 15 gram.

Vinho de Malaga..... 20 »

Agua..... 20 »

Xarope commum..... 100 »

F. s. a. Para tomar uma, duas ou tres poções semelhantes nas vinte e quatro horas, conforme a idade do doente e a gravidade da molestia.

**POÇÃO CALMANTE**

Pelo sr. Graves

Tartrato de potassa e de antimonio	0,12 gram.
Camphora.....	0,90 »
Almiscar.....	2,60 »
Mucilagem de gomma arabica.....	16,00 »
Xarope de dormideiras.....	32,00 »
Agua.....	110,00 »

F. s. a. Para ser administrada ás colhêres das de sopa de duas em duas horas, contra os sobressaltos de tendões e os accidentes cerebraes que acompanham a febre typhoide grave.

**POÇÃO CYANICA**

Pelo sr. dr. Lelu e Lugan

Cyaneto duplo de potassio e dezincó	0,07 gram.
Agua distillada.....	100,00 »
Xarope commum.....	30,00 »
Alcooleo de essencia de hortelã pimenta.....	5 gotas.

Misture. Para tomar ás colhêres em vinte e quatro horas. Esta poção é destinada para substituir, no tratamento do rheumatismo articular agudo, diversos preparados cyanicos menos perseverantes que o cyaneto duplo.

**POÇÃO TOXICA FERRUGINOSA**

Pelo sr. dr. Le Diberder

Agua.....	200 gram.
Extracto de genciana.....	5 »
Tinctura de genciana.....	45 »
Tartrato de potassa e de ferro.....	10 »
Xarope de casca de laranja.....	70 »
Acido citrico.....	50 »

F. s. a. Contra a chlorosa, e administra-se uma colhêr das de sopa antes de cada comida.

J. D. CORRÊA.

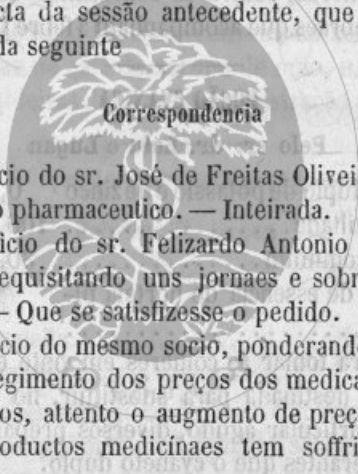
## PEÇAS OFFICIAES

## EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

Sessão de 11 de setembro de 1877

Na ausencia do sr. presidente occupou o lugar d'elle o sr. Felix Ferreira, primeiro secretario, que pelas oito horas da noite abriu a sessão, convidando o sr. Oliveira Abreu para occupar o lugar do primeiro secretario.

Leu-se a acta da sessão antecedente, que foi approvada. Deu-se conta da seguinte


 Correspondencia

1.º Um officio do sr. José de Freitas Oliveira, sobre questões de direito pharmaceutico. — Inteirada.

2.º Um officio do sr. Felizardo Antonio Gonçaves, de Montalegre, requisitando uns jornaes e sobre negocios da thesouraria. — Que se satisfizesse o pedido.

3.º Um officio do mesmo socio, ponderando a necessidade de fazer no regimento dos preços dos medicamentos alterações nos preços, attento o augmento de preços que a maior parte dos productos medicinaes tem soffrido. — Respondido.

4.º Um officio da procuradoria régia solicitando permissão para no laboratorio se proceder a uma analyse toxicologica. — Concedida.

Leu-se a lista dos objectos doados que foram recebidos com agrado.

O sr. *primeiro secretario*, disse que não se tendo ainda recebido participação de que as commissões permanentes se houvessem constituido, a mesa, na conformidade do regimento interno, procedêra á nomeação dos directores e sub-directores dos mesmas commissões, ficando assim constituídas:



## Commissões permanentes

## Saude publica

Dr. José Thomás de Sousa Martins, director.  
José Mendes d'Assumpção, vice-director.  
Antonio Augusto Felix Ferreira, vogal.  
José Bento Coelho de Jesus, supplente.

## Pharmacia

José Dionysio Correia, director.  
João de Jesus Pires, vice-director.  
Joaquim Simões Serra, vogal.  
Domingos Antonio de Pitta Simões, supplente.

## Chimica

Dr. Joaquim José Alves, primeiro operador.  
Manuel Vicente de Jesus, segundo operador.  
Joaquim Urbano da Veiga, terceiro operador.  
José Ribeiro Guimarães Drack, supplente.

## Physica

Thomaz de Aquino Alves, director.  
Francisco Fortunato de Assis, vice-director.  
Alfredo da Silva Machado, vogal.  
José Mendes Jara, supplente.

## Historia natural

João José de Sousa Telles, director.  
Antonio Gomes Roberto, vice-director.  
José Pereira Rodrigues, vogal.  
Verissimo Gomes Ferreira Lobo, supplente.

## Direito pharmaceutico

José Tedeschi, director.  
Augusto de Oliveira Abreu, vice-director.  
João Francisco Delicioso, vogal.  
Ernesto de Sant'Anna da Cunha Castello Branco, supplente.

Apresentou tambem a seguinte lista dos delegades e sub-delegados da sociedade, que foi approvada:

Lista dos delegados e sub-delegados para o quadragésimo terceiro  
 anno da sociedade pharmaceutica lusitana.

Districtos	Concelhos	Nomes	Cargos
Aveiro.....	Castello de Paiva	Francisco Antonio de Moura .....	Delgado.
	Beja.....	José Francisco da Silva.....	Idem.
	Cuba .....	João Antonio Pereira.....	Idem.
Beja .....	Ferr.ª do Alemejo	Francisco Augusto dos Santos.....	Idem.
	Moura .....	Joaquim Theotonio Segurado.....	Idem.
	Serpa.....	Francisco Antonio de Góe.....	Idem.
Braga.....		Joaquim José da Silva Pipa .....	Idem.
	Braga.....	Thomé de Sousa Pereira Veiga.....	1.º sub-deleg.
		Antonio Domingos Alvim.....	2.º sub-deleg.
	Cabeceiras.....	Bernardo Pereira Maia.....	Delegado.
		Antonio Luiz Rodrigues Alves Pinto	1.º sub-deleg.
Braga.....	Guimarães.....	Antonio José Pereira Martins.....	Delegado.
	Fafe .....	João Soares de Oliveira.....	Idem.
	V. N. de Famalicão	Antonio Dias de Oliveira.....	Idem.
	Bragança.....	Antonio Bernardo Teixeira .....	Idem.
		José Silvario Rodrigues Cardoso .....	Idem.
	Mirandella .....	Frederico Albino de Araujo Leite .....	1.º sub-deleg.
Bragança .....	Mogadouro .....	José Miguel Taveira de Sampaio.....	Delegado.
	Moncorvo.....	Francisco Antonio de Campos .....	Idem.
	Castello Branco	Domingos José Roballo.....	Idem.
		Antonio Baptista Alves Leitão.....	Idem.
Cast.º Branco	Covilhã.....	José Mendes da Graça.....	1.º sub-deleg.
		José Mendes da Graça e Silva.....	2.º sub-deleg.
	Idanha a Nova .....	Adelino Pedrosa Barreto.....	Delegado.
	Coimbra.....	José Raymundo Alves Sobral.....	Idem.
	Condeixa.....	Adriano Ernesto Koki Bandeira .....	Idem.
Coimbra... ..	Figueira da Foz ..	Frederico José da Silva Nobreza.....	Idem.
	Goes.....	Francisco José de Oliveira .....	Idem.
	Tábuas.....	Bernardo de Campos Vieira.....	Idem.
	Alandroal .....	José Romão Caeiro Junior.....	Idem.
	Arrayollos.....	Antonio Joaquim Moreno.....	Idem.
		Francisco Simões da Guia.....	1.º sub-deleg.
	Borba .....	Antonio Joaquim Rosado e Silva.....	Delegado.
Evora .....	Extremoz.....	Joaquim Vicente Durão.....	Idem.
		Antonio Augusto Franco.....	1.º sub-deleg.
	Montemor o Novo	José Mendes dos Santos .....	Delegado.
Portel.....	Franc.º Silvestre de Macedo Batalha	Idem.	
Reguengos.....	Antonio José Ramalho.....	Idem.	

Distritos	Concelhos	Nomes	Cargos
Evora .....	Reguengos .....	Antonio Pinheiro Ramalho .....	1.º sub-deleg.
		Belchior Rosado Caeiro .....	2.º sub-deleg.
	Villa Viçosa .....	Christovão Maria dos Santos .....	Delegado.
		Joaquim José da Veiga .....	4.º sub-deleg.
Faro .....	Albufeira .....	Manuel Francisco do Amaral .....	Delegado.
	Faro .....	João Agostinho Ferreira Chaves .....	Idem.
	Lagos .....	Manuel José Barbosa Junior .....	Idem.
	Loulé .....	José Nobre da Silva .....	Idem.
	Silves .....	João Carlos Freire .....	Idem.
	V. N. de Portimão	Antonio Xavier de Serpa .....	Idem.
	Fornos de Algodres	Elisario Augusto Lindsay .....	1.º sub-deleg.
Guarda .....	Guarda .....	Antonio Lopes da Cunha .....	Delegado.
	Trancoso .....	João Lourenço Monteiro .....	Idem.
		Manuel dos Santos Velloso .....	Idem.
	Alcobaça .....	Polycarpo dos Reis Cavalleiro .....	Idem.
Leiria .....		José de Paiva Cardoso .....	Idem.
	Leiria .....	Francisco Pereira da Silva .....	1.º sub-deleg.
		Jovencio Gomes de Figueiredo .....	2.º sub-deleg.
	Peniche .....	José Ivo Garreira .....	Delegado.
		Jacinto Heliodoro José de Mello .....	1.º sub-deleg.
Lisboa .....	Alcacer do Sal ...	Antonio Francisco Romano Baptista	Delegado.
	Alemquer .....	José Martins Pereira (Mercana) ...	Idem.
	Azambuja .....	Francisco Ant.º Pinto de Carv.º Abreu	Idem.
	Lourinhã .....	Clemente José Rodrigues Teix.º Viçoso	Idem.
	Mafra .....	João Rodrigues da Silva e Costa ...	Idem.
	S. Thlago do Cacem	Francisco Ant.º dos Santos Ferreira	Idem.
	Setubal .....	José Manuel Teixeira .....	Idem.
Portalegre ...	V.ª Franca de Xira	Alfredo Jorge Vidal da Maia .....	Idem.
		Francisco Cesar Pereira .....	Idem.
	Campo Maior ...	David Cesar Pereira .....	1.º sub-deleg.
	Elvas .....	Daniel Philippe dos Santos .....	Delegado.
	roM. ....	Nicolau Agostinho Baião Reynaud ..	Idem.
	Portalegre .....	João Ignacio Gonçalves .....	Idem.
Porto .....	Portalegre .....	Julio Rodrigues dos Santos .....	Idem.
		Miguel José de Sousa Ferreira .....	Idem.
	Porto .....	Rodrigues Ant.º Machado Guimarães	1.º sub-deleg.
Santarem ...		Antonio Faustino de Andrade .....	2.º sub-deleg.
	Gondomar .....	Joaquim Emilio de Sousa Pinto .....	Delegado.
	Villa do Conde ..	Rodrigo da Silva Carvalho .....	Idem.
	Abrantes .....	Silvano de Mattos Machado .....	Idem.
		Manuel Duarte Ferreira .....	1.º sub-deleg.

Distritos	Concelhos	Nomes	Cargos
Santarem....	Abrantes .....	Silverio Alves da Silva .....	Delegado.
	Cartaxo .....	Mathias da Silva Lopes .....	Idem.
	Gollegã.....	Paulo José Henriques .....	1.º sub-deleg.
	Salvat.ª de Magos	Joaquim Gonçalves de Aguiar .....	Delegado.
		Francisco Porfirio Albano Gonçalves	Idem.
	Santarem.....	João José de Oliveira.....	Idem.
	Sardoal.....	João Maria Soares.....	Idem.
	Torres Novas....	Bento Xavier Moreira Cardoso.....	Idem.
Caminha .....	Francisco Xavier Rodrigues.....	Idem.	
Vianna doCastello.....	João Baptista Martins.....	Idem.	
	Ponte de Lima...	Antonio José Rodrigues Barbosa...	Idem.
Villa Real ...	Valença .....	Antonio Fortunato Romeu .....	Idem.
	Valle Passos.....	Antonio José Pimentel.....	Idem.
Vizeu.....	David Teixeira Mendes.....	1.º sub-deleg.	
	Lamego.....	Antonio José de Araujo .....	Delegado.
	Vizeu.....	José Antonio de Araujo .....	1.º sub-deleg.
		Joaquim Vaz Agostinho.....	Delegado.

### Ilhas, provincias ultramarinas e Brazil

	Nomes	Cargos	
Ilhas.....	Angra do Heroismo	João dos Santos Paes .....	Delegado.
	Funchal.....	Francisco Xavier de Sousa.....	Idem.
	Fayal.....	Luiz Maria do Nascimento.....	1.º sub-deleg.
		João Baptista da Silva .....	Delegado.
	Ponta Delgada...	Manuel Joaquim da Silva Menezes ..	1.º sub-deleg.
Provincias ultramarinas.	Ponta Delgada...	Francisco Maria Supico .....	Delegado.
	Bissau.....	Manuel Antonio da Silva.....	1.º sub-deleg.
	Cabo Verde.....	João Diniz Simões .....	Delegado.
	Moçambique....	Antonio da Costa Ferreira Borges..	Idem.
	Nova Goa.....	Rodrigo Barbosa da Costa.....	1.º sub-deleg.
Brazil .....	Moçambique....	Joaquim Antonio Cunha .....	Delegado.
	S. Thomé e Príncipe	Miguel Barbosa da Costa.....	Idem.
	Bahia.....	Agostinho Sezinando Marques.....	Idem.
	Maranhão .....	Agostinho Dias Lima.....	Idem.
	Pernambuco.....	Augusto Cesar Marques.....	Idem.
Rio de Janeiro ...	Firmino Antonio Souto Maior Raposo	Idem.	
	Augusto Cesar de Azevedo Guedes...	1.º sub-deleg.	
	Antonio Alves Ferreira .....	Delegado.	
	Augusto Maximo da Veiga .....	1.º sub-deleg.	

Ordem<sup>a</sup> da noite

## Eleição de presidente

O sr. *presidente* disse que, sendo a ordem da noite a eleição de presidente, convidava os socios a formularem as suas listas, para o que interrompia a sessão.

Reaberta a sessão, procedeu-se á eleição por escrutinio secreto, saindo eleito por unanimidade de votos o sr. Joaquim Urbano da Veiga.

O sr. *Corréa*, congratulando-se com a sociedade pela escolha que acabava de fazer, propoz que se lançasse na acta um voto de louvor ao sr. dr. Alves pelos serviços por elle prestados durante a sua presidencia.

Não havendo mais a tratar, o sr. presidente, dando para ordem da noite da sessão seguinte a posse do novo presidente e alem d'isso propostas, pareceres de commissões, e segundas leituras, encerrou a sessão.

Eram 10 horas da noite. — O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

## VARIEDADES

Relação do banquete de 25 de julho de 1877, dado na sala de guarda dos internos de pharmacia, por occasião da demolição do velho hospital Hôtel-Dieu

Quarta feira, 25 de julho, teve logar no *Hôtel-Dieu* um banquete, que reunia pela ultima vez n'aquelle logar os pharmaceuticos e os internos que se succederam no serviço d'aquella antiga casa de caridade.

Para a maior parte dos homens que se consagram, como nós, ao officio eminentemente humanitario de alliviar os soffrimentos dos outros, os annos passados nos hospitaes são os que deixam no fundo da alma as mais santas consolações. A sala de guarda, onde se faziam as nossas reuniões diarias, fica profundamente desenhada na nossa memoria, e entranhavel-



mente gravada em nossa espirito, quando nos affastámos d'ella, como o centro das nossas recordações; e se, depois d'uma longa ausencia, nos encontrámos de novo defronte d'esses muros queridos, testemunhas das nossas alegrias, das nossas penas, das nossas conversações affectuosas, das nossas discussões, emfim, começámos a interrogal-os, desejando que sejam nossos confidentes, porque nem duvidamos de que tenham conservado religiosamente a memoria dos annos, que redivivem com a saudade á vista da sua austeridade melancolica e profunda.

Penetrados d'este pensamento, M. Hebert, pharmaceutico director, e os seus internos, consideraram como um dever prevenir os seus predecessores da proxima demolição do velho hospital, convocando-os para um banquete de despedida, na sala da guarda; e de toda a parte responderam sympathicamente ao seu appello.

A estremecida esperanza de tão veneranda solemnidade não foi illudida. No dia prefixo, quarenta convidados, que adheriram espontaneamente ao honroso chamamento, estavam reunidos, e muitas cartas de felicitação e desculpa representavam aquelles, que por suas occupações e distancia eram fatalmente impedidos de assistir á festa de amizade, e de fraternal convivio.

M. Chatin, o severo e sympathico director da escola, aceitou graciosamente a presidencia. Precedeu o banquete uma visita aos novos edificios do *Hôtel-Dieu*.

No principio da festa, M. Hebert manifestou da parte de M. Bouchardat o pezar que o illustre chimico tinha de não poder assistir ao nosso banquete, cuja presidencia lhe competia de direito, como o nosso decano, e que n'esse dia era obrigado a assistir á sessão annual da sociedade de medicina e de hygiene, da qual é presidente. Em seguida fez menção de um certo numero de cartas, em que os seus signatarios se desculpavam de não poderem tomar parte na nossa reunião de familia.

A mais viva animação e a mais intima cordialidade reina-

ram durante o banquete. A sobremesa, M. A. Truelle, o mais antigo dos internos em exercicio, leu com a voz commovida os seguintes versos:

Senhores,

Não venho ler um discurso grandioso,  
Receava abusar do vosso intimo goso;  
É veloz o momento, em que a vida se abraça,  
E a hora da alegria é rapida, esvoaça;  
A minha voz agora, indecisa e tremente,  
Mais me obriga a vontade a dobrar flebilmente;  
E a posição, que tenho, aqui, de mais antigo,  
Obriga-me a fallar, considerando amigo  
E complacente, e bom, este convivio santo,  
Em que a alma se arrebatava ao cen d'intimo encanto.  
Haveis de desculpar a minha temeridade,  
E dar á indulgencia o voto da amisade.

Senhores, bem sabeis o motivo fraterno  
Que nos reúne aqui, no amplexo doce e terno,  
Fazendo d'este dia um dia memoravel;  
— Um asylo sagrado, entre os mais veneravel,  
Que remonta ao ideal das epochas do heroismo,  
Da idade aurea em flor do excelso christianismo,  
O *Hotel-Dieu*, o nosso adorado hospital,  
Vae em breve cair por sentença fatal;  
Foi então que surgiu o nobre pensamento  
De reunir aqui, em solemne momento,  
Esses nossos irmãos, que no trabalho augusto  
De alliviar a dor, com animo robusto,  
Nos precederam, fieis na santa caridade  
De consolar a enferma e triste humanidade.

Não fomos illudidos, não; a esperanza  
Adeja sempre agora; agora a confiança  
Firma os passos no bem, e nós, os vossos filhos,  
Havemos de seguir os luminosos trilhos,

Que nos sulcos do amor deixaes, rastros de luz;  
 Havemos de abraçar da humanidade a cruz.  
 Fraternidade e amor será nosso pregão,  
 E ha-de fructificar o vosso coração.

Ó muros, que me ouvis, pedras frias, sagradas,  
 Aquecei ao calor das almas adoradas;  
 Reine o entusiasmo nobre, ardente, scintillante,  
 Na grata reunião da familia prestante;  
 E que ao ver-nos assim, nem classe, nem idade,  
 Desminta o santo emblema, alliança da amizade,  
 D'este amor fraternal que nivela as distancias,  
 Brota da intima fé as mais doces fragancias.

Ó velho hospital querido! a morte não te abraça  
 Sósinho, porque a nós o peito despedaça;  
 Não darás no abandono o ultimo suspiro,  
 Que a harpa da saudade aqui triste desfiro,  
 E commigo os fieis amigos da tua sombra  
 Vem chorar tua morte, e a relva que te alfombra  
 O tumulo solitario é regado de prantos,  
 No derradeiro adeus, na saudade de tantos!

Senhores, uma palavra, e acabarei assim  
 O severo papel que pesa sobre mim;  
 Eu brindo o fundador do internato fecundo  
 Que a todos nos guiou em concurso jocundo  
 As justas do saber, da gloria, do renome,  
 E á vida prestadia, util, que não consome  
 O tempo em vã chimera, em improbo lidar;  
 Brindo os mestres da sciencia aqui n'este logar  
 Em que os vejo e abraço, antigos e modernos,  
 Brilhando desde muito em trabalhos supernos;  
 Brindo n'este momento a nobre corporação,  
 Que a todos nos dá lustre e grata exaltação,  
 Nossos chefes, mórmente o illustre Bouchardat

Que a posteridade espera ha muito tempo já  
 Para inscrevê lo em bronze, em letras perennaes,  
 Na estatua que levanta em thronos immortaes;  
 E brindo o director da escola gloriosa  
 Que na França de ha muito a fama excelsa gosa  
 De illustre filho seu, e que, para ufania  
 De nós todos saiu, do nosso gremio; ardia  
 Nos meus labios o voto, em que a alma se contém,  
 Saúdo o nosso mestre, o veneravel Chatin.

Senhores, terminei; para a minha indigencia  
 Dignai-vos conceder a vossa indulgencia;  
 Se a palavra não foi leal ao pensamento  
 Tem direito ao perdão o nobre sentimento.

A esta peça de versos, saudada com unanimes applausos,  
 succedeu uma segunda, não menos apreciada dos convivas, e  
 que foi lida pelo auctor. Damos o seguinte trecho, amavel e  
 espirituoso, que indica perfeitamente a idéa de M. Lemenager.

Senhores, de ordinario os factos mais jocosos  
 Saudam-se no *toast* com vinhos generosos;  
 Nós vimos saudar hoje o triste funeral  
 D'um morto o mais sublime, um phantasma immortal!  
 Salvè *Hôtel-Dieu!* meu copo êrgo á tua saude,  
 Assim como na torre o sino ao ataúde  
 Se ergue e dobra plangente; hospital memorando,  
 Que viste morrer um poeta, á extrema hora rimando,  
 E tantos outros morrer em prosa simplesmente;  
 Salvè! tres vezes salvè! eu creio piamente  
 Que quando fallo assim no rythmo sonoro  
 Tenho o echo a vibrar do espirito canoro  
 Que de longe me insuffla o genio de Gilbert,  
 A não ser que algum philtro achado por Hebert  
 Produza o mesmo effeito, e a musa prolifiquê,  
 Vertendo-me no cerebro um grão *d'antheimintique*;

Mas parece-me emfim, que a poesia é fatal  
E *a propos*, fallando ácerca do hospital.  
Senhores, não receeis que chore amargamente,  
Bem que a cerimonia d'hoje inspire pranto ardente,  
Nem que arranque do peito accents maguados  
D'uma triste elegia, ou gritos desolados,  
Nem que evoque tambem á volta d'esta mesa  
Cruéis recordações, a imagem da tristeza,  
Da virtude infeliz, sem lar, sem luz, sem pão,  
Como disse um poeta em outra occasião ;  
Não, não é o instante agora de chorar,  
Nem vossos corações precisam de abrandar  
Com imagens fataes a intima dureza,  
Que não têm; e portanto eu ergo a mente accesa  
Á luz fraterna e augusta, ao fulgido clarão  
Que a todos nos inflamma o amor do coração.  
Ao saber, á virtude, aos meus mestres emfim  
Brindo, e agradeço a honra, a qual mereço assim  
De no seu gremio estar porque tambem preparo  
Como elles, n'outro tempo, a Belladona, e o avaro  
Mercurio desleal, contra Venus armando  
De Jupiter o filho ingrato e miserando.

Ergo esta humilde voz para um voto exprimir  
De respeito e de amor a quem soube reunir  
O prestigio da sciencia e do trabalho o zelo,  
— Ao illustre director d'esta escola-modelo ;  
Para a todos provar a minha gratidão  
Pela honra concedida ao ignorado brazão  
Do trabalhador obscuro, hoje aqui exaltado  
Ao convivio fraterno, em congresso illustrado.  
O nobre pensamento, o abraço fraternal,  
Aqui todos reune em condição equal ;  
Uns subiram mais alto ao alcaçar da sciencia,  
Mas em todos ficou da humanidade a essencia.  
Eu que sinto volver a luz da mocidade



Rediviva n'esta hora á sombra da saudade,  
Desejando a velhice alegre e prazenteira,  
Bebo ao nosso futuro, á bôa e feliz carreira;  
E no correr do tempo, o mais longe que seja  
Aguardo outro banquete, em que ainda vos veja  
As taças empunhar, no enthusiasmo ardente;  
Se então a minha voz, cançada já, tremente,  
Podér ainda erguer-se, eu vos direi: — Senhores,  
Levantemos a tenda a novos lidadores,  
Deixemos o prazer do convívio ideal;  
E a taça que symbolise este amor fraternal.

Em seguida á leitura d'estes versos, teve a palavra M. Beau-regard, que propoz uma saúde a M. Chatin, que, acceitando a presidencia do banquete, mostrou o grande interesse que consagra aos internos de pharmacia, como prova igualmente todos os dias a muita solicitude que lhe merece toda a classe pharmaceutica de Paris, pelas melhoras que introduziu, e projecta introduzir na escola.

Foi então que M. Chatin, n'um intimo colloquio cheio de interesse, se dignou expôr-nos as suas idéas a respeito da pharmacia, dando nos ao mesmo tempo noticia dos seus novos planos de organização e de ensino. Recordaremos o mais completamente possivel esse discurso, frequentemente interrompido pelos applausos dos ouvintes:

«A pharmacia, senhores, perdia todos os dias o seu prestigio, e quando fui nomeado director da Escola, tratei immediatamente de levantar a nobre profissão ao lugar que lhe competia, como uma das sciencias mais uteis á humanidade. Para o conseguir, pedi primeiro que se exigisse, antes de toda a inscripção de pratica, o bacharelado em sciencias, completo, para os pharmaceuticos de primeira classe, e o bacharelado em sciencias, restricto, que substituia a certidão de exame de grammatica, para os pharmaceuticos de segunda classe. Sobre este ultimo ponto não obtive ainda tudo o que desejava. Cheguei a conseguir que as certidões de exames, dadas pro-

visoriamente, fossem substituidas por verdadeiros diplomas, decretados por jurys especiaes; mas persuado-me de que isto ainda não é sufficiente, sem fallar de muitas e muitas certidões de exames, que se podem obter por certas vias suspeitas, e de modo algum satisfactorias. Seja o que for, o que é certo é que, com diplomas serios, que marquem verdadeiramente o nivel scientifico dos alumnos de pharmacia, ha a segurança de excluir da profissão todo o individuo que não offereça garantias sufficientes de intelligencia e de educação litteraria. Talvez nos privaremos de algumas vocações, que se percam por falta de meios para o ensino elementar; mas esses casos são tão raros, que não podem determinar o abandono das medidas, que reclama o interesse geral, e a segurança da saude publica. Tres annos de pratica bastarão, d'este modo, para que os alumnos assim escolhidos adquiram os conhecimentos praticos necessarios, que deverão completar depois com tres annos de curso escolar. Estou convencido de que tres annos de pratica são sufficientes, porque, bem o sabeis, senhores, mais longo espaço de tempo passado na pharmacia, longe de ser util é nocivo. Objectar-se-ha, talvez, que os trabalhos da Escola abraçam mais o lado theorico do que o lado pratico dos estudos pharmaceuticos. A isso responderei, que se effectivamente, em nossos dias, as pharmacias não são o que eram outr'ora, verdadeiras escolas, porque os pharmaceuticos, em geral, preferem abastecer-se de productos chimicos n'essas grandes fabricas que, diga-se a verdade, ordinariamente lh'os fornecem mais bem preparados e mais baratos; não é menos verdade que o pharmaceutico deve sempre estar habilitado a reconhecer a qualidade e a natureza dos productos que a industria lhe vende. Deve saber analysal-os, o que é tanto mais importante quanto em nossos dias os simples tendem a desaparecer para dar logar na therapeutica aos saes, e aos productos mais complexos da chimica mineral e da chimica organica.

«Os trabalhos de chimica e de micographia, bem como de physica, dão aos discipulos os conhecimentos necessarios

para preencherem cabalmente estas condições. Os productos galenicos aproveitariam tambem com este progresso da sciencia, e M. M. Patrouillard e Lessage (de Gisors) indicaram, n'estes ultimos tempos, os processos scientificos, que permitem reconhecer a sua pureza.

«Eis-aqui, meus senhores, o que pude conseguir até hoje; vou fallar-vos agora dos meus projectos para o futuro, projectos que talvez não possa realizar completamente, mas que legarei aos meus successores.

«Se de um lado restringi e de outro alarguei o meu plano de ensino, é certo que permittiria de bom grado aos pharmaceuticos de segunda classe que fossem recebidos, desde o primeiro anno, em toda a circumscripção da Escola, em que tivessem feito os seus exames, e mesmo em toda a França; mas n'esse caso reservaria aos pharmaceuticos de primeira classe as capitaes dos departamentos, e todas as cidades que tivessem mais de 10:000 almas.

«Tal seria a primeira parte das minhas reformas; quanto á segunda foi-me suggerida pelo paralelo que podemos estabelecer entre as escolas superiores de pharmacia e as faculdades de medicina. Podemos, sem receio de ser desmentidos, dizer que a media dos estudos é exactamente a mesma, tanto n'umas como n'outras. Poder-se-ia objectar que os medicos são obrigados a apresentar uma these, mas (longe de mim negar que muitas theses sejam trabalhos originaes e serios), mas, digo eu, toda a gente sabe perfeitamente que, pela maior parte, essas theses não são mais do que reedições de trabalhos esquecidos. Creio, pois, que seria justo que as escolas de pharmacia fossem classificadas em faculdades, tendo as mesmas prerogativas e a mesma independencia que as faculdades de medicina. Restava a dependencia a respeito da faculdade de sciencias, que creou o doutorado em sciencias, imposto aos nossos aggregados; a este respeito direi que vale mais depender da faculdade de sciencias que da faculdade de medicina.

«Emfim, a minha terceira reforma tem por objecto levantar o nivel scientifico do corpo docente das nossas novas faculdades

de pharmacia. Desejaria que se podessem decretar diplomas de mais elevado titulo, que chamariamos, se assim quizerem (a designação nada importa) doutorado em pharmacia. Seria exigido este diploma aos candidatos á aggregação, ou ao titulo de pharmaceuticos directores nos hospitaes, ou de pharmaceuticos principaes do exercito. Esse titulo seria decretado exclusivamente para os professores da escola de pharmacia, depois de um supplemento ao curso escolar, e de uma these original, analoga ás theses exigidas para o doutorado em sciencias.

« Assim, no meu pensamento, o doutorado em pharmacia, quasi um doutorado em sciencias, bastaria para os candidatos á aggregação. Seria, além d'isso, o unico exigido para as cadeiras de pharmacia, de materia medica e de toxicologia, que são as cadeiras de applicação. Quanto aos professores de chimica, de physica, de botanica e de zoologia, podia continuar-se a exigir-lhes, pelo menos durante um periodo transitorio, até que fizessem as suas provas de doutorado em pharmacia, o diploma de doutor em sciencias.

« Nada direi da delegação da faculdade de medicina em nossos exames; fez mais do que permittia o seu tempo.

« Taes são, senhores, as reformas que tentarei introduzir na legislação da pharmacia. Com ellas, o pharmaceutico reconquistará, além da consideração, a nobre posição que tinha no mundo, na epocha em que sabiam das suas officinas, muito menos numerosas que em nossos dias, os maiores nomes da chimica e da botanica.»

Depois das explicações tão interessantes do nosso presidente, M. Bourgoïn pediu a palavra, e exprimiu-se da maneira seguinte:

« Meus senhores. Depois de tão sensatas observações, que acabam de ser expostas pelo nosso illustre presidente, peço permissão de accrescentar sómente algumas palavras para vos significar o meu modo de ver n'mua questão que me parece ter uma importancia capital. Assim como não ha dois modos de preparar os medicamentos inscriptos no codigo, da mesma

fórma penso que não deve haver duas ordens de praticos. Por outras palavras: não admitto pharmaceuticos de primeira e segunda classe. Para mim não ha senão um pharmaceutico, o que está rigorosamente habilitado a exercer a sua profissão. Este titulo equivale ao de doutor em medicina, porque o doutorado, como observou judiciosamente M. Chatin, não é mais do que um titulo profissional.

«Acima do diploma profissional, poder-se-ia admittir na Escola de pharmacia um grau superior, verdadeiramente scientifico, o de doutor em sciencias medicas, de doutor em pharmacia, reforma facil desde que a escola de pharmacia fosse reconhecida pelo estado como faculdade.

«Então a nossa Escola poderia recrutar mais facilmente entre os seus proprios discipulos, sacudindo ao mesmo tempo o jugo da Sorbonne e da faculdade de medicina.

«Tornando-se d'este modo completa a sua autonomia, adiriam á nossa profissão muitas vantagens, que exerceriam no futuro a mais feliz influencia, no ponto de vista da theoria e da pratica.»

Depois de M. Bourgoïn, M. Blondeau tomou a palavra:

«Julga-se auctorizado, visto que ha ensejo de emittir opiniões na presença do illustre director da escola de pharmacia, para igualmente apresentar a sua. Considera sobre tudo o lado pratico da pharmacia, isto é, os tres annos que se passam nas boticas. Constata, com pezar, que a grande maioria dos pharmaceuticos abandonou completamente o caminho traçado pelos seus predecessores, que se impunham a obrigação de fazer nas suas pharmacias um curso sobre os methodos empregados nas preparações galenicis. Que já se não toma a sério o titulo de discipulo, e se consideram quasi sempre os jovens alumnos como simples empregados.

«O voto que exprime M. Blondeau teria por fim remediar este estado de cousas; e pede ao director da Escola que torne obrigatorios os exames de pratica, que d'antes sempre foram exigidos. Esses exames substituiriam vantajosamente as inscrições que se fazem fóra da Escola de pharmacia. A idéa,



que M. Blondeau submete á discussão, não é nova; já em 1857 foi apresentada á Sociedade de Previdência.»

M. Chatin respondeu, «que já tinha tentado alguma coisa n'esse sentido perante as auctoridades competentes. Mas foilhe respondido que a universidade não podia occupar-se d'essa questão. Cumpre aos pharmaceuticos combinarem entre si, por meio de organização methodica, o que se deva fazer a tal respeito. M. Chatin congratular-se-ha com elles, pela melhor efficacia dos seus attestados, e tel-os-ha sempre na maior consideração.»

De tudo isto deduz-se, que o tempo de tão grato convívio era na maxima parte empregado nos interesses da pharmacia,

M. Prieur, director do *Hôtel-Dieu*, que benevolamente acceptou o convite para este banquete, tomou então a palavra para tratar de uma outra questão, que interessava no mais alto grau os internos do *Hôtel-Dieu* em particular.

«Tendo o prefeito do Sena prometido ao sr. director os fundos necessarios para a creação de uma bibliotheca dos internos de pharmacia, no novo *Hôtel-Dieu*, aproveita a occasião para informar os interessados, e pede aos illustres sabios reunidos n'aquelle dia, o obsequio de darem um exemplar das suas obras á bibliotheca nascente. O sr. director accrescenta ainda que se empenha em contribuir, tanto quanto lhe for possivel, para a creação d'um laboratorio para os internos.»

Não precisámos de dizer com que alegria e entusiasmo estas promessas foram acolhidas. Que nos seja permitido, terminando esta narração, agradecer a todos que responderam ao nosso appello, e deram com a sua presença á nossa reunião fraternal todo o lustre e brilho de uma festa esplendida. Se tal reunião, em que se trataram as questões mais graves e mais interessantes, pôde servir de alguma utilidade á pharmacia e aos internos de pharmacia, os que promoveram o banquete, e todos os que n'elle tomaram parte congratulam-se devéras por se verem reunidos ainda uma vez para um fim tão nobre e tão humanitario.

(*Union Pharmaceutique.*)

## PHARMACIA

## TINCTURA DE PHOSPHORO

Pelo sr. dr. Emersen

Phosphoro.....	6 centigram.
Alcool absoluto.....	10 gram.
Glycerina.....	24 »
Alcool a 90°.....	4 »
Essencia de hortelã pimenta....	2 »

Solva o phosphoro no alcool absoluto e a glycerina e aromatize com o alcoolado de essencia de hortelã pimenta. A solução é completa e o soluto fica perfeitamente limpido.

Este preparado é administrado na dóse de 2 grammas, de quatro em quatro horas, no tratamento das neuralgias.

## TOPICO COM PERCHLORETO DE FERRO CONTRA A ZONA

Pelo sr. dr. Mercier

Soluto de perchloreto de ferro do Codex	300 gram.
Alcool a 90°.....	100 »

Misture. As dores da zona desaparecem depois de duas ou tres applicações d'este topico, executadas no mesmo dia.

## CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS

Folhas de belladona.....	} aa 5 gram.
Folhas de dedaleira.....	
Folhas de estramonio.....	
Folhas de salva.....	
Tinctura de benjoim.....	40 »
Azotato de potassa.....	75 »
Agua.....	1:000 »

Faça decocto de todas as plantas; cõe, ajunte o azotato e, depois de frio, a tinctura.

N'este liquido immerge-se, folha a folha, uma mão de pa-

pel buvard. Depois de 24 horas secca-se o papel, corta-se em rectangulos de 10 centimetros de comprimento sobre 7 centimetros de largura.

### CLYSTER ANTIDIARRHEICO

Pelo sr. Bouchut

Borato de soda ..... 10, 15 e 30 gram.

Agua..... 125 »

F. s. a.

### EMPREGO DA CREOSOTA NO TRATAMENTO DA TISICA PULMONAR

Pelos srs. Bouchard e Gimbert

Soluto oleoso

Oleo de figado de bacalhau..... 150 gram.

Creosota pura..... 1 a 2 »

Misture. Administra-se duas a quatro colheres das de sopa d'este soluto em vinte e quatro horas, cada colher em um copo de agua.

Vinho creosotado

Creosota pura..... 13,50 gram.

Tinctura de genciana..... 30,00 »

Alcool..... 250,00 »

Vinho de Malaga, q. b. para um litro.

Misture.

### GOTAS RUSSAS

Pelo sr. Niemeyer

Tinctura etherea de valeriana..... 8,00 gram.

Vinho de ipecacuanha..... 4,00 »

Laudano de Sydenham..... 4,30 »

Essencia de hortelã pimenta..... 5 gotas.

Misture. Este medicamento é aconselhado para combater os vomitos rebeldes do cholera-morbus.

**POMADA DE CHLORAL**

Pelo sr. Horand

Hydrato de chloral ..... 0,20 gram.

Banha preparada..... 30,00 »

Misture. Contra as dermatosas humidas e que causam prurido.

**POMADA DA VIUVA FARINIER**

Form. do dr. A. Bouchardat, 1849

Manteiga de vacca muito recente..... 60 gram.

Minio ..... 1 »

Acetato de chumbo crystallizado..... 3 »

F. s. a.

**SOLUTO CONTRA O IMPÉTIGO**

Pelo sr. Biett

Azotato de prata crystallizado..... 2 gram.

Agua distillada..... 25 »

Solva. applica-se sobre a superficie doente com a rama de uma penna humedecida n'este soluto; logo em seguida bannha-se com agua fria a parte tocada pelo soluto caustico.

**SOLUTO CONTRA A OZENA**

Pelo sr. Gambarini

Chlorato de potassa..... 10 gram.

Agua distillada..... 300 »

Solva. Faz-se sorver este soluto tres ou quatro vezes por dia.

**TRATAMENTO DA BLÉPHARITA MUCOSA**

Pelo sr. Testelin

Chloreto mercurico..... 0,05 gram.

Extracto de meimendro ..... 4,00 »

Agua distillada ..... 125,00 »

Faça collyrio n.º 1.

Chloreto mercurico.....	0,05 gram.
Laudano de Sydenham.....	1,00 »
Alcool camphorado.....	1,00 »
Agua distillada.....	125,00 »

Faça collyrio n.º 2.

Lava-se as palpebras, pouco abertas, cinco ou seis vezes ao dia, com um ou outro d'estes collyrios, diluidos com metade de agua quente no inverno. Começa-se pelo collyrio n.º 1, quando a doença é recente e affecta a fórma aguda. Se a inflamação é antiga e de disposição chronica, prefere-se o collyrio n.º 2.

Á noite unta-se a borda das palpebras com a pomada seguinte:

Calomelanos por vapor .....	1 gram.
Banha preparada .....	6 »

F. s. a.

NOTA SOBRE A ALTERABILIDADE DOS CALOMELANOS  
E AS PRECAUÇÕES NECESSARIAS NO SEU USO  
THERAPEUTICO

Pelo sr. Jolly, pharmaceutico

Em o n.º 5 (maio de 1877) do *Année médicale*, jornal da sociedade de medicina de Caen e dos Calvados, contém um artigo intitulado: *Formation du sublimé corrosif dans un mélange de calomel et de sucre* (*Osservatore med. Siciliano*, n.º 1-2, 1877), no qual encontramos os factos seguintes:

«Os calomelanos em pó, postos em contacto com o assucar branco pulverisado ou a magnesia calcinada, durante vinte e quatro horas, produzem certa quantidade de sublimado corrosivo.

«O dr. Polk tem verificado todos os effeitos de envenenamento pelo sublimado corrosivo, produzido pela administração da mistura de calomelanos e assucar preparada depois de um mez.

«No jornal de pharmacia e de chimica de Turin (novembro



de 1875) encontra-se consignado o mesmo facto, tendo-se empregado as pastilhas de calomelanos.

«Carlo Bernadi, pharmaceutico em Milan (*Bull. farm. de Pietro Viscardi*, outubro de 1876), havendo procedido a numerosas experiencias, attribue o envenenamento não á formação do sublimado corrosivo mas á impureza dos calomelanos empregados.»

Este trabalho apresenta certo interesse no uso therapeutico dos calomelanos. Eis a razão por que o sr. presidente da sociedade de medicina pratica me encarregou de fazer algumas experiencias com o fim de elucidar esta questão.

Os calomelanos apresentam certa tendencia para desdobram-se em sublimado corrosivo e mercurio. Os agentes physicos e muitos dos agentes chimicos facilitam esta decomposição.

*Agentes physicos. Calor.*—Os calomelanos preparam-se sublimando a mistura de sublimado corrosivo (4 partes) e de mercurio metallico (3 partes). Todavia, sublimando os calomelanos perfeitamente puros e seccos, tem-se sempre decomposição parcial, formação de sublimado corrosivo e posto em liberdade do mercurio, o qual, misturado aos calomelanos inalterados, produz-lhes coloração cinzenta.

*Luz.*—Expostos á acção directa dos raios solares, os calomelanos, mesmo no estado de pureza e em vaso bem fechado, decompõem-se rapidamente, adquirem a coloração amarella que passa depois a cinzenta mais ou menos intensa.

*Agentes chimicos.*—Temos limitado as nossas experiencias aos agentes chimicos com os quaes os calomelanos podem ser misturados e com os que podem encontrar no organismo. Fizemos uso, para o doseamento do sublimado corrosivo, do methodo indicado pelo sr. Personne (iodeto de potassio).

No estomago, no momento do trabalho digestivo, os calomelanos podem achar-se em contacto com o succo gastrico, o qual em 1000 partes contém 2 partes de acido chlorhydrico e 5 partes de chloreto de sodio.

Preparámos os dois solutos seguintes:

1.º Agua distillada adicionada de acido chlorhydrico (2 para 1000), 100 centimetros cubicos, que pozemos em contacto com os calomelanos 1 gramma durante seis horas á temperatura constante de 40º: no fim d'este tempo o liquido filtrado continha 3 milligrammas de sublimado corrosivo.

2.º 100 centimetros cubicos de soluto de chloreto de sodio a 5 por 1000, calomelanos 1 gramma, passadas seis horas achámos 1 milligramma de sublimado corrosivo.

Algumas vezes administra-se ás crianças os calomelanos na gelêa de groselhas, polpa de fructos, etc., que contém acido citrico ou outro analogo. Um soluto composto de agua distillada, 100 grammas; acido citrico, 2 grammas; calomelanos, 1 gramma; exposto no espaço de seis horas e á temperatura de 40º, produziu 1 milligramma de sublimado corrosivo.

Portanto, o acido chlorhydrico, os chloretos alcalinos, os acidos vegetaes postos em contacto com os calomelanos dão a formação do sublimado corrosivo.

Depois de terem soffrido a acção dos acidos no estomago, os calomelanos supportam, no intestino, a acção do succo enterico que é alcalino. Tambem associam-se algumas vezes os calomelanos á magnesia calcinada.

A fim de saber como se comportam os calomelanos na presença dos alcalis, temos feito as experiencias seguintes:

1.ª Agua distillada, 100 centimetros cubicos; soda caustica, 0,50 grammas; calomelanos, 1 gramma. Os calomelanos ennegreceram immediatamente e, passadas seis horas, encontramos 6 milligrammas de sublimado corrosivo.

2.ª Agua distillada, 100 centimetros cubicos; carbonato de soda, 1 gramma; calomelanos, 1 gramma. Os calomelanos denegriram e achámos, depois de seis horas, 4 milligrammas de sublimado corrosivo.

3.ª Agua distillada, 100 centimetros cubicos; magnesia calcinada, 1 gramma; calomelanos, 1 gramma: depois de seis horas verificámos a existencia de 3 milligrammas de sublimado corrosivo.

4.ª Magnesia calcinada e calomelanos, de cada cousa 1

gramma misturados. Lixiviando a mistura pela agua distillada, no fim de vinte e quatro horas obtivemos 4 milligramma de sublimado corrosivo.

A cal actuou como a magnesia.

Os carbonatos de cal e de magnesia, na presença da agua, actuaram sobre os calomelanos depois de seis horas de exposição á temperatura de 40°.

Resulta d'estas experiencias que os alcalis ou os seus carbonatos actuam energicamente sobre os calomelanos e determinam a formação de notavel quantidade de sublimado corrosivo. As bases terrosas, cal e magnesia, exercem uma acção semelhante, mas mais fraca; a acção é favorecida pela presença da agua.

Temos analysado algumas amostras de pastilhas de calomelanos preparados depois de muitos mezes; em nenhuma d'estas pastilhas achámos vestigio de sublimado corrosivo. Estes resultados estão em desaccordo com os dos sabios italianos, desaccordo que póde ser mais aparente que real.

Todavia, em Paris, não se faz uso senão dos assucares refinados que são puros e neutros, enquanto que em certas localidades, principalmente nas visinhanças das fabricas de assucar, emprega-se algumas vezes assucares de primeira crystallisação, denominados *assucares brutos*. Estes assucares contem quantidade variavel de hydrato de cal, a fim de impedir quanto possivel a sua alteração. O assucar bruto das colonias é sempre acido.

As experiencias precedentes permite-nos antever que, se associar os calomelanos ao assucar bruto, o alcali ou o acido que elle contém podem determinar a formação de certa quantidade de sublimado corrosivo. Não é pois o assucar que actua, mas sim as impurezas que elle contém.

As condições d'este trabalho são que, na pratica medica, deve-se evitar o contacto dos calomelanos com os acidos, os alcalis, os assucares brutos, etc.

(Gazette médicale.)

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES  
EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

Sessão de 25 de setembro de 1877

Presidencia do sr. J. U. da Veiga

O sr. *Felix Ferreira*, primeiro secretario, abriu a sessão eram sete horas da tarde.

Em seguida foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *Simões de Abreu*, servindo de primeiro secretario, fez a leitura da

Correspondencia

Officios — 1.º Da procuradoria regia da relação de Lisboa, pedindo á sociedade o seu laboratorio para n'elle se fazer a analyse toxicologica d'umas visceras extrahidas do cadaver de João Bernardino da Silva. — Concedido.

2.º Do ill.<sup>mo</sup> sr. Miguel José de Sousa Ferreira, nosso delegado no Porto, accusando a recepção de um officio que a sociedade lhe endereçara por occasião do fallecimento do nosso socio Antonio de Sousa Dias. — Inteirada.

Primeira parte da ordem do dia

O sr. *Felix Ferreira*, convidou o ex.<sup>mo</sup> sr. Joaquim Urbano da Veiga a occupar o logar para que tinha sido eleito em sessão de 22 de agosto.

O sr. *Veiga* agradeceu com as seguintes palavras:

«Senhores. — Ao tomar posse do cargo de presidente da sociedade pharmaceutica lusitana, a que por votação unanime fui elevado em sessão de 11 do corrente, não posso deixar de vos testemunhar a minha sincera gratidão pela honra que de vós recebi.

«Não creio que me escolhesseis para este logar por me julgardes á altura d'elle. Convenço-me antes que a vossa extrema benevolencia, para commigo de que aliás tenho tido tão repetidas provas, vos levou a dar este passo.

«Cabe-me o dever de procurar por todas as fôrmas corresponder á confiança que em mim depositastes. Procurarei sempre conservar as nobres tradições legadas pelos meus illustres predecessores, a quem a sociedade tanto deve.

«Não posso comtudo deixar de vos lembrar que sem o vosso concurso nada poderei fazer. Um grande numero dos nossos consocios, não comparecendo ás sessões, priva-nos do seu auxilio. Seria muito para desejar que esta abstenção de tão grande numero de socios acabasse, e que nós podessemos, durante o anno que ora começa, resolver alguns dos problemas mais importantes para o bem-estar da classe.

«Convençamo-nos porém que a sociedade é de todos os socios, e que os poucos que, ás vezes com grave sacrificio, concorrem ás sessões, nada poderão fazer sem o auxilio do maior numero.

«Aos meus dois collegas da mesa, muito especialmente peço a sua valiosa coadjuvação, fazendo sinceros votos para que entre nós haja sempre a melhor harmonia.

«Termino, pedindo á sociedade um voto de louvor e agradecimento ao sr. dr. Joaquim José Alves, meu illustrado predecessor, pelo muito que sempre se interessou, e continuará de certo a interessar-se pela gloria e bom nome da sociedade pharmaceutica lusitana. Iguaes agradecimentos e louvores devem ser dados aos dois illustres secretarios pelos serviços prestados por elles durante o anno findo.»

Em seguida, o sr. *presidente* propoz que na acta fosse lançado um voto de louvor ao sr. dr. Alves, ao primeiro secretario o sr. Felix Ferreira, e outro ao segundo secretario. A sociedade approvou unanimemente.

O sr. *Felix Ferreira*, reconhecido a tão lisongeira prova, agradeceu ao sr. presidente a sua generosa iniciativa, prometendo fazer quanto lhe permittissem as suas forças, em pró da sociedade.

O sr. *José Dionysio Corrêa* disse que, interpretando os sentimentos da sociedade, se congratulava por tão acertada escolha para o logar de presidente. Que de ha muito, sabedor das



altas qualidades e illustração do sr. Veiga, não podia deixar de ver n'elle um seguro esteio para a sociedade.

O sr. *Machado* lembrou que lhe parecia conveniente proceder em seguida á eleição para o logar de primeiro vice-presidente.

O sr. *Felix Ferreira* disse que se não associava á proposta do sr. *Machado*, porquanto era infringir algumas disposições do nosso regimento interno, que determina expressamente o aviso previo a todos os socios, facto que se não dera.

A sociedade resolveu adiar a eleição de primeiro vice-presidente para a proxima sessão, precedendo avisos na conformidade do dito regimento.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão dando para ordem do dia da sessão seguinte — propostas, pareceres, segundas leituras e eleição de primeiro vice-presidente.

Eram onze horas da noite. = O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

#### Sessão de 10 de outubro de 1877

Presidencia do sr. J. U. da Veiga

O sr. *presidente* abriu a sessão eram sete horas da tarde. Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Em seguida o sr. *primeiro secretario* fez a leitura da

#### Correspondencia

Officios: — 1.º Do ex.º sr. Adriano Ernesto Kokt Bandeira, de Condeixa, accusando a recepção do diploma para o logar de delegado da sociedade; e testemunhando o seu muito reconhecimento por tão honrosa missão; cujo desempenho procuraria manter condignamente. — Inteirada.

2.º Do ex.º sr. José Raymundo Alves Sobral, de Coimbra, dando noticia de ter recebido o diploma, em que a sociedade lhe conferira o cargo de delegado, e agradecendo a honra de tão subida distincção. — Inteirada.

3.º Do ex.º sr. director da escola medico-cirurgica de Lis-

boa, convidando a sociedade a assistir á abertura dos cursos e distribuição dos premios. — Inteirada.

#### Propostas

O sr. João Francisco Delicioso propoz que a sociedade pharmaceutica lusitana, como corporação scientifica, lançasse na acta um voto de sentimento pela infausta morte do nosso sabio historiador, o sr. Alexandre Herculano. Posta á votação foi immediata e unanimemente approvada.

#### Pareceres de commissões

Foram lidos e approvados:

1.º Um parecer da commissão de direito pharmaceutico, relativamente á proposta para presidente honorario, feita e apresentada pelos srs. José Mendes da Assumpção, Antonio Augusto Felix Ferreira e João de Jesus Pires.

2.º Outros pareceres da mesma commissão, sobre propostas para socios honorarios, foram igualmente lidos e approvados.

#### Eleições

O sr. *presidente* disse que, achando-se vago o lugar de primeiro vice-presidente, ia, em conformidade com a ordem da noite, proceder á respectiva eleição, para cujo fim interrompeu a sessão.

Feitas as listas, procedeu-se á votação; e apurado o escrutinio ficou eleito o sr. João José de Sousa Telles.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem da noite da sessão seguinte pareceres de commissões, votações de propostas para candidatos a membros honorarios, propostas, segundas leituras, etc.

O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

---

#### Sessão de 15 de novembro de 1877

Presidencia do sr. J. U. da Veiga

Abertura da sessão ás sete e meia horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da

#### Correspondencia

Um officio do ill.<sup>mo</sup> sr. Joaquim Baptista de Sousa, do Porto, referindo-se a assumptos de thesouraria. — Respondido.

#### Ordem do dia

##### Propostas

O sr. *J. D. Corrêa* propoz que fossem elevados á classe de membros benemeritos todos aquelles socios instituidores que ainda não possuissem o respectivo diploma. — Remettida á commissão de direito pharmaceutico.

Sob proposta do sr. Veiga foi admittido socio correspondente nacional o ill.<sup>mo</sup> sr. Antonio Joaquim Rosado e Silva, pharmaceutico em Borba.

Igualmente foi admittido para membro correspondente nacional o ill.<sup>mo</sup> sr. João Baptista Barbosa Gomes Osorio, de Vallongo, sob proposta do socio benemerito o sr. José Tedeschi.

Leram-se na mesa e foram votados dois pareceres da commissão de direito pharmaceutico: 1.<sup>o</sup> Um parecer com referencia á proposta dos srs. Drack e Felix Ferreira, sendo elevado por approvação da sociedade o socio proposto o ill.<sup>mo</sup> sr. Oliveira Abreu á classe de membro honorario; 2.<sup>o</sup> Um parecer da mesma commissão, relativo a outra proposta do sr. Felix Ferreira, sendo elevados á classe de socios honorarios os srs. D. Luiz Gongora e D. José Casar y Monserrat, de Catalunha.

#### Segunda parte da Ordem do dia

O sr. *primeiro secretario* fez a leitura do orçamento respectivo ao anno economico de 1877 a 1878, que a sociedade approvou.

Em seguida o sr. Assumpção pediu que lhe fosse lido o officio, remettido a esta sociedade pela associação das classes laboriosas, em que se nos agradecia o emprestimo da sala.

Depois da leitura do referido officio, o sr. Assumpção disse

que fôra desagradavelmente surprehendido pela estranha redacção d'aquelle documento.

Que tinha sido elle, na qualidade de socio antigo da sociedade, quem lembrára a acquisição da sala da nossa sociedade para a reunião da referida associação, e que esta circumstancia o impellia a uma satisfação á sociedade, satisfação que deveria achar na sociedade a revelação correspondente á sua total ignorancia em relação a este incidente. — A sociedade, ouvindo as declarações do sr. Assumpção, declarou-se plenamente satisfeita.

O sr. *presidente*, como não houvesse mais nada a tratar, encerrou a sessão, dando para ordem da noite da seguinte propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. = O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

## VARIÉDADES

**Chloreto mercurioso.** — Pôde ser falsificado com os carbonatos de chumbo ou de cal, sulfato de cal, gomma arabica e amido.

Para se reconhecer estas fraudes, o sr. Gay recommenda que, sublimando pequena quantidade de chloreto suspeito, todas as substancias estranhas ficam como residuo. Produzindo este effervescencia com os acidos, contém carbonatos: se for o de chumbo, o soluto precipita em negro pelo hydrogenio sulfurado, em amarello pelo iodeto de potassio; se for o de cal, torna-se escuro pelo hydrogenio sulfurado e precipita em branco pelo oxalato de ammonia. O mesmo residuo, tratado pela agua quente, esta apodera-se do sulfato de cal, que se manifesta pelo chloreto de bario e pelo oxalato de ammonia.

Sendo tratado pela agua fria pequena porção de chloreto mercurioso suspeito, solve-se a gomma, que é precipitada pelo alcool, e, pela agua fervente, solve-se o amido e este soluto colóra-se em azul pela agua iodada.

J. D. CORRÊA.

**SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA**  
**Balancete do 4.º trimestre de 1877**

Recetta	Despeza
Saldo em cofre em 1 de outubro de 1877.....	Impresso do jornal.....
Quotas dos membros contribuintes.....	Analyses toxicologicas.....
Diplomas.....	Encadernação de livros para a bibliotheca.....
Juros de inscripções.....	Renda da casa.....
Analyses toxicologicas.....	Iluminação.....
131 \$225	Ordemado do continho.....
82 \$800	Gratificação ao jardineiro.....
1 \$200	Gratificação ao escripturario.....
124 \$800	Estampilhas para jornaes e correspondencia.....
48 \$000	Despezas de expediente.....
	Gratificações por diversos serviços extraordinarios.....
	Diversas despezas.....
	18 \$770
	36 \$000
	6 \$200
	6 \$200
	100 \$000
	4 \$230
	45 \$000
	1 \$500
	9 \$000
	4 \$145
	2 \$870
	12 \$000
	6 \$080
387 \$725	245 \$795
	144 \$930
	387 \$725

Secretaria da sociedade pharmaceutica Lusitana, 31 de dezembro de 1877.

O primeiro secretario,

*Antonio Augusto Felix Ferreira.*

O thesoureiro,

*Joaquim de Sant' Anna Machado Figueiras.*



# INDICE ALPHABETICO

DAS

## MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO

### A

Acido benzoico. 141.  
Acido carbonico camphorado. 87.  
Acido chlorhydrico. 163.  
Acido phenico. 202.  
Acido phenico (envenenamento pelo). 87.  
Acido salicylico (reacções do). 190.  
Acido tannico. 162.  
Acido thymico ou thymol. 196.  
Acta da sessão solemne anniversaria da sociedade, em 24 de julho de 1877. 146, 169.  
Actas das sessões litterarias da sociedade (extractos das). 22, 48, 100, 114, 134, 145, 174, 176, 208, 232.  
Actas das sessões da sociedade, nas quaes se tratou de responder á consulta do governo, sobre se convem ou não continuar a haver regimento dos preços dos medicamentos. 48, 61, 91.  
Agua. distillada de eucalypto. 200.  
Agua phenica. 118.  
Alcoometria e diluição do alcool. 119.  
Algodão iodado. 196.  
Almiscar. 37.  
Aloès contendo substancias estranhas. 48.  
Alterações occorridas no quadro da sociedade, durante o 42.º anno, 139.  
Alumen. 124.

Ammoniac liquido. 37.

Analyse da fuchina no vinho vermelho. 85.

Aviso importante do sr. Dorvaut, pedindo que, para evitar algum engano perigoso, se emendem na sua *Officine* as formulas do acooleo de atropina e dos xaropes de atropina e de chloral. 21.

Aviso da sociedade, convidando todos os socios a enviar-lhe a noticia de quaesquer embaraços que tenham encontrado na execução de alguns processos pharmaceuticos ou de qualquer occorrença digna de consulta. 21.  
Azeite verde de Malaga (falsificações do). 126.

Azotato de potassa. 180.

Azotato de soda. 203.

### B

Balancetes da receita e despeza da sociedade, respectivos ao 4.º trimestre de 1876, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º trimestres de 1877. 20, 60, 144, 204, 238.

Balsamo peruviano. 182.

Benjoim. 124.

Benzina. 201.

Bitartarato de potassa. 184.

Borato de soda. 143.

Breve noticia sobre a riqueza das

quinas cultivadas nas possessões portuguezas da Africa, pelo sr. Joaquim dos Santos e Silva. 43.  
Brometo de lithio. 183.  
Brometo de potassio. 141.  
Bromureto de camphora. 37.

### C

Colomelanos (nota sobre a alterabilidade dos) e as precauções necessarias no seu uso therapeutico. 228.  
Carbonato de ammonia. 164.  
Carbonato de cobre e de potassa considerado como reactivo dos assueares. 88.  
Castoreo. 200.  
Chloreto mercurioso. 237.  
Chlorhydrato de morphina. 201.  
Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, editaes, etc., relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza. 15, 110.  
Cigarros antiasthmaticos. 225.  
Citrato de magnesia. 142.  
Coca. 197.  
Clyster anti diarrheico. 226.  
Codéina. 161.  
Collodio abortivo das pustulas variolicas. 165.  
Collodio anesthesico. 165.  
Collodio hemostatico. 165.  
Collutorio de hydrato de chloral. 165.  
Collyrio contra a keratita. 41.  
Commissões permanentes para o 43.º anno da sociedade. 175, 209.  
Compostos arsenicaes (doses toxicas e dos contra-venenos de alguns). 185.  
Condemnações. 35.  
Considerações apresentadas á sociedade, sobre o assumpto de que trata a portaria do ministerio do reino de 29 de janeiro de 1877, pela commissão de direito pharmaceutico. 62.  
Cravagem de centeio. 40.  
Creosota (emprego da) no tratamento da tísica pulmonar. 226.

Cyanureto de potassio (preparação do). 89.  
Cyanureto de potassio (purificação do). 90.

### D

Decreto do ministerio dos negocios do reino, de 14 de setembro de 1876, approvando o projecto de pharmacopéa geral do reino, sob a denominação de «Pharmacopéa Portugueza», elaborado pela commissão nomeada por decreto de 15 de novembro de 1871. 111.  
Decreto do ministerio dos negocios do reino, de 21 de junho de 1877, nomeando a commissão pharmaceutica encarregada de propor a reforma do regimento dos preços dos medicamentos, que foi decretado em 24 de julho de 1866. 113.  
Decreto do ministerio dos negocios do reino, de 28 de junho de 1877, dando por dissolvida a commissão nomeada por decreto de 15 de novembro de 1871, encarregada de elaborar a Pharmacopéa Portugueza, e louvando os seus vogaes pelo distincto zelo e incontestavel competencia scientifica de que deram provas. 112.  
Digitalina. 36.  
Discurso do director da escola medico-cirurgica de Lisboa, o sr. dr. Thomas de Carvalho, por occasião do enterramento do dr. Bernardino Gomes. 135.  
Discurso do sr. Sousa Martins, no enterramento do dr. Bernardino Gomes. 139.  
Dissociação do hydrato de chloral. 88.  
Doadores (lista dos) e objectos doados, durante o 42.º anno da sociedade. 156.  
Doses toxicas e dos contra-venenos de alguns compostos arsenicaes. 185.  
Dynamita (envenenamento pela). 187.

**E**

- Eleolato de cravo da India (falsificação do). 14.  
 Elixir de coca. 198.  
 Elixir estomachico. 128.  
 Elogio funebre do socio benemerito o dr. Bernardino Antonio Gomes. 104.  
 Emplastro de cantharidas. 166.  
 Emprego do alcool na preparação de certos xaropes fermentesciveis. 185.  
 Emprego da creosota no tratamento da tísica pulmonar. 226.  
 Emulsão de balsamo de Tolu. 199.  
 Emulsão de carne. 128.  
 Emulsão de medicamentos insolúveis na agua. 198.  
 Emulsão mixta. 41.  
 Envenenamento pelo acido phenico. 87.  
 Envenenamento de chumbo, causado pelo uso de legumes. 125.  
 Envenenamento pela dynamita. 187.  
 Escola de medicina de Poitiers. 123.  
 Escola de medicina de Rouen. 123.  
 Escola superior de pharmacia de Nancy. 36.  
 Escola superior de pharmacia de Paris. 19, 123, 179.  
 essencia de hortelã pimenta. 183.  
 Eucalypto. 199.  
 Extracto de coca alcoolico. 198.

**F**

- Faculdade de medicina e de pharmacia de Lille. 19.  
 Falsificação do eleolato de cravo da India. 14.  
 Falsificação da manteiga pelos corpos de origem animal. 9.  
 Falsificações dos vinagres brancos e do azeite verde de Malaga. 125.  
 Farinha de linhaça. 142.  
 Formulas para o emprego das sementes de abobora contra a ténia. 41.  
 Formulas para o tratamento das keratitas. 41.  
 Fuchsina (vinho contendo). 5.

- Fuchsina no vinho vermelho (analyse da). 85.  
 Fuchsina nos vinhos (processos para reconhecer a presença da). 6.  
 Funcionarios para o 43.º anno da sociedade. 174.

**G**

- Galbano. 181.  
 Gargarejo salicylico. 127.  
 Gazeta dos hospitaes militares. 35.  
 Genciana. 200.  
 Glicereo de subacetato de chumbo. 205.  
 Glycerina. 38.  
 Glycerina (propriedade toxica da). 85.  
 Glycerina pura crystallisada. 89.  
 Glyceroleo contra o eczema. 166.  
 Glyceroleo de iodo e tannino. 129.  
 Gomma alcatira. 84.  
 Gotas contra a anemia. 42.  
 Gotas russas. 226.  
 Granulos de bromhydrato de cicutina. 43.  
 Granulos de cyaneto de zinco. 129.  
 Granulos de digitalina crystallisada. 198.

**H**

- Hydrato de chloral (dissociação do). 88.

**I**

- Indice chimico-pharmaceutico, da collocação das substancias medicinas nas pharmacias. 103.  
 Infuso de coca. 197.  
 Injecção contra a ozena. 166.  
 Injecções hypodermicas febrifugas. 4.  
 Iodeto de potassio. 162.  
 Iodo. 181.  
 Iodureto de amido considerado contra-veneno. 86.

**L**

- Legumes (envenenamento de chumbo, causado pelo uso de). 125.

Licor dentifricio. 129.  
Licor de strychnina. 166.  
Liquido hemostatico. 166.  
Lista dos delegados e sub-delegados da sociedade, residentes no continente do reino, ilhas, possessões ultramarinas e Brazil. 27, 210.  
Lista dos doadores e objectos doados, durante o 42.º anno da sociedade. 156.  
Loção antiseptica. 41.  
Loção para o tratamento do ptyriasis. 167.

### M

Manná. 201.  
Manteiga (falsificação da). 9.  
Meios de distinguir o bi-chlorureto de méthyleno do chloroformio. 188.  
Mercurio doce. 182.  
Mistura contra a metrorrhagia. 167.  
Mistura dentifricia. 105.  
Mistura emulsiva de abobora. 41.  
Mistura de essencia de sandalo. 205.  
Mistura odontalgica. 105.  
Mistura salina composta. 179.  
Monobromureto de camphora. 83.  
Morphina (novo reactivo da). 10.

### N

Narcéina. 124.  
Nomeações em França. 19.  
Nota sobre a alterabilidade dos calomelanos e as precauções necessarias no seu uso therapeutico. 228.  
Nova falsificação do sulfato de quina. 132.  
Novo reactivo da morphina. 10.

### O

Oleo de amendoas doces. 104.  
Oleo de croton tiglium. 38.  
Oleo de ricino. 103.

### P

Parecer da commissão de direito

pharmaceutico, sobre a consulta do governo ácerca do regimento dos preços dos medicamentos. 50.  
Parecer da commissão de pharmacia sobre a proposta do consocio o sr. Antonio Vaz Teixeira, de Cabeceiras, ácerca da « *Mistura salina composta* ». 178.  
Parecer da sociedade sobre o regimento dos preços dos medicamentos, dado como resposta á portaria do ministerio do reino de 29 de janeiro de 1877. 76.  
Pasta contra a ténia. 42.  
Pasta emulsiva contra a ténia. 42.  
Pasta phosphorada para a destruição dos animaes damnosos. 19.  
Pastilhas digestivas. 130.  
Petroleo. 103.  
Pharmaceuticos francezes. 36.  
Pilocarpina. 189.  
Pilulas anti diarrheicas adstringentes. 105.  
Pó de coca. 197.  
Pó composto contra as diarrhéas rebeldes. 205.  
Pó de cúbebas e copaiba contra a diphtherita. 206.  
Poção antispasmodica. 206.  
Poção antispasmodica extemporanea. 167.  
Poção balsamica contra a diphtherita. 206.  
Poção calmante. 207.  
Poção contra a asthma. 168.  
Poção contra a ténia. 42.  
Poção cyanica. 207.  
Poção de *ledum palustre*. 106.  
Poção salicylica. 106.  
Poção tónica ferruginosa. 207.  
Poder calorifico dos combustiveis. 193.  
Pomada antiophthalmica. 41.  
Pomada de chloral. 227.  
Pomada contra a keratita. 41.  
Pomada da viuva Farinier. 227.  
Portaria do ministerio dos negocios do reino, de 12 de janeiro de 1877, ordenando que os aspirantes pharmaceuticos de 2.ª classe não sejam admittidos a exame de pharmacia sem que previamente provem a identidade de pessoa. 15.

Portaria do ministerio dos negocios do reino, de 29 de janeiro de 1877, convidando a sociedade pharmaceutica lusitana a dar o seu parecer sobre se convém ou não continuar a haver regimento dos preços dos medicamentos. 16.

Portaria do ministerio dos negocios do reino, de 8 de maio de 1877, convidando a sociedade pharmaceutica lusitana a eleger d'entre os socios dois vogaes para auxiliarem a commissão incumbida da reforma do actual regimento dos preços dos medicamentos. 110.

Preparação do cyanureto de potasio. 89.

Processos para reconhecer a presença da fuchsina nos vinhos. 6.

Programma das questões scientificas para o 43.º anno da sociedade. 154.

Propriedade toxica da glicerina. 85.

Propriedades caracteristicas e reactivos dos saes. 11.

Purificação do cyanureto de potasio. 90.

Purificação do sulphureto de carbono. 36.

## Q

Quadro da sociedade (alterações occorridas no), durante o 42.º anno. 159.

Questões scientificas (programma das) para o 43.º anno da sociedade. 154.

## R

Reacções do acido salicylico. 190.

Reactivo dos assucares (carbonato de cobre e de potassa considerado como). 88.

Relação do banquete de 25 de julho de 1877, dado na sala de guarda dos internos de pharmacia, por occasião da demolição do velho hospital *Hôtel-Dieu*. 213.

Relatorio dos trabalhos da sociedade, durante o 42.º anno, feito

pelo segundo secretario o sr. João de Jesus Pires. 147.

Remedio contra a dor de dentes cariados. 4.

Remedio para curar as dores rheumaticas locais e dores neuralgicas. 107.

Remedio para curar as lombrigas (vermes lombricoides). 3.

Remedio para curar e preservar a variola (hexigas). 130.

Remedio especifico contra a tosse convulsa. 106.

Remedio para expulsar a ténia. 107.

Resina elemi. 143.

Resina de jalapa. 124.

Rhuibarbo. 203.

## S

Saes de vanadio. 11.

Saes de yttria. 11.

Saes de zinco. 12.

Saes de zirconia. 14.

Sentenças judiciaes em França. 123.

Serpentaria de Virginia. 40.

Sessão solemne anniversaria da sociedade (acta da), em 24 de julho de 1877. 146, 169.

Sessões litterarias da sociedade (extractos das actas das). 22, 48, 100, 114, 134, 143, 174, 176, 208, 232.

Sessões da sociedade, nas quaes se tratou de responder á consulta do governo, sobre se convém ou não continuar a haver regimento dos preços dos medicamentos. 48, 61, 91.

Sociedade de pharmacia de Paris. 123, 202.

Solubilidade de diversos medicamentos. 36.

Soluto de acido salicylico. 108.

Soluto de acido salicylico a 1 : 100. 119.

Soluto de acido salicylico concentrado. 90.

Soluto de acido thymico. 196.

Soluto aquoso glicerinado. 108.

Soluto de azotato de alumina. 131.

Soluto de bromhydrato de cicutina. 127.



Soluto contra o impétigo. 227.  
Soluto contra a ozéna. 227.  
Soluto hypodermico de bromhydra-  
to de cicutina. 127.  
Soluto oleoso. 226.  
Soluto de phenato de soda. 118.  
Soluto de phenol sodico. 118.  
Soluto para o curativo das ulceras  
atonicas. 168.  
Soluto para o tratamento das ulce-  
ras syphiliticas. 168.  
Sulfato de quinina (nova falsifica-  
ção do). 132.  
Sulfato de zinco. 143.  
Sulfito de soda empregado em di-  
versos curativos. 131.  
Sulfovinato de soda. 164.

**T**

Tartarato de potassa e de soda. 163.  
Terebinthinas. 182.  
Thridacio. 161.  
Tinctura de phosphoro. 225.  
Tinctura de quillaya saponaria. 199.  
Topico com perclorato de ferro  
contra a zona. 225.

Tratamento de blépharita mucosa.  
227.

**V**

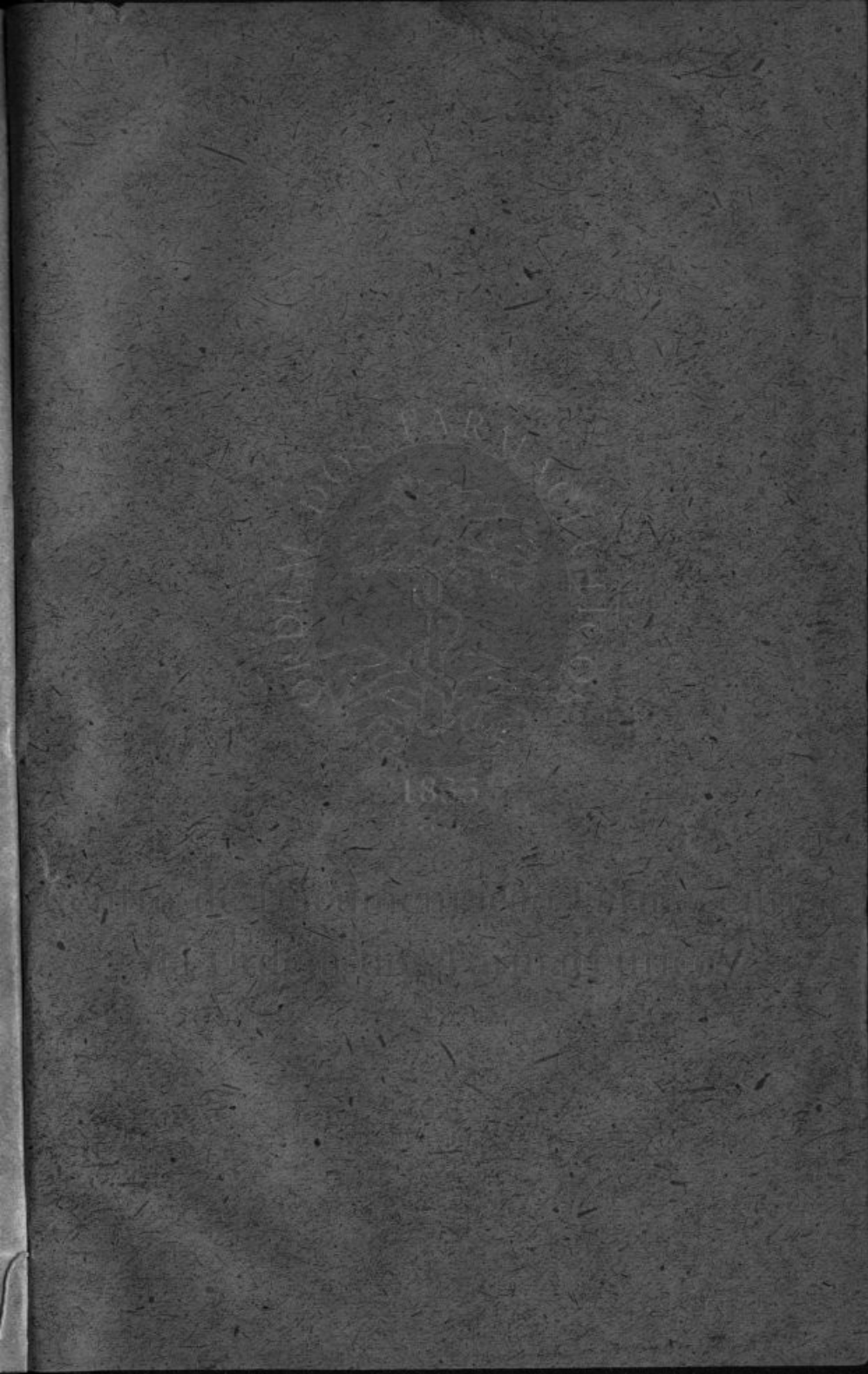
Valeriana. 184.  
Vinagres brancos (falsificações dos).  
125.  
Vinho de coca. 197.  
Vinho contendo fuchsina. 5.  
Vinho creosotado. 226.  
Vinho salicylico. 127.

**X**

Xarope de bromhydrato de cicuti-  
na. 108.  
Xarope de chloral. 131.  
Xarope de coca. 198.  
Xarope de eucalypto. 200.  
Xarope salicylico. 108.  
Xarope tonico-vermifugo. 108.  
Xarope contra tosses e doenças que  
as causam. 109.  
Xaropes fermentesciveis (sobre o  
emprego do alcool na preparação  
de certos). 185.

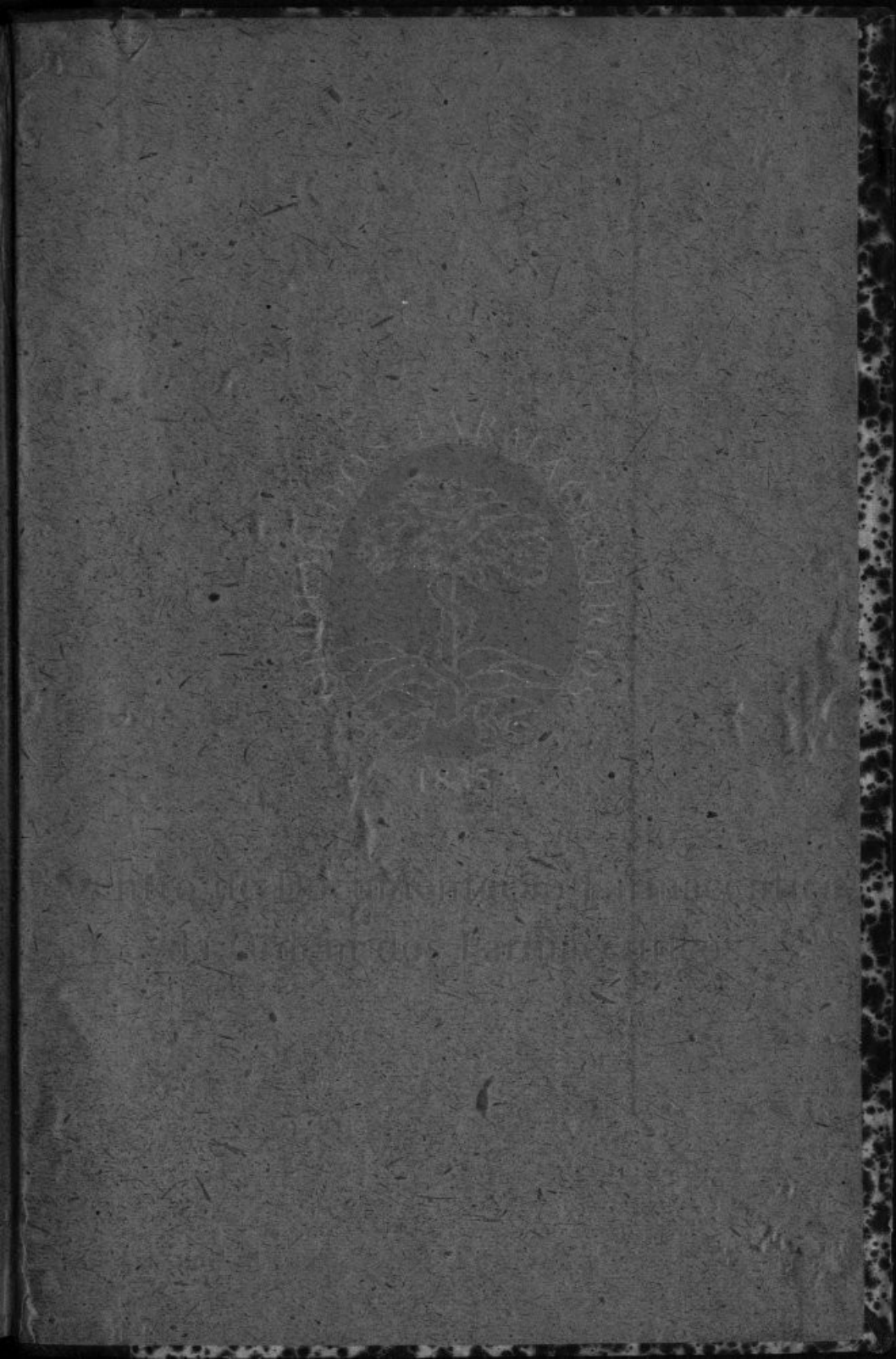
Centro de Documentação Farmacéutica  
da Ordem dos Farmacêuticos

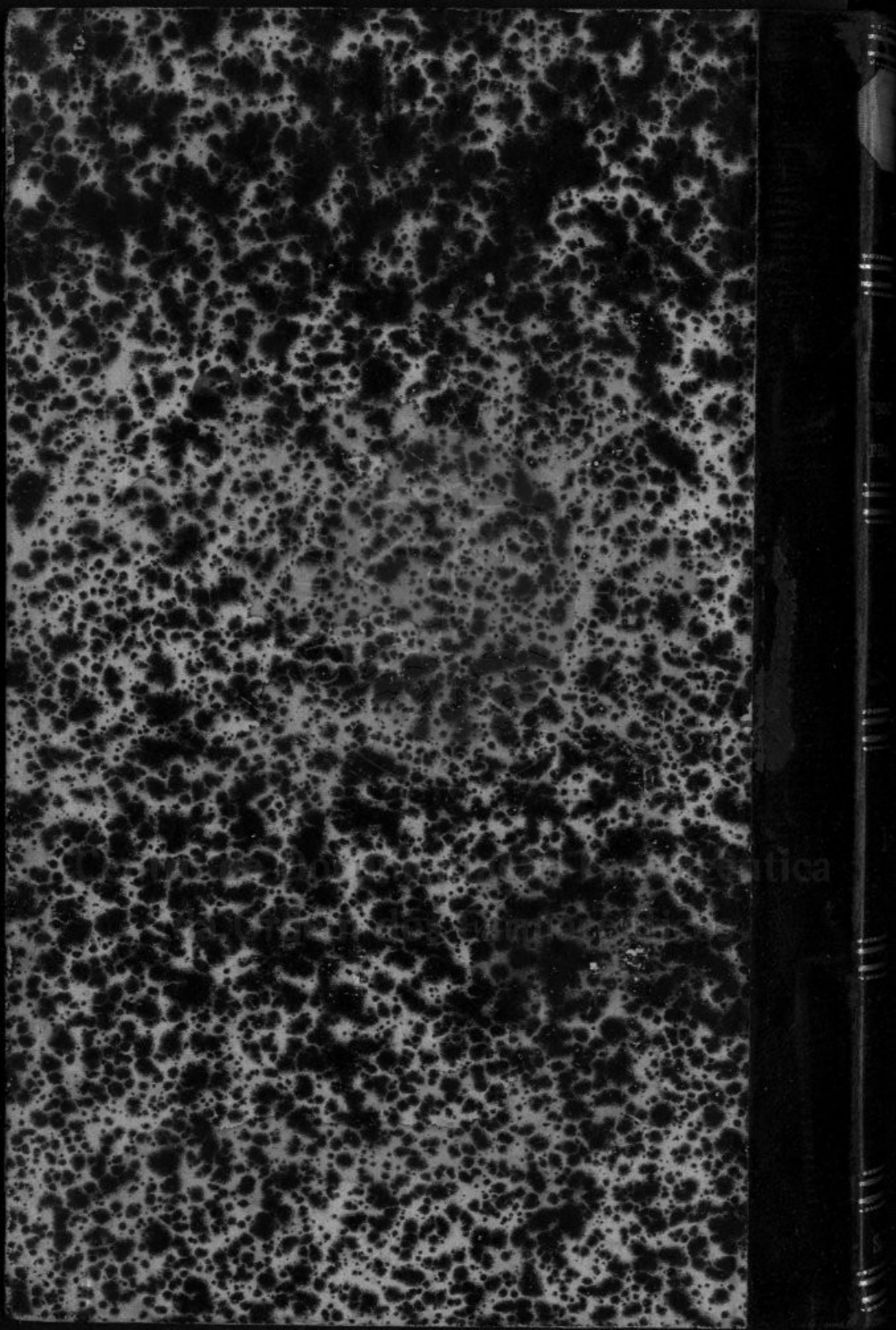
180



THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
PRESS

1835









JORNAL

DA

SOCIEDADE

PAR

PHARMACEUTICA

1835

1877

S. P. H. L.